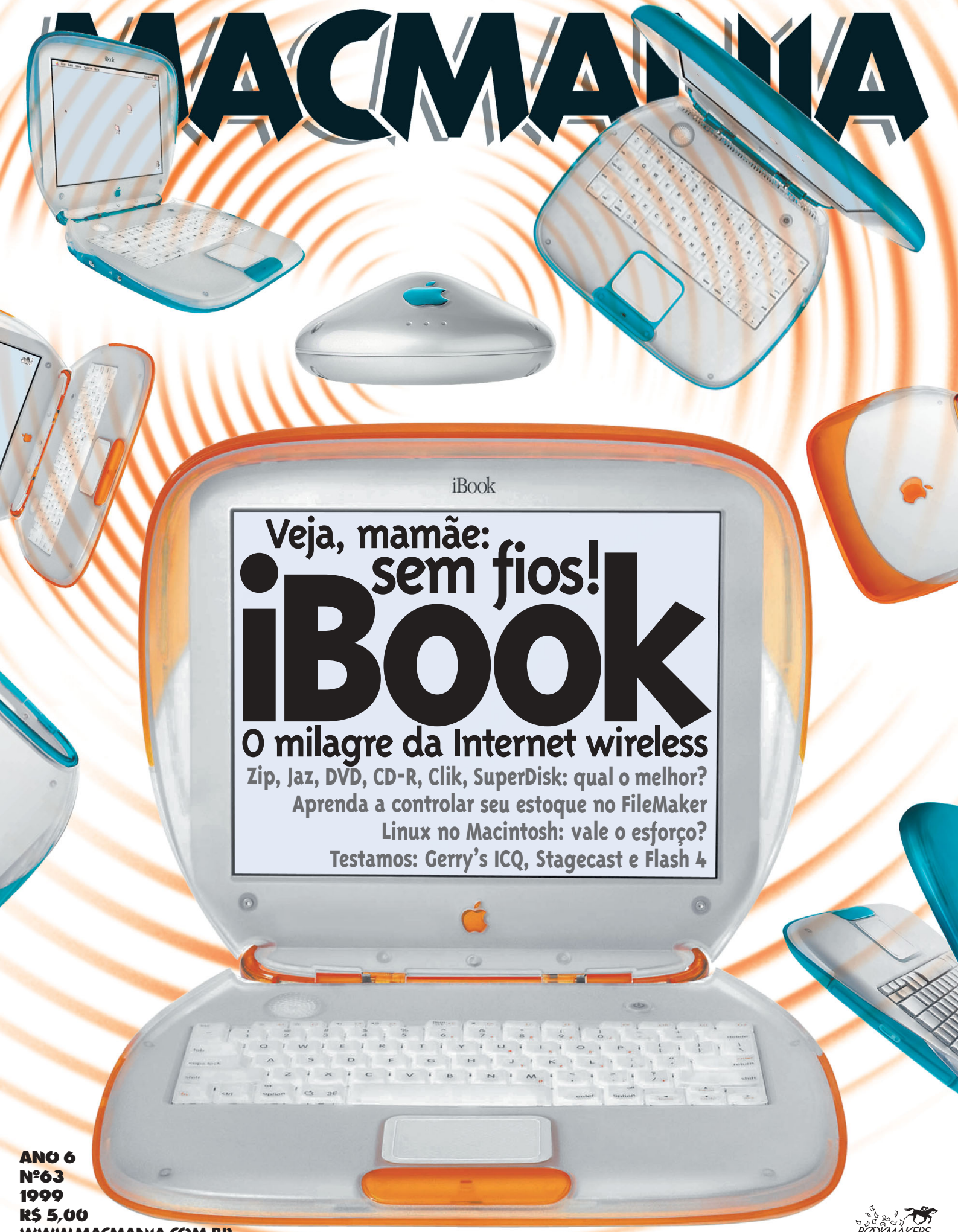
MACMANIA



Veja, mamãe: sem fios!

iBook

O milagre da Internet wireless

Zip, Jaz, DVD, CD-R, Clik, SuperDisk: qual o melhor?

Aprenda a controlar seu estoque no FileMaker

Linux no Macintosh: vale o esforço?

Testamos: Gerry's ICQ, Stagecast e Flash 4

ANO 6
Nº63
1999
R$ 5,00
WWW.MACMANIA.COM.BR

BOOKMAKERS

As Cartas Não Mentem

Paus e memória

Acabei de ler a reportagem sobre upgrades e há algum tempo tenho pensado em aumentar a minha memória (do meu PM 6500; a minha, só com sopa de cabeça de peixe). Nas revendas os preços estão meio abusivos; então fui atrás de lojas de PCs e, embora tenha achado pentes na voltagem correta (5 V), ninguém soube especificar a velocidade de acesso, apenas que o pente é de 66 MHz ou 100 MHz. Pergunta: alguma dessas serve para a minha máquina?

Lenaldo Rocha lrocha@odin.unaerp.br

Essa velocidade se refere ao clock do bus da motherboard. Mas não se preocupe, esse é apenas mais um jeito que os caras inventaram para diferenciar as memórias; se a voltagem é a certa, pode comprar.

Gabeira e os iMacs

Procure em seu jornaleiro mais próximo a incrível revista feita para nosso excelentíssimo deputado Fernando Gabeira: High Light, uma revista em defesa da maconha para outros fins sem ser o "tradicional". O que isso tem a ver com Mac? Tudo!!! Na capa tem um iMac verdinho, um dos modelos frutinhas de 266 MHz...

Dandalo Gabrielli dandalo@rio.com.br

É High Times, rabaiss. É melhor você dar um tempo com o "tradicional". E obrigado por tê-la comprado e enviado pra gente. Estamos dando na seção Mac na Mídia.

E o Rio?

Sou uma designer gráfica que vive no Rio e que obviamente trabalha com Mac. Além disso, meu marido (que também é um tarado por Mac) sempre traz vocês para a minha casa. Ultimamente venho sentindo a necessidade de fazer uns cursos (After Effects e Web design), mas ao procurar uma indicação na Macmania, só achei endereços em São Paulo. Gostaria, então, de perguntar: e o Rio?

Mariana vi@anita.visualnet.com.br

Nós é que perguntamos: e o Rio? Cadê essas escolas que não aproveitam essa ânsia carioca pelo saber e não anunciam seus cursos na Macmania? Falaram que tem uma tal de Power Image, em Ipanema, mas como não tem uma propagandinha sequer dela na revista, não dá pra saber o endereço. E aí, galiera? Vão regular essa mixaria?

Bancos e memória

Em outra mensagem, já sugeri uma reportagem sobre os bancos que oferecem softwares para Mac. Estou esperando, mas quase fiquei contente na última edição, quando o chefão da Apple no Brasil disse que já consultava a conta dele no Unibanco pelo computador, mas o banco não confirma a versão de home-banking para Mac, apenas pela Internet. Gostaria de saber se há essa versão. E ainda uma dúvida técnica: me disseram em uma loja que eu posso instalar sem problemas um pente de 128 MB de RAM no meu iMac Revision A junto com os meus 32 MB. Ou seja, na verdade não há limite de 128 MB!?

Tadeu tadeunet@zipmail.com.br

Tá reclamando do quê? Pela Internet já tá bom demais, tem banco que não tem nem isso e não dá a menor explicação para o fato, como se não existisse Java ou C++ no Mac. Dá pra instalar mais um pente de RAM, mas é mais complicado, porque o slot fica na parte de baixo da motherboard. A Newer Technology (www.newertech.com), fabricante de memórias, diz que é possível entuchar até 384 MB num iMac.

Scanners USB

Sugiro um teste comparativo dos scanners USB disponíveis no Brasil. Qual é melhor, o Agfa ou o Umax?

João T. da Costa jcosta@braudel.org.br

O Agfa já testamos, é muito bom. O da Umax ainda não tivemos oportunidade, mas deve chegar em breve. Aguarde.

O Mac na educação

Li com atenção a entrevista do senhor Luciano Kubrusly e o parabenizo pelo excelente trabalho que vem fazendo na direção da Apple Brasil. Só fiquei inquieto na questão relativa à área de educação. Percebi que a postura foi semelhante à de nossa classe política, que postula o seguinte: não há seriedade nesse setor (com raras exceções), então deixemos para depois. Concordo que computador na maioria das escolas é simplesmente para cobrar mensalidades maiores e atrair alunos, no caso da rede particular, e na rede pública é pura demagogia. Só tem um detalhe que o Luciano esqueceu: eles fazem isso com PC vagabundo e Windows qualquer coisa, comprados aos montes por menos de R$ 1.000 (antes da subida do dólar). Quem ganha com isso: Intel, AMD, IBM, HP. Resumindo, M$ & Cia. Cadê a Apple?

Sou professor e diretor de escola pública e leciono na rede particular. Na minha opinião, o aluno não quer o computador para aprender geografia, mas para ter uma especialização que o permita competir num mercado de trabalho cada vez mais restrito. Na rede particular, meus alunos só falam em Internet, quando falo em Mac eles vibram, mas é só. Eles não têm acesso a um.

A postura da Apple poderia ser mais agressiva nesse setor. A "solução competitiva" que o Luciano busca é: procurem vender mais barato. Sei que não é simples; porém, de que outra forma você convence uma diretoria de escola a comprar alguma coisa? Se podem comprar por mil, por que pagar mais novecentos? Outra coisa: existe uma tendência à autogestão no setor público. No Rio, por exemplo, as escolas estaduais podem se tornar autônomas, passando a receber um verba para ser aplicada conforme a necessidade da escola. Com isso resolvem-se problemas urgentes, que são os ligados à manutenção e conservação do prédio, compram-se materiais para uso didático (TV, vídeo, retroprojetor etc.), copiadoras e computadores PCs problemáticos. Um detalhe: não há licitação; a comunidade escolar é quem decide o que comprar. Por que compraram Macs, se não sabem nem o que é isso? Por que pagariam mais caro, se todo computador faz a mesma coisa? Essa seriam algumas das muitas colocações que diretores e professores leigos em informática fariam. Em minha escola, o conhecimento sobre computadores é acima da média. Tem gente que trabalha com Unix, e uma professora já usou Mac numa empresa em que é sócia. Convencê-los a usar Mac é difícil, pois falam em compatibilidade, custo, falta de software, custo, na omnipresença do Windows, custo etc. O fato é que a direção tem um poder de decisão grande. Que tal a Apple dar um pulinho no Rio (nas escolas) e mostrar do que seu produto é capaz? Caso contrário, o Mac nunca irá a escola.

Samugs samugs@ruralrj.com.br

Olhando retroativamente, hoje é possível deduzir o que o Kubrusly queria dizer com "solução competitiva": ele estava se referindo ao iBook, um produto que faz muito sentido numa escola. Um iMac montado no Brasil, então...

Web Sharing

Sou leitor da Macmania faz muito tempo e admiro muito a revista. Já consegui resolver alguns problemas consultando minhas Macmanias. Porém, acho que vocês têm editado algumas matérias que, para nós, leitores, não são "tão" interessantes. Gostaria de ver temas mais atuais, relacionados ao que o "mercado de macmaníacos" necessita. Por exemplo, hoje possuo um iMac 266 e gostaria de aprender a usar o tal Web Sharing.

Índice

4 *Cartas*
8 *Tid Bits*
14 *iBook*
16 *Quem Guarda Tem*
26 *Fenasoft 99*
30 *Bê-A-Bá: Sherlock, parte 2*
37 *Simpatips*
38 *Users&Groups: Peter Oppenheimer*
40 *Sharewares: Catalogadores*
46 *Workshop: FileMaker Pro, parte 2*
51 *MacPRO*
56 *Placa Newer G3-L2*
58 *Gerry's ICQ*
59 *Stagecast*
60 *Flash 4*
66 *Ombudsmac*

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas,Carlos Muti Randolph, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Gerência Comercial: *Francisco Zito*

Contato: *Kátia Regina Machado*

Gerência de Assinaturas: *Rodrigo Medeiros, fone/fax (011) 253-0665, 253-3176, 284-6597*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Fotógrafos: *Andréx, Edilson G. de Oliveira, J.C.França, Ricardo Teles, Hans Georg*

Capa: *Idéia – Heinar Maracy*
Photoshop – Mario AV

Redator: *Márcio Nigro*

Revisora: *Danae Stephan*

Assistente de Arte: *Pavão*

Colaboradores: *Ale Moraes, Caco Galhardo, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Celso Reeks, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dimitri Lee, Douglas Fernandes, Everton Barbosa, Fargas, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, João Velho, Luis Carlos Zardo, Luiz F. Dias, Marcello Gaú, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Rabelo Zouain, Roberto Conti, Silvia Richner, Tibo, Tom B, Viviane Rocha.*

Fotolitos: *Postscript*

Impressão: *Copy Service Ind. Gráfica*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone (021) 575-7766*

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Itatins, 95 – Aclimação – CEP 01533-040 – São Paulo/SP*

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

*A Macmania surfa na Internet pela **U-Net** (0800-146070).*

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

As Cartas Não Mentem

Preciso trocar alguns arquivos via rede. Já andei dando uma olhada, mas nada muito científico. Tenho algumas dúvidas, do tipo: como iniciar o processo de compartilhamento? Tenho de ficar com o computador conectado na rede 24 horas por dia? Caso não, os endereços que o Web Sharing me fornece causam algum incoveniente no meu provedor (espaço, memória)? Devo compactar um arquivo a ser compartilhado? Qual é o melhor compactador? E a troca de arquivos compactados entre Mac e PC? Ou seja, poderia ficar aqui escrevendo minhas dúvidas, que elas ocupariam toda a seção "As Cartas Não Mentem". Seria realmente uma matéria para leigos, cegos, surdos e mudos! Não sei se esse tema tem assunto suficiente para ser uma matéria de capa, mas que tem o que escrever, isso tem!

Rodolpho rodolpho@u-net.com.br

Com certeza o Web Sharing vale uma matéria, mas não sabemos se ele seria a forma mais eficaz de compartilhar arquivos via rede, posto que você não teria um IP fixo, ou seja, toda vez que se conectasse ia ter que enviar seu novo endereço a quem quisesse entrar no seu servidor, algo improdutivo. Para esse objetivo, o Hotline, com sua combinação de servers e trackers, é mais eficiente, só que é um programa comercial. O Web Sharing é uma boa solução para intranets ou como gambiarra para ligar um Mac a um PC, como explicamos na Macmania 59. Compactador multiplataforma é o StuffIt, desde que você convença seus amigos pecezistas a usá-lo. Pode deixar que falaremos mais a respeito disso.

Saudades do Newton

Adoro esta revista que traz sempre muitas dicas e referências sobre Mac. Gostaria de ver em uma de suas edições uma matéria sobre o esquecido Newton da Apple. Seria possível?

Carlos Santiago carlos@maclinux.net

Esquecido nada, o Newton terá sempre um lugar em nossos corações. Pode deixar que, sempre que houver oportunidade, nos lembraremos dele.

Teclado brasileiro

Tchê, que revista animal! Trabalho há cinco anos com PC e há oito meses com Macintosh, e não dá para comparar, o Mac é mesmo melhor (claro que se for um topo de linha). Graças à Macmania, esclareço dúvidas que me ajudam no trabalho de DTP com Mac, e estou me destacando por resolver alguns problemas que aparecem, normais para quem já mexeu muito em PCs, mas um problemão para outros. Gostaria de saber se tem um layout de teclado brasileiro que acentue maiúsculas sem ter de desligar a tecla Caps lock (meu PC tem!!!).

Lúcio ott@fullpack.com.br

Passe no nosso site e pegue o teclado da Macmania, que executa essa função soberbamente. Tem até uma versão para iMacs com a tecla Delete para frente no lugar do Num Lock!

Onde está o Resorcerer

Sou assinante da Macmania e, enquanto estava lendo o meu exemplar da última edição, me deparei com o endereço de um programa que eu estava procurando há algum tempo, o Resorcerer, mas nunca achava nesses sites de download. Mas qual não foi a minha decepção ao tentar entrar no site? O Netscape disse que o endereço não existe... Tentei corrigir várias vezes, troquei algumas letras, mas não deu. Qual é o endereço correto?

Rodrigo Della Liberar olibera@zaz.com.br

Ele está em www.mathemaesthetics.com *e você não encontra em sites de download porque é um programa comercial (custa US$ 256). Mas no site tem um demo (que não salva).*

Compatibilidade Mac/PC

Eu renderizei (olha o verbo novo aí!) um arquivo de QuickTime no Mac (com o After Effects), com tamanho de 640 x 480, milhões de cores e compressão Cinepak, e não consigo abri-lo no PC. Eu gostaria de saber como fazer isso, se existe algum conversor, se alguma versão de QuickTime para Windows abre arquivos criados no Mac.

Leonardo Gambera leonardo.gambera@abril.com.br

Renderizar? Renderar? Render? Essa discussão é velha (ver Macmania 9). O QuickTime 3.5 deveria abrir, mas se não rolou, tente o 4.

Conexão entre PC e Mac

Sou assinante e gostaria que me esclarecessem uma dúvida. Foi feita uma publicação (anterior) referente à possibilidade de conexão entre um Mac e um PC, só que não ficou muito claro para mim e gostaria que vocês me ajudassem nesse ponto. Tenho um Mac 5500 e um notebook e gostaria de saber se é possível realizar a comunicação entre ambos mantendo o Mac como servidor e utilizando o Web Sharing conectado pelo cabo da linha telefônica, ou se precisaria ter placa de rede nas duas máquinas.

Silas Leonardi silas@wac.com.br

Sim, é necessário que ambas as máquinas tenham conexão Ethernet para que você possa ligar as duas com um cabo crossover, cruzado ou micro-a-micro.

Poesia para uma capa

Sou assinante desta tão nobre revista e fiquei muitíssimo contente que, as mulheres voltaram a figurar na capa da nossa querida Macmania. Minha felicidade foi tanta que, além de admirar a volta da filosofia de "mulher na capa", eu me apaixonei pela modelo da mesma. Tomado por essa paixão, eu poetei e traduzi em versos minha admiração por ela.

Loura linda de vermelho
Faz a mente delirar
Demoro a abrir a revista
Para a capa admirar

Isto sim é um maquinão
E não é pirataria
Basta olhar que dá vontade
É como a Macmania

Amar é como doença
Como a gripe e a tosse
Eu sou doente confesso
Pela Apple e o Macintosh

Zeh Ruela zehruela@techno.com.br

O cara é o Carlos Drummond de Andrade do Mac! Rimou Macintosh com tosse! Rarará! E Macintosse é o Mac da terceira idade. Você devia parar de perder tempo mandando email pra revista e se dedicar integralmente à sua poesia! Vai, Zeh Ruela, vai ser gauche na vida!

ORB fora de órbita

É com prazer que escrevo para parabenizar esta revista pelo excelente trabalho que vem sendo realizado já há alguns anos (sou assinante desde 96). Gostaria, no entanto, de sugerir duas matérias:

1. Novo iBook e iMac 333.
2. Drive ORB da Castlewood. Infelizmente, esse drive (que me parece uma

Bomba do Leitor



"Estava trabalhando no meu lindo iMac Strawberry quando, depois de muitos paus, reiniciei e apareceu isso..."
Patricia Larocca pat.larocca@zipmail.com.br

O Mac na mídia

Um iMac verdinho foi a capa da High Times, a revista americana que só fala de maconha. Traz matérias como plantações controladas por computador e o envolvimento de Jobs, Bill Gates, Paul Allen e Steve Wozniak com Coca-Cola, cafeína, marijuana e outras drogas.



ótima alternativa aos Jaz da vida) não teve lançamento no Brasil, e seu lançamento mundial não foi repercutido pela mídia. Que tal um test drive?

Rafael B. Ruschel
raruschel@uol.com.br

Taí. Atendemos prontamente seu pedido nesta edição. Em chegando o ORB às plagas brasileiras, procederemos ao devido teste de direção.
Positivo, operante?

Cadê a assistência técnica?

Algum de vocês já utilizou um Macintosh sem teclado? Meio complicado, não? Dar um Copy/Paste via mouse, por exemplo, é meio chato, além de poder causar LER. Tive um pequeno problema com o teclado do meu G3 ao criar o meu trabalho de graduação. De tão bonzinho, o computador estava digitando sozinho o texto. Para sanar esse infortúnio, levei o meu amigo cheio de teclas à loja onde o comprei. Cheguei então à AppleStore, onde, aliás, fui muito bem recebido no dia da compra, pois tinham tantos vendedores querendo vender o seu peixe que acabaram causando uma pequena confusão que me levou a retornar mais algumas vezes, pois sou um rapaz de causar saudades, acho. Fui comunicado que lá não poderiam me ajudar, pois não possuíam estrutura suficiente para uma assistência técnica. Me entregaram o telefone da AppleLine. Liguei, e me certifiquei de que havia uma assistência técnica perto de mim. Fui até lá pensando que tudo estaria certo, pois, estando o computador na garantia, o máximo de trabalho que teriam seria ligar à Apple Brasil e requisitar um substituto. Me prometeram dois dias para tal. Estes dois dias passaram voando, pois estava ansioso por rever meu amigo teclado em boas condições. Tive a infeliz notícia de que meu problema duraria mais alguns dias, que se prolongaram para três semanas. Todos os dias ligava para saber o estado de saúde de meu colega, mas sempre tinha a mesma resposta. Até que, em um belo e ensolarado dia, me informaram que eu poderia retirar o tão esperado companheiro, pois eles não iriam mais consertá-lo. A desculpa fora que a Apple do Brasil não estaria mais cobrindo os gastos de produtos em garantia, e que não possuíam tal periférico para reposição. Pensei comigo mesmo: como??? Um equipamento que não é barato, e que possui um alto grau de qualidade, e que é tão querido por nós designers, ter um atendimento ao consumidor tão pobre e não funcional? Ao ler a Macmania número 61, tive a surpresa de ter, no meio da entrevista com nosso ilustríssimo colega Luciano Kubrusly, diretor geral da filial brasileira da Apple, muitos problemas citados referentes ao atendimento de tal empresa. Vi que não era o único "abençoado". Ao menos não estou sozinho...

Fico triste com o tal ocorrido, pois ter um Macintosh à mão é um sonho que tenho desde muito pequeno. Gostaria, portanto, de deixar aqui o meu manifesto, e pedir reforços a tantos outros amigos macmaníacos, para que possamos obter um atendimento nacional de tal empresa à altura dos equipamentos Macintosh.

Ivo Kazuo Nikaitow
mrshadow@uol.com.br

Até o fechamento desta edição, Ivo ainda não havia conseguido trocar seu teclado. Mas pelo menos acabou inspirando o Ombudsmac.

Loja de Mac

Acho que comprar software/hardware em loja ou revendedor Mac é 10. Comprei memória de Performa com garantia e nota fiscal. Perfeito. Eu tinha memória de contrabandista no Performa de minha casa. No Carnaval, ao tentar usar uma dica da Macmania pra desligar o teste de memória, o pente de 32 MB foi para o saco. Fiquei muito puto, e injustamente cheguei a criticar a revista. Revi a coisa. Meu Performinha 6360 é especial e nada como peças originais. Em meu trabalho, eu uso um G3 400 Trovão Azul e um 8600 com o Mac OS 8.6. Quanto ao G3, não tive até agora problema nenhum. Acho tudo demais. O teclado é o máximo, lembra meu antigo LC II. O mouse também. Com as pontas dos dedos. Do 8600 nem vou falar. Dois anos direto, todo dia. Gostaria de umas dicas sobre a instalação do 8.6 no G3. Já está atualizada a placa de vídeo, o firmware etc.? Como ver arquivos invisíveis no meu disco?

Manuel Barbero Belmonte
manolobb@zaz.com.br

Mais um cliente satisfeito. Parabéns! Apresente essa carta em qualquer revenda Apple e ganhe um desconto. Estamos preparando uma matéria sobre updates fundamentais. Firmware, ROM e essas coisas. Para ver os arquivos invisíveis, é só jogar tinta quando eles passarem. Hebe. Brincadeira. Apertando Option ao clicar no menu pop-up esquerdo do Find File, você encontra os invisíveis. Boa sorte.

Caindo na rede

Estamos montando uma rede no escritório entre cinco iMacs e dois G3 (sendo um bege, sem USB), todos com saída Ethernet 10/100. Para interligá-los, posso comprar qualquer hub 10/100 ou existem problemas de compatibilidade? Não temos a menor idéia do que estamos fazendo. Essa é a melhor solução custo/benefício? José Izar, ladrão ou incompreendido? ACM, proxeneta ou Deus?

Doca Corbett
corbett@amcham.com.br

Hub de bêbado não tem dono, pode usar qualquer um. Liga todo mundo pelo AppleTalk e um abraço. Não sei, o Izar é dele. Chama o Toninho de proxeneta que cê vai ver o que é bom pra tosse.

Macworld de Nova York consolida sucesso da Apple

iBook, QuickTime TV, Mac OS 9 e alta de ações provam que a Apple está aí para ficar

O iBook foi a estrela da festa, mas a feira **Macworld New York,** realizada no final de julho, teve outras grandes atrações. Logo de cara. os presentes ao discurso de abertura *(keynote address)* foram surpreendidos por um Steve Jobs remoçado, prometendo produtos "insanamente grandes". Não era Jobs, mas o ator Noah Wyle, que fez o papel de Jobs no filme "Piratas do Vale do Silício". Logo em seguida aparecia Jobs no palco, dizendo que essa história de "insanamente grandes" já saiu de moda faz tempo.

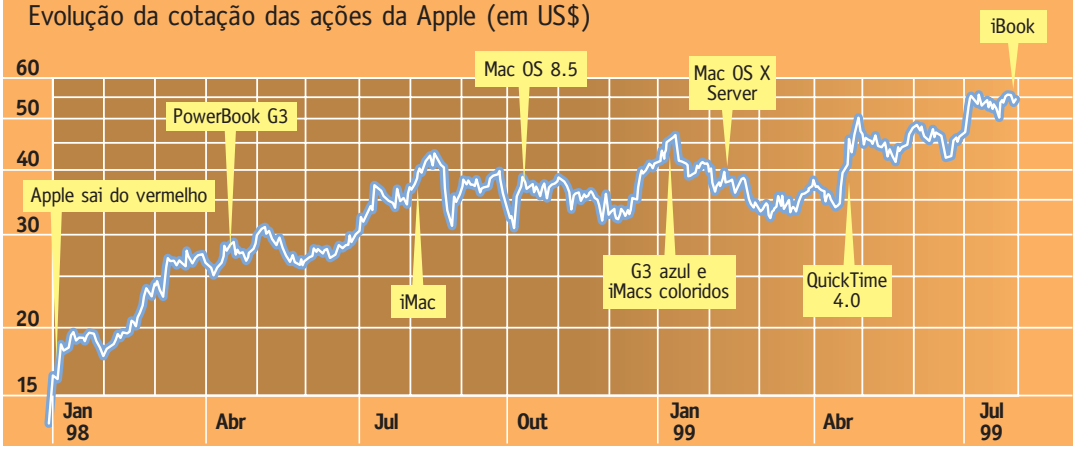
Números saudáveis

Jobs começou mostrando o balanço da Apple. Os resultados do terceiro trimestre fiscal da empresa superaram as expectativas, graças às fortes vendas do iMac. A Apple atingiu um lucro líquido de US$ 203 milhões no trimestre fiscal terminado dia 26 de junho, contra US$ 101 milhões no mesmo trimestre do ano passado. Desse montante, cerca de US$ 89 milhões são o resultado da compra de 10 milhões de ações pela ARM Holdings. O faturamento da Apple cresceu 11% em relação ao mesmo período de 98, totalizando US$ 1,56 bilhões. Esse é o sétimo trimestre lucrativo consecutivo da Apple, no qual foram vendidos nada menos do que 487 mil iMacs, enquanto que, no trimestre passado, esse número foi de 350 mil, o que resulta em um crescimento de 40%.

E a Apple voltou a figurar na celebrada lista anual das mil maiores empresas do mundo da revista Business Week. Ela aparece como a 729ª companhia (356ª nos EUA), com o valor de mercado de US$ 6,02 bilhões. A número um é a Microsoft, com inacreditáveis US$ 407 bilhões.

De lanterninha a líder, em um ano e meio

Evolução da cotação das ações da Apple (em US$)



Apple ganha guerra entre AOL e Microsoft

Guerra dos programas de mensagens instantâneas beneficia usuários de Mac

A America Online conseguiu um importante aliado para sua guerra aberta contra a Microsoft em torno dos programas de mensagens via Internet. A Apple e a AOL anunciaram um acordo para criar um sistema de mensagens instantâneas para usuários de Mac, que vai permitir que eles se comuniquem com os 40 milhões de usuários do AOL Instant Messenger (AIM).

Uma versão do AIM para Mac já pode ser baixada livremente da Internet, mas as duas companhias planejam trabalhar em um aplicativo que tenha melhor integração com o Mac. "A AOL criou o maior e melhor serviço de mensagem instantânea do mundo. Nós estamos fazendo uma parceria com ela para melhorar a experiência de nossos usuários com a Internet", disse o mestre Steve Jobs.

Xô, Microsoft!

Esse pacto vem no momento em que a AOL, a líder no mercado de mensagens instantâneas via Internet após a compra do ICQ, enfrenta competição dura da Microsoft, Yahoo! e Prodigy Communications, que também oferecem programas semelhantes ao AIM.

A Microsoft lançou recentemente o MSN Messenger, com a promessa de que os usuários poderão enviar mensagens para os usuários da AOL e clientes de outros programas, como o Yahoo! Messenger. A America Online, no entanto, está tentando impedir que seus rivais dêem a seus clientes a oportunidade de se conectar com clientes e contas da AOL, classificando essa prática como "acesso não autorizado à infra-estrutura da AOL".

A líder do mercado afirma que, além de a Microsoft não ter comunicado previamente à AOL sobre o fato, o MSN Instant Messenger toma o lugar do AIM no desktop ao ser baixado. Os acólitos de Bill Gates dizem que estão desenvolvendo uma versão do programa para Mac, a ser lançada em breve.

No meio de toda a briga, uma versão em menor escala da guerra dos browsers, quem ganhou foi a Apple. Melhor para nós.

QuickTime arrebenta!

Apple parte para a briga com RealPlayer e Microsoft pelo mercado de multimídia na Web

QuickTime TV é a nova invenção de Steve Jobs para colocar a Apple como competidor sério no mercado de vídeo e áudio transmitidos pela Internet. O sistema, demonstrado na Macworld, integra quatro elementos: o QuickTime 4, o QuickTime Streaming Server, o serviço de "estações repetidoras" Apple/Akamai Technologies (com mais de 900 servidores espalhados por 15 países) e o conteúdo propriamente dito de diversos provedores peso-pesado, entre eles a Disney, ESPN, Warner Music e ABC. Tudo isso já está pronto e funcionando.

O objetivo da Apple é garantir o espaço de sua tecnologia e comer uma fatia de mercado do media streaming, como é conhecida a transmissão de conteúdo multimídia pela Internet, hoje dominado pelo RealPlayer, da RealNetworks, e pelo Windows Media Technologies, da Microsoft.

Linux, um aliado

A Apple já conta com um grande aliado nessa batalha: o Linux, sistema operacional para o qual já existe uma versão do QuickTime Streaming Server, como parte do programa de open source da Apple.

O **Apple Open Source Streaming Server** tem sido bem popular entre os desenvolvedores, com mais de 14 mil cópias baixadas do site da Apple na últimas dez semanas. Para manter essa popularidade em alta, ele passou a suportar sistemas Linux baseados em máquinas Intel, de modo que os desenvolvedores possam criar produtos para servidor de streaming sem ter que mudar o código fonte.

Os updates do QuickTime Streaming Server e do Apple Open Source Streaming Server podem ser baixados gratuitamente em www.publicsource.apple.com/projects/streaming.

Alternativa ao MP3

Outra novidade foi a promessa da AT&T de integrar o seu formato de música digital **a2b** ao QuickTime 4, através de um plug-in para Mac e Windows. Já era tempo. O formato a2b meio que se perdeu na batalha entre MP3 e a indústria fonográfica e a subseqüente formação da SDMI (Secure Digital Music Initiative). Embora a SDMI não vá escolher um formato específico — pois parece querer um mecanismo de proteção de direitos autorais que contemple múltiplos formatos —, o a2b precisa botar suas asas de fora e promover seu formato para entrar na briga entre o Liquid Audio e o Windows Media Technologies (WMT), da Microsoft. Com o acordo com a Apple, a AT&T pega uma carona em um produto de sucesso para conseguir maior aceitação do mercado.



O QuickTime TV da Apple pode pôr fim aos planos da Real

FileMaker 5.0 no forno

Enquanto a FileMaker trabalha duramente para terminar o **FileMaker Pro 5.0**, que deve ser lançado até o final do ano, já é possível adiantar algumas de suas novidades, como a reformulação da interface, recursos mais poderosos de criação e melhor integração com a Web.

A interface do FileMaker 5.0 ficará mais condizente com o Mac OS 8.5, oferecendo suporte total para o visual Platinum e para os Navigation Services.

O programa traz templates de design e recursos mais profissionais. Uma das novidades é a opção de temas. O novo assistente de criação de layout pede ao usuário para escolher um esquema de cor entre os vários temas pré-definidos, que funcionam como plug-ins, permitindo que se adicione ou retire determinados templates. Outra característica de interface que certamente vai agradar são as opções de aplicar efeitos de *emboss*, *engrave* ou *drop shadow* aos campos, imagens ou qualquer outro elemento da base de dados.

Um dos recursos mais poderosos do FileMaker Pro 5.0 será a habilidade de importar scripts pré-definidos. O ScriptMaker foi redesenhado e oferece uma interface mais amigável. Com apenas um clique, é possível transferir scripts de uma base de dados para outra através do botão Import. O usuário pode até imprimir um script.

Infelizmente, a FileMaker não revelou especificamente quando o programa será lançado.

FileMaker: www.filemaker.com

Diamond lança modem externo USB

A Diamond Multimedia lançou na Fenasoft o **SupraExpress 56 USB** para Macs (G3 azuis) e PCs. O produto é compatível com os padrões 56 KB (V.90) e K56flex. Ele custará US$ 230.

SND: 11-230-8333

Alcatéia: 11-226-2626

Sonata vira Mac OS 9

Nova versão será a última compatível com Macs não-G3

A Apple anunciou que o **Mac OS 9** será lançando em outubro.

Mas, peraí: Mac OS 9? Não era para sair o 8.7 primeiro? Pois é, parece que a Apple decidiu acelerar a contagem progressiva para o Mac OS X (e cobrar pelo upgrade do sistema), resolvendo ir direto para o Mac OS 9, que deverá incluir todas as promessas feitas para o 8.7.

Também temos multiusuário

Também conhecido pelo codinome Sonata, o Mac OS 9 será a última grande atualização a rodar nos Macs anteriores aos G3. No entanto, ele deverá trazer grande parte das novas tecnologias do X, sendo totalmente compatível com o Carbon e oferecendo um ambiente multiusuário com sofisticados recursos de segurança, performance melhorada e suporte a múltiplos processadores. Ele permitirá que vários usuários compartilhem a mesma máquina, bastando para isso que cada um entre com um nome e uma senha no startup. Assim, cada usuário poderá ter arquivos, ajustes de aparência, preferências e privilégios de acesso próprios e independentes.

Outra novidade será o Sherlock II, a nova versão do programa de busca, que possibilitará comparar preços e checar a disponibilidade de produtos em lojas virtuais na Web.



Cada Mac vai poder ter vários usuários, cada um com suas preferências. Que nem no Linux

Chips de cobre impulsionam IBM e Motorola

Intel diz não estar pronta para a nova tecnologia

Enquanto a Intel, Lucent e outros fabricantes de chips têm uma queda na produtividade, a **IBM** e a **Motorola** passam por um bom momento. As duas empresas, fabricantes dos chips PowerPC que equipam todos os Macs, estão conseguindo ganhos de produtividade de mais de 50% com a nova tecnologia de cobre inventada pela IBM.

A Intel diz que está se mantendo fora desse mercado, por enquanto, deixando que outros, como a Motorola, sejam pioneiros na nova tecnologia. Um dos motivos para essa atitude seria o custo de novo maquinário, que não estaria preparado para lidar com a demanda e a complexidade da tecnologia de cobre. Palavras da Intel: "Vamos deixar que o resto da indústria continue a aprontar a tecnologia de cobre para grandes volumes de produção".

A empresa não espera que os chips baseados em cobre tenham algum impacto sobre a indústria antes de 2001 ou 2002.

Estando ela certa ou não, a Apple poderá se beneficiar dessa situação, uma vez que a AMD, fabricante de clones do Pentium, tem planos para produzir chips de cobre que podem vir a competir com os processadores RISC da Motorola e da IBM.

(Não) Feito em Mac



Uma das melhores coisas da exposição carioca "Eu Amo o Mac", realizada pela revenda Planeta Virtual e pela revista Vizoo, foi a garrafa de pinga do Steve Jobs (o onipresente). A piada fica mais engraçada quando descobrimos que os "dizainers" Elesbão & Haroldinho são pecezistas orgulhosos e fizeram tudo em um Pentium 200 marca Xing-Ling.

Kodak lança novas câmeras digitais

Chegam ao Brasil modelos megapixel com interface USB para Macs

A Kodak está lançando no mercado brasileiro mais três modelos para os entusiastas da fotografia digital. A grande atração é a **DC265** (US$ 899), que oferece resolução de 1,6 megapixel (qualidade fotográfica em formato 20 x 25 cm), visor de cristal líquido colorido de 2" e zoom óptico de 3X (equivalente a 38/155mm). A câmera vem substituir o modelo anterior, DC 260, trazendo tempo de reinicialização e processamento de disparo mais rápidos, maior duração da bateria e opção adicional de compressão "Super", que comprime mais os arquivos do que a "Best". Além disso, o zoom óptico pode ser ampliado digitalmente para 6X e um recurso de sincronização possibilita conectar um flash externo da mesma maneira que uma câmera profissional. Para completar, a DC265 traz interface USB, permitindo a conexão rápida com um iMac ou G3 azul.

O modelo **DC240** (US$ 599) oferece resolução de 1,3 megapixel (12 x 18 cm) e zoom de até 6x, além de foco, exposição e temporizador automáticos. Ainda possui lente com rosca para integrar outros acessórios e faz close-up de até 25 cm.

Por fim, a câmera digital **DC200 Plus** (US$ 469) é destinada ao usuário doméstico, com lentes de foco fixo de 39 mm e saída para TV/vídeo (NTSC ou PAL) para facilitar a visualização das imagens.

Os acessórios incluem um kit de conexão para Macintosh, fonte de alimentação e cartão Compact Flash de 8MB, entre outros.

Kodak: 0800-151000



Compatível com Mac? Beleza. Mas ainda estamos esperando uma câmera dessas com o corpo translúcido e colorido

Show! O iMac portátil não é



Você pode achar ele lindo ou horrível. Só não pode dizer que é fraco: os 300 MHz do chip são de respeito

|A moldura da tela abriga duas antenas de rádio que permitem a comunicação

Uma novidade para abalar o mundo: interface sem fio para rede e Internet

the iBook is on the table

Há quase dois anos, Steve Jobs subiu em um palco para apresentar o que seria a organização da linha de produtos da Apple dali em diante. Uma tela dividida em quatro, onde se viam os Power Macs G3 e os PowerBooks e duas interrogações do outro lado, correspondendo a um computador de mesa e um portátil destinado ao mercado *consumer*, ou seja, usuários domésticos e profissionais que não precisam de uma máquina parruda. A primeira interrogação escondia o iMac, lançado no ano passado, um dos maiores sucessos da indústria de informática. A segunda foi revelada no final de julho, quando Jobs subiu ao palco na abertura da feira Macworld de New York para lançar o iBook.

Apesar das dezenas de nomes combinando *i, e, Mac, Book, Mate* e outros sufixos e prefixos, o nome do produto era bastante óbvio, como demonstrou Jobs. "Nossos produtos profissionais começam com *Power*, os portáteis terminam com *Book* e os dirigidos ao consumidor doméstico começam com *i*. Logo, o portátil para uso doméstico tinha que se chamar *iBook*". Nada mais simples.



Basta erguer o teclado para adicionar memória ou o cartão do AirPort

O menino vai estar disponível nos EUA a partir de setembro, pelo preço de US$ 1.599 no mercado americano, nas cores tangerina e blueberry.

Se a Apple mantiver a mesma política agressiva que vem realizando em relação aos preços do iMac, é razoável esperar que o iBook chegue ao Brasil em outubro ou novembro, por algo entre R$ 3.500 e R$ 4.000. Mesmo que fique acima disso, ainda custará praticamente a metade de um PowerBook.

Rápido, bonito e barato

O iBook é filho direto do eMate, de quem herdou o formato amebóide, uma bateria de longa duração e o conceito definido por Jobs como "um computador pra jogar na mochila".

Feito de policarbonato (o mesmo plástico ultra-resistente do iMac) e envolto por uma borracha (nas cores laranja ou azul-G3), ele obviamente tem como alvo principal o mercado educacional. Mas é óbvio que todo mundo vai querer um.

Com seu novo portátil, a Apple volta ao posto de onde nunca deveria ter saído: a de líder em tecnologia e design da indústria de informática. O design do iBook com certeza deverá amealhar vários prêmios, graças às inúmeras inovações que traz. Ele fecha suavemente sem fechos ou travas para emperrar ou quebrar, tem uma exclusiva fonte de alimentação com o cabo de força enrolado como um ioiô, uma alça embutida na parte traseira e conectores de metal embaixo para facilitar o recarregamento da bateria.

Nele é possível ver como a nova Apple está sabendo aproveitar as vantagens de ser o fabricante do hardware e do software. Todo o software de gerenciamento de energia foi refeito,

O que vem dentro dele

Processador	G3 de 300 MHz
Memória	32 MB, expansível para 160 MB
Tela	TFT de 12,1 polegadas
Resolução	640 x 480 ou 800 x 600 pixels
CD-ROM	24x
Aceleração gráfica	chip ATI RAGE Mobility
Portas	Modem, Ethernet e USB
Peso	3 kg
Preço nos EUA	US$ 1.599

apenas diferentão: ele surfa a Internet sem fio

permitindo que o iBook execute algumas mágicas como ligar e desligar toda vez que é aberto e fechado. Melhor ainda, ele pode salvar tudo que está na memória RAM em disco e desligar em seguida. Assim, da próxima vez que for ligado, ele poderá restaurar o desktop da exata maneira como estava em cerca de dez segundos.

Um chip G3 de 333 MHz foi "underclocado" para 300, reduzindo ainda mais seu baixíssimo consumo de energia, mas ainda permitindo que Jobs chamasse o iBook de "segundo laptop mais rápido do mundo" (perdendo apenas para o PowerBook G3).

A bateria, bem maior que as normais, toma toda a largura do gabinete e pode durar até seis horas – suficiente para um dia de aula direto sem recarga.



Os conectores são nas laterais. Outro toque de gênio

Com uma tela TFT de 12,1 polegadas, capaz de reproduzir milhões de cores em resolução de 800 x 600 pixels, aliada a um chipset ATI RAGE Mobility (equivalente ao RAGE 128 dos G3 azuis), o iBook também promete matar a pau nos games, tarefa fundamental tendo em vista seu público-alvo.

Sem fios!

Se as novidades parassem por aí, o iBook poderia ser apenas mais um computador bonitinho, rapidinho e baratinho. Mas não é. Ele possui uma característica que o torna incomparável a qualquer computador que exista hoje no mercado. Comunicação sem fio com outros computadores ou com a Internet. O iBook pode transmitir e receber dados por rádio com velocidade, praticidade e preço que provavelmente só terão equivalentes no mercado de PCs no próximo milênio (sabendo, é claro, que o milênio só começa em 2001, e não em 2000 como alguns pensam).

A coisa acontece da seguinte forma. O iBook tem duas anteninhas ao lado da tela. Encaixando uma plaquinha transmissora/receptora (US$ 99) embaixo do teclado, ele pode se comunicar com outros iBooks ou com sua base, o AirPort Base Station (US$ 299). Plugando a base em uma rede local ou na linha telefônica, ele pode se conectar aos outros computadores da rede e ao mundo.

Até dez iBooks podem se conectar a uma mesma base, uma característica que deve agradar incrivelmente as escolas. A velocidade da conexão é estúpida. Utilizando uma tecnologia que sequer foi homologada nos EUA, a Apple e a Lucent, co-criadoras do AirPort, prometem que ele vai atingir taxas de transferência de até 11 Mbps, mais rápido que em muita rede Ethernet, permitindo conexões a até 46 metros de distância, mesmo com paredes e andares entre o iBook e a base.

Algo contra?

A inveja dos pecezistas já começou. Uns dizem que o iBook parece um estojo de maquiagem ou uma tampa de privada; outro diz que é um iMac pisado por um elefante. Antes de mandá-los morder o cotovelo, convém estar ciente dos contras que existem no novo portátil, que são insignificantes.

O principal é o peso, de três quilos, que perde de longe dos VAIOs da vida, mas que pode ser uma dica de um produto que a Apple ainda não tem e pode vir a fazer: um subnotebook. Segundo a Apple, grande parte do peso é devido à bateria gigante de longa duração.

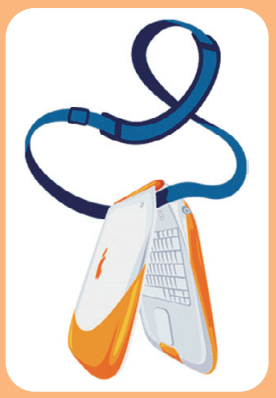
Outro problema é a inexistência de microfone. Esse é dos menores, podendo ser resolvido com um microfone USB, como o iMic *(ver box)*. Já a falta de uma saída de vídeo para um segundo monitor é mais problemática. Os donos de iBook vão ter que se conformar com a sua telinha pequena.

Outro problema é que o suporte ao protocolo AppleTalk no Airport ainda é um trabalho em andamento, podendo até cair fora do produto final. Apesar dos serviços de rede da Apple estarem gradualmente passando para o TCP/IP, boa parte das impressoras só é compatível com AppleTalk, o que pode complicar as coisas de início. Mas não é nada que umas chicotadas em alguns programadores não resolva em pouco tempo.

Portanto, se é para fazer alguma previsão, a mais certa é a de que o iBook estoure como seu irmão maior, talvez até mais. E, quando ele chegar ao Brasil, você poderá vê-lo de muitos outros ângulos aqui, nas páginas da Macmania. M

Os primeiros produtos para iBook

Carregue o iBook como uma bolsa



*Em setembro, junto com o iBook, vai sair o **iStrap**, uma prática correia para carregar o novo portátil no ombro em vez de usar a alça embutida. Coisa, aliás, em que a Apple poderia ter pensado. Preço ainda não disponível.*

RE:Active: www.istrap.com

Microfone USB

*Para preencher uma das falhas do iBook, a falta do microfone, a Griffin Technology anunciou o **iMic**. É um plug de áudio digital para a porta USB que possibilita a conexão de qualquer microfone ou outro dispositivo de áudio. O iMic deverá ser lançado simultaneamente ao iBook, oferecendo entradas e saídas com plugs RCA e de 1/8", além de entradas de linha e de microfone e suporte a taxas de amostragem de até 48 KHz. O produto custa US$ 25 nos EUA .*

Griffin Technology: www.griffintechnology.com

HDs portáteis

*A **VST Technologies** anunciou 12 novos periféricos desenhados especialmente para o iBook. Entre os produtos encontra-se discos rígidos USB ultracompactos, com capacidades de 4 GB e 6 GB, disponíveis nas cores tangerina e blueberry. Os preços nos EUA serão de US$ 329,95, para o modelo de 4 GB, e US$ 429,95, para o de 6 GB. Outras novidades são dois tipos de carregadores de bateria para o iBook, assim como baterias de íon de lítio e fontes de força para uso em carros. Ainda faz parte do pacote de lançamentos um novo USB Floppy Drive, que custará US$ 90, também nos EUA. Todos os produtos deverão sair junto com o iBook.*

VST Technologies: www.vsttech.com

quem guarda tem

descubra a melhor opção para armazenar, becapes e distribuir os seus documentos

por Carlos Ximenes*

A informática está tão presente na nossa vida, que daqui a pouco vai ter cyberpsicólogo chamando a falta de espaço nos HDs de claustrofobia digital. Houve tempo em que se era feliz com 20 MB de HD e 512 K de RAM. Pois é: o tempo passa, a barba cresce e o espaço em disco desaparece. Mas hoje em dia isso tem cura para todos os gostos, bolsos e graus de insanidade.

O dilema da conquista de espaço parece afetar uma verdadeira multidão. Senão, como explicar a variedade de dispositivos para armazenar dados que estão no mercado hoje? Isso para não falar das inúmeras tecnologias que padeceram ao longo do caminho.

Ah! Sei, você trabalha exclusivamente com texto e não abre mão do seu MacWrite. Bem, então, esta matéria não é para você. Mas se esse não é o seu caso, então já deve ter se encantado com algum dos novos e atraentes aparelhos que estão por aí e está procurando informação a respeito do que comprar. Na hora de fazer qualquer investimento em hardware, especialmente com relação a mídias removíveis, é muito importante considerar questões como o custo do drive e das mídias, capacidade, desempenho, base instalada e, por que não, longevidade da tecnologia. Afinal, é frustrante investir em um equipamento, desembolsar uma bolada em mídias e, de uma hora para outra, ver a tecnologia ser varrida do planeta. Quem já morreu com seu SyQuestzinho ou Bernoulli na mão sabe do que estou falando.

Afinal, qual é a melhor escolha nesse mercado? O que não falta é opção, independente do uso que você dá para seu Mac – DTP, Web design, vídeo digital, música, multimídia, games ou qualquer outro fim. Em todos os casos você acaba precisando transportar arquivos ou simplesmente fazer um becape.



Fotos: Andréx, Marcos Bianchi, Ricardo Teles, Alberto Alerigi Jr., Pavão e Mario AV

Não fale em disquete



Temos ainda os usuários dos iMacs, a primeira geração de Macs (não levando em conta os PowerBooks Duo) a nascer sem o velho **floppy de 3,5"**, um companheiro histórico dos microcomputadores. Steve Jobs antecipou o futuro na marra. Para ele, 1,4 MB já não representa nada diante da necessidade atual do usuário. Dentro dessa perspectiva, redes locais ou a Internet são muito mais eficientes para troca de arquivos e, no caso de becape, o usuário deve partir para um dos aparelhos muito mais sofisticados que o mercado oferece. Levando em conta o sucesso do iMac, parece que ele acertou.

Mas, apesar da obsolescência dos disquetes, ainda vai ser difícil substituí-los, devido à enorme base instalada. Praticamente todo computador feito desde a metade da década passada tem um drive de floppy de 3,5" instalado; o número de quadradinhos plásticos espalhados pelo globo é incalculável.

Disco rígido

Pró
Velocidade de acesso muito elevada; preço baixo; grande variedade de modelos

Contra
Pouca portabilidade; integridade de arquivos pouco confiável

Um bom **disco rígido** (também chamado de Winchester, *hard disk* ou HD) é insuperável. Ele ainda é os dispositivo mais rápido para gravar e acessar dados em seu Mac. Representa o menor custo por megabyte armazenado (nos EUA, ao redor de US$ 0,02/MB e baixando) e é componente fundamental de qualquer computador. Antes de comprar qualquer dispositivo de armazenamento extra, é fundamental ter um HD interno de boa performance. O que torna o HD ideal é o fato dele ser o dispositivo de armazenamento mais veloz que existe, depois da memória RAM.

A primeira decisão a ser tomada é escolher entre trocar seu drive interno por outro maior, adicionar outro interno se houver espaço reservado no Mac (baia) ou comprar um externo. Drives internos têm a facilidade de não ocuparem espaço na sua mesa de trabalho e não ficarem disputando uma tomada de força no já complexo sistema de cabos que você provavelmente tem plugado ao Mac. Além disso, eles custam menos, porque não precisam vir dentro de um gabinete com ventoinha e fonte de alimentação. Os externos, por sua vez, têm a vantagem de ser transportáveis. Pode ser muito conveniente poder levar o HD para dar saída ao seu trabalho, embora eu não conheça nenhum maluco que entregue o seu HD externo na mão de um motoboy.

HDs SCSI

Existem dois tipos de disco rígido: o SCSI e o IDE. Nos últimos anos a Apple foi abandonando o SCSI em prol do IDE, por uma simples razão: preço. Hoje, somente os G3 azuis mais parrudos vêm com HD SCSI.

Drives externos para Mac são sempre SCSI (não existe drive externo IDE). Já os internos, dependendo do modelo de Mac que você tem, podem ser de um ou outro tipo. Qualquer que seja sua necessidade, tenha em mente que o que mais importa no candidato a HD são o tempo de acesso aos dados nele gravados (leitura/escrita) e a velocidade que o HD pode transferir os dados entre ele e o Mac.

Geralmente, nos anúncios a capacidade em GB é seguida de dois outros números muito importantes: o tempo de acesso em milissegundos (ms), que é diretamente proporcional à sua velocidade de rotação (RPM), e a taxa de transferência em MB/s.

Os Macs das séries 7000, 8000 e 9000, com processador PowerPC 604, já possuem uma controladora SCSI 2 Fast embutida na motherboard. Já os G3 possuem uma controladora IDE, que pode controlar HDs internos do tipo UltraDMA IDE. Se você precisar de HDs mais rápidos, terá que comprar uma placa SCSI-Ultra2 e os respectivos HDs.



HDs IDE

Como são padrão no mundo PC, os discos IDE são bem mais baratos e mais fáceis de achar que os SCSI. Em termos de performance, os HDs Ultra IDE melhoraram bastante, chegando a superar os HDs SCSI e SCSI 2 que vinham nos Macs. Mas estes ainda são superiores em vários aspectos. Por exemplo, um HD SCSI pode realizar várias buscas de dados simultaneamente (ou seja, trabalham em modo assíncrono) e o IDE não.

Até há algum tempo, o IDE tinha a desvantagem de sugar uma parte do poder do processador, ao contrário do SCSI, que é independente. Não mais. Os IDEs modernos têm autonomia.

As controladoras SCSI podem ter uma largura de banda de 8 bits (1 byte), no caso do SCSI 2, ou 16 bits (2 bytes), nos SCSI Ultra Wide ou SCSI Ultra 2. Você pode pensar nisso como se fosse uma estrada:

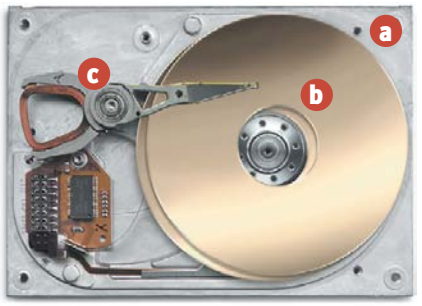
- 16 bits – Rodovia interestadual.
- 8 bits – Rua da sua casa.

Em qual delas você pode "andar" mais rápido? Outra diferença é que os SCSI de 16 bits permitem até 15 drives na mesma cadeia e os de 8 bits, sete.

Muita gente prefere manter os softwares insta-

Fique ligado

***Disco rígido** – O disco propriamente dito é só uma das várias peças que formam esse drive. Não é visível, exceto se for desmontado (só desmonte um drive quando ele já estiver sucateado!).*





*O HD tem uma **cápsula selada** **(a)** de alumínio forjado que contém uma **pilha de discos** (usualmente, quatro ou seis) cobertos de material magnético **(b)**, que giram numa velocidade fixa, mais um **cabeçote móvel** **(c)** de gravação e leitura com uma cabeça para cada lado de cada disco; as cabeças flutuam a uma distância muito pequena dos discos. Do lado de fora, um **circuito** **(d)** governa o drive e faz a comunicação com o computador através de um **conector de encaixe** **(e)**.*

lados no HD e os arquivos a salvo em uma mídia removível, mas se você trabalha com multimídia ou vídeo, por exemplo, vai precisar recorrer a HDs externos para poder trabalhar, pois essas aplicações precisam de velocidades de acesso que só os HDs mais rápidos atingem. Se você trabalha com vídeo, o ideal é ter um ou mais HDs SCSI Ultra2. Esses HDs possuem taxas de transferência de até 80 MB/s.

Fique ligado

Winchester *– Nome pelo qual qualquer disco rígido é chamado desde tempos imemoriais pelos pecezistas, devido ao movimento em curva que o cabeçote de gravação e leitura faz sobre o disco, lembrando o movimento do gatilho do rifle Winchester.*

SCSI e IDE *– Essas siglas se referem ao tipo de interface que o drive usa para se comunicar com o computador. SCSI* (Small Computer System Interface, *pronuncia-se "scâzi") é um padrão antigo mas constantemente atualizado, adotado nos Macs quase desde o seu princípio. IDE* (Interface for Disk Electronics) *é um padrão usado na quase totalidade dos PCs e presente nos Macs a partir da linha Performa.*

SCSI Ultra Wide *– Tipo de drive SCSI que pode ter taxa de transferência de 20 MB/s ou 40 MB/s, dependendo da controladora. O* Wide *significa que ele transfere a 16 bits.*

EIDE *– Evolução (o* E *é de Enhanced) do formato IDE; equivale ao SCSI 2.*

ATA *– Denominação para outro tipo de drive IDE.*

RPM *– Rotações por minuto; refere-se à velocidade fixa de um HD.*

Tempo de acesso *– Tempo médio que um drive leva para encontrar um dado gravado. Medido em milissegundos (1 ms = 0,001 s).*

Taxa de transferência *– Quantidade de bytes que podem ser lidos/escritos por segundo. Medida em megabytes por segundo (MB/s).*

HDs em RAID

Talvez seja interessante fazer uma montagem conhecida como **RAID**. Nela, você pode trabalhar com dois ou mais HDs (de tamanhos iguais) em paralelo, ou seja, eles somando a suas capacidades, performances e confiabilidades.

O RAID é uma combinação de software e hardware que trata um grupo de discos como se fossem um só.

Com o RAID, não é incomum encontrar volumes com 160 GB de capacidade, tempos de acesso de 7 ms e taxas de tranferência de 80 MB/s. Isso é possível porque o uso de vários drives permite dividir a informação em partes e distribuí-las entre eles (*striping*), acelerando o conjunto, e repetir os dados gravados de um para o outro (*mirroring*), diminuindo a possibilidade de erros de gravação ou leitura.

Existem vários arranjos possíveis de RAID, designados como **níveis** de 0 a 5. Os níveis mais baixos são arranjos voltados para a velocidade (através do *striping*), e os maiores para a confiabilidade (através do *mirroring*). A escolha do nível depende de qual das duas características você mais precisa. Por exemplo, o nível RAID 0, que é o mais usado para edição de vídeo, não possui nenhum tipo de prevenção de erros. Por outro lado, o nível 5 é completamente à prova de falhas.

É possível utilizar o sistema RAID com HDs do tipo EIDE, só que, devido as limitações da interface, só é possível usar no máximo quatro HDs. No SCSI-2, esse número pode chegar a 14 HDs para cada placa controladora.

HDs FireWire

A grande novidade que desponta na área são os HDs FireWire. Os G3 azuis vêm com essa interface, que foi desenvolvida pela Apple para a conexão de câmeras e outros equipamentos multimídia, mas que está rapidamente ganhando novas funções.

Infelizmente, por ser um padrão novo, ainda existem poucas opções de HD para FireWire. Como ele pode transmitir até 15 W de força para um dispositivo externo, os discos não precisam daquelas caixas grandes, com pesadas fontes de força. Eles têm taxas de transferência de até 40 MB/s. Os modelos **Blaze**, da VST, recém-lançados nos EUA, têm 6 GB e podem ser levados no bolso.

HDs USB

Usuários de iMac também podem ficar sossegados. Estão aparecendo também **discos externos USB** que, apesar de mais lentos que os FireWire, podem ser uma boa opção para uso geral.

Iomega Zip Drive

Pró
Portabilidade; grande base instalada

Contra
Pouca confiabilidade; velocidade apenas passável

O Zip, esse disquete anabolizado inventado pela Iomega, ganhou nos últimos dois anos boa parte do espaço anteriormente ocupado na plataforma Mac pelo extinto SyQuest. Mas ele não parou por aí. Graças à sua popularização entre os pecezistas, o uso desse sistema alastrou-se rapidamente no mercado e hoje o Zip virou sinônimo de drive removível. A Iomega calcula a base instalada em mais de 19 milhões de Zip Drives em todo o mundo.

É uma boa opção: o drive é relativamente barato, cerca de R$ 350, e muito portátil, embora não muito rápido. A mídia, apesar de ter uma capacidade apenas razoável, custa por volta de R$ 25 o cartucho, o que torna o custo por megabyte bem baixo.



O Zip nunca foi muito barato, mas ainda é o mais acessível



Embora tendo feito um grande esforço de marketing, a Iomega não conseguiu atingir seu objetivo de transformar o Zip no sucessor indiscutível do disquete. Mesmo estando embutido em vários modelos de PCs e Macs, o Zip não conseguiu se popularizar a ponto de se tornar um padrão como o velho disquinho de 3,5 polegadas. O resultado é que, mesmo sendo líder de mercado, a Iomega vem enfrentando trimestres sucessivos no vermelho. Para complicar, a empresa sofreu problemas de confiabilidade em seus produtos (em especial o Clique da Morte) que, embora contornados por uma boa política de garantia, mancharam a sua reputação.

Nos EUA, a Apple oferece o Zip interno como opção no seu site de venda direta, mas ainda não há essa opção no Brasil. Uma pena, porque muita gente tem Macs com uma baia sobrando, que podia estar sendo muito bem ocupada por um





O Zip Plus (acima) é o drive mais popular da Iomega. A versão USB é transparente, mas visualmente não combina muito com o iMac



O Zip 250 tem um gabinete inchado

Zip interno. O jeito é apelar para o externo, que é mais versátil e não ocupa muito espaço na sua mesa de trabalho, podendo ficar de pé ou deitado.
O drive vem com um cartucho com as ferramentas Iomega Tools e Guest, para facilitar seu uso. A instalação não apresenta dificuldades; o endereço SCSI é limitado ao 5 ou 6, mas tem a vantagem de não precisar de um terminador. Caso o seu Zip seja o último dispositivo acoplado à cadeia SCSI, existe um botão que, acionado, indica para o computador que a cadeia acaba ali.
Outra vantagem é a compatibilidade com os PCs. O Zip Plus pode ser ligado tanto em portas paralelas como SCSI (o Zip original tinha duas versões, uma para cada plataforma). O Zip Plus é mais rápido que o Zip 100 (o modelo original), possui uma fonte de força bem menor e tem botão liga/desliga.
Para os usuários de iMac existe a versão **USB**, com gabinete azul transparente e as mesmas características do Zip Plus. Ele tem a fonte de alimentação menor e serve tanto para PCs como Macs.
Só que a Iomega esqueceu de incluir o botão liga/desliga, como no modelo original. Como ficamos? Ora, puxe o fio da tomada, menino. Ou deixe o drive ligado para sempre; ele quase não consome energia quando está em modo de espera.
O **Zip 250** é praticamente uma evolução ainda mais anabolizada do Zip 100, com o qual é compatível. As diferenças são a capacidade mais ampla e um gabinete com formas mais arredondadas.
A Iomega incluiu mais algumas ferramentas no pacote, para auxiliá-lo a localizar, gravar e atualizar arquivos. Ele não é livre de defeitos, porém. Sua velocidade de gravação é inferior à do Zip Plus, particularmente em discos de 100 MB, e ele gera estranhos ruídos que, mesmo sendo normais, fazem você pensar aflito no que poderá estar acontecendo lá dentro.





SuperDisk, para quem não pode abrir mão do disquete no iMac

SuperDrive Imation 120

Pró
Compatível com os disquetes comuns

Contra
Pequena base instalada; primeiro modelo é lento

Olha outro disquete Megamass aí! Essa é mais uma opção para os usuários de iMac e G3 azuis (ou quaisquer outros computadores com interface USB). O **SuperDrive** é uma proposta bastante interessante: além de ter uma capacidade razoável para um usuário doméstico ou SoHo (120 MB) e custo similar ao do Zip (ao redor de R$ 27 o cartucho), dá de quebra a chance de recuperar os bons e velhos disquetes de 3,5". O motivo é que o SuperDrive usa um engenhoso padrão que mantém compatibilidade com o disquete.
Os SuperDrives que estão no mercado têm performance passável – cerca de dez vezes mais rápidos que os drives de disquetes – mas ainda bem inferior à do Zip. Mas a velocidade poderá chegar a 27 vezes, com as novas versões que serão lançadas em breve nos Estados Unidos. Ainda não há previsão da chegada dos novos drives ao Brasil.
O principal problema do SuperDrive é a falta de uma grande base instalada, sua única desvantagem em relação ao Zip. Hoje ele serve muito mais como aparelho de becape que para troca de arquivos. Por outro lado, a Imation é uma empresa bancada por uma gigante da indústria, a 3M, e não deve sumir de uma hora para outra.

Iomega Jaz 2 GB

Pró
Muito rápido; grande capacidade

Contra
Drive e mídia caros

O **Jaz** da Iomega não é uma espécie de disquete de alta capacidade, como o Zip. Está mais para um HD dentro de um cartucho, parecido com os finados SyQuests.
O Jaz esbarra em problemas como custo de drive e mídia. A base instalada menor também pode representar uma barreira, embora a maioria dos birôs trabalhe com esse formato. Apesar de tudo isso, esse sistema tem ganhado a preferência dos usuários que trabalham com vídeo, foto e música, por motivos óbvios. Sua velocidade razoavelmente rápida é comparável à dos bons HDs (seu tempo de acesso é de 10 ms e a velocidade de transferência de

Jaz, um cartucho de responsa



Fique ligado

***Clique da Morte** – Defeito que surgiu em alguns (raros) exemplares de Zip Drives. Consiste num erro de leitura em que o drive, ao ter um cartucho inserido, passa a fazer "clic... clic...clic..." sem parar, estragando o disco e tornando-se incapaz de ler qualquer outro. As únicas soluções são trocar o drive por outro (se estiver na garantia) ou a lata de lixo. O cartucho danificado deve ser jogado fora de qualquer jeito, pois pode transmitir o problema para drives sãos.*



Jaz Drive, o tanque de guerra dos periféricos

dados é de 7,4 MB/s), além de sua capacidade impressionante para uma mídia removível. Em um único cartucho de 2 GB pode-se guardar mais de 2 mil fotos, 40 minutos de vídeo ou 3,2 horas de música com qualidade de CD, sem compressão (ou 50 horas de música comprimida em MP3!).
Outra vantagem é que o investimento no Jaz de 1 GB é preservado, pois o drive de 2 GB é compatível com seu antecessor de 1 GB.
Uma desvantagem menor, porém aparente nestes tempos de Macs coloridos, são as formas angulosas e a inexplicável cor verde militar, que não combinam com absolutamente nenhum outro hardware.

CD gravável (CD-R)

Pró
Mídia barata e muito acessível; compatível com qualquer CD player

Contra
Uso pouco intuitivo; gravação lenta

Os leitores de CD-ROM passaram de periféricos opcionais a padrão de mercado nos Macs, seja para o uso doméstico, SoHo ou profissional. Leitores de CD-ROM equipam todos os modelos da Apple e a maioria dos PCs de boa família.

Agora, imagine a possibilidade de ter um leitor de CD capaz de também gravar CD!
Há pouco mais de três anos, o CD-R (R de *recordable* ou gravável) despontava como um equipamento caro e sofisticado, voltado para produtores de multimídia. Tornava possível transportar um grande volume de dados (650 MB) e dava uma chance de testar o aplicativo multimídia antes de queimar milhares de CD-ROMs industrialmente. Hoje em dia, essa tecnologia tornou-se bastante acessível e popular.
O CD-R é recomendado especialmente para fazer becape de arquivos ou trabalhos já concluídos. Faça sua própria biblioteca de referência! Com o baixo preço da mídia, por volta de R$ 5 cada, você pode queimar CD-ROMs com as várias tralhas que vai baixando da Internet e, assim, liberar espaço do seu HD enquanto cria um vasto banco de referência.
Você pode criar várias sessões de gravação, queimando o CD por partes, deixando para queimar o resto mais tarde. Se precisa entregar um trabalho, pode gravá-lo em um CD e enviá-lo sossegado, pois o cliente certamente terá um computador com leitor de CD e nem precisará mandar o disco de volta, e além de tudo ficará bem impressionado. É necessário apenas ter cuidado com a escolha do formato da gravação para manter a compatibilidade *(leia mais sobre o assunto no Workshop sobre gravação de CDs, nesta mesma edição)*.
Há ainda a útil possibilidade de gravar seus próprios CDs de áudio. Os CD-Rs gravados com áudio podem ser lidos no aparelho de som, Discman ou CD player do carro.
As desvantagens são a baixa velocidade de acesso e a impossibilidade de regravar a mídia. Quem está atrás de uma extensão do HD, onde seja possível atualizar os arquivos, pode esquecer o CD-R.

CD regravável (CD-RW)

Pró
Prestes a explodir no mercado; mídia a preço razoável;

Contra
Drive ainda caro; não é compatível com todos os CD players

Esta parece ser a corrente que mais ganha força nos dias de hoje e pode se tornar uma coqueluche. A tecnologia ficou ainda mais sofisticada e barata, e o CD-RW (RW de *rewritable* ou regravável) tornou-se uma realidade até para usuários não tão *high-end*.



O CD-R quebra qualquer galho

O CD-RW apresenta todas as vantagens do CD-R, mais a possibilidade de regravar a mídia. Para isso, é preciso uma mídia especial, bem mais cara que os CD-R, mas ainda assim bastante barata, custando em torno de R$ 40 e com a mesma capacidade: 650 MB.
A mídia CD-RW pode ser lida nos respectivos drives e em virtualmente todos os leitores de CD-ROM e CD players de áudio. A versatilidade do uso e a segurança dos dados tornam esse recurso um forte candidato a dar dor de cabeça ao Zip Drive. E já tem alguns fabricantes de PC anunciando que vão incluir CD-RW embutido

Comparativo: velocidade versus preço

Drive ou midia	Gravação para o disco	Leitura do disco	Preço da mídia (R$)	Custo por MB (R$)	Preço do drive (R$)
HD IDE (4.3 GB)	0'39"	0'39"	–	0,081	350
HD SCSI (4 GB)	0'40"	0'40"	–	0,2	800
Zip 100/100 MB	5'25"	4'15"	30	0,3	410
Zip 250/250 MB	4'05"	2'47"	40	0,16	550
Jaz 2 GB	1'10"	0'45"	370	0,186	900
LaCie DVD-RAM 5.2 GB	18'04"	2'50"	320	0,061	2.500
Imation SuperDisk 120 MB	12'20"	9'46"	29	0,24	450
CD-R	5'30"	4'44"	5	0,007	800/1.200
CD-RW 2x2x6	5'30"	4'44"	40	0,061	1.400

Os testes foram feitos em um Power Mac 8500/120 com 32 MB de RAM, exceto o do HD IDE e do SuperDisk, feitos num iMac Rev. A. Para avaliar a performance foi usada uma pasta com 759 itens, totalizando 93 MB. Tempos em minutos e segundos.

Fique ligado

Mídia *– Disco gravável virgem.*
Queimar *– Gravar um CD-R.*
Multisessão *– Método de gravação de CD-R pelo qual é possível fazer várias gravações consecutivas em áreas livres do mesmo disco. Cada sessão aparece no desktop como um volume separado.*

em seus produtos, para desespero da Iomega. A velocidade de gravação não é muito vertiginosa, mas tende a crescer. Hoje os equipamentos que estão ganhando a preferência dos consumidores é o de 4x4x24 – sigla que indica velocidade de 4 vezes para gravação, 4 vezes para regravação e 24 vezes para reprodução.

DVD-RAM

Pró
Enorme capacidade; custo por megabyte ridiculamente baixo

Contra
Drive caro; nem todos os drives de DVD lêem DVD-RAM

Esta é a tecnologia dos sonhos. É a versão regravável do DVD. Apresenta a estonteante capacidade de 2,6 GB (nos cartuchos de um só lado) ou 5,2 GB (nos de dois lados). Um show de compatibilidade, o drive é capaz de ler CD-ROM, CD-RW, CD-Audio, DVD-ROM e DVD-Video – além, é claro, de ler, gravar e regravar DVD-RAM como se fosse um disquete ou o seu HD.

Os discos DVD-RAM podem ser Tipo I ou II. O Tipo I, que lembra os discos magneto-ópticos, vem em um cartucho plástico e tem dois lados regraváveis, mas infelizmente só pode ser lido em drives de DVD-RAM. Já o Tipo II, de um lado só, é idêntico aos discos DVD normais e pode ser lido por alguns desses drives também. O lado ruim é que nem todos os drives de DVD-ROM (aí se incluem os disponíveis para os novos PowerBooks G3 e os G3 azuis) conseguem ler discos de DVD-RAM, por terem sido fabricados antes dessa mídia existir. Segundo a Apple, somente drives de DVD-ROM de terceira geração conseguem ler discos de DVD-RAM.

O tempo de leitura pode variar, dependendo do formato, mas no geral o desempenho é bem satisfatório. O tempo de acesso para o DVD-RAM é de 120 ms para leitura e 5 MB/s para gravação. É uma pena que eu não tenha trazido nada para ler enquanto fazia os testes de desempenho *(veja a tabela)*, pois a sua velocidade de gravação não é das mais rápidas.

O custo elevado do drive, cerca de R$ 2.400, é amplamente compensado pelo baixo custo da mídia por megabyte. A longo prazo, o custo é diluído e o preço por armazenado é dos mais baixos.

Assim como o DVD tende a substituir o CD-ROM, é fatal que, mais dia, menos dia, o DVD-RAM tome o lugar dos atuais gravadores de CD-R.

O gigabecape ainda é maior vocação do DVD, enquanto o formato não "pega" como substituto do videocassete



Diferentemente do CD, os gravadores de DVD surgiram logo depois do formato

DAT

Pró
Ideal para becapes preventivos de quantidades massivas de dados

Contra
Caro e pouco usado; lento; não permite acesso imediato aos dados gravados

Existem outras tecnologias que vale a pena citar, mas que têm seu uso restrito a certas aplicações. Uma delas é o **DAT** (Digital Audio Tape), um gravador digital de fita magnética, que tem uma versão muito utilizada na indústria musical. O DAT é muito bom para quem possui grandes quantidades de informacão que precisam ser becapeadas freqüentemente. Com capacidade para mais de 8 gigas e um preço de mídia irrisório, ele peca por ser um sistema linear, impedindo o acesso direto aos dados; você precisa avançar a fita até encontrar o ponto onde está gravado o arquivo desejado. Isso e a baixa velocidade o tornam ineficiente para outros tipos de aplicação que não sejam o becape-monstro. A Iomega bem que tentou transformar o DAT em uma mídia mais popular com seu drive Ditto, mas não teve sucesso.

Flip e Clik

Pró
Extremamente pequenos; companheiros ideais para notebooks e câmeras digitais

Contra
Ainda não disponíveis para Mac

Há uma nova safra de tecnologias despontando, que visa o crescente mercado de portáteis e PDAs. Disquinho baseado no cartão PC Card (PCMCIA), o **Flip** vem num cartucho de 2,5" (o mesmo tamanho do MiniDisc) com capacidade de 2,1, 4,0 ou 6,4 GB, velocidade média de leitura de 13 ms e taxa de transferência de 6 MB/s. Outro da mesma família é o **Clik**, da Iomega, também baseado em PC Card e com cartuchos





Onde encontrar os drives e mídias

AppleStore1: 11-535-6161
Controle: 11-3037-7257
Imation: 11-3901-7012
Plug Use: 11-542-2585
Castlewood: www.castlewood.com

de 2,5" de 40 MB, voltado especialmente para o mercado de música e foto digitais. Com uma versão para PC lançada recentemente no Brasil, o Clik pode até interessar a outros tipos de usuários, devido à sua portabilidade. Ele tem três kits de acessórios: o Clik PC Card Drive, que permite encaixá-lo em um cartão PCMCIA para notebooks; o Clik Digital Camera, que permite transferir dados de cartões de memória Flash para o Clik e para o micro; e o Clik Drive Plus, que conecta o disquinho a computadores de mesa ou laptops.

Essas tecnologias ainda não estão disponíveis para os usuários de Mac, mas ao menos os fabricantes prometem versões compatíveis para um futuro breve (a versão USB do Clik deve sair até o final do ano).





O Clik é um minidisco que vem com um completíssimo kit de acessórios, incluindo um adaptador universal para cartões Flash, com interface para plugar em um micro, e um drive PC Card para acessar o disquinho diretamente de um laptop



Memórias Flash

Pró
Minúsculas; velocidade instantânea; sem partes móveis; ideais para câmeras digitais

Contra
Caras; capacidade ainda baixa; são tão pequenas que podem se perder

Quem trabalha com câmeras digitais já deve ter se deparado com uma de duas tecnologias concorrentes, apelidadas de "filme digital", que batalham por esse mercado: o **CompactFlash** e o **SmartMedia**. São cartõezinhos minúsculos de RAM que armazenam de 16 MB (SmartMedia) a 48 MB (CompactFlash) cada um. Embora não tenham muita capacidade e custem mais caro por megabyte, são menores e mais leves que qualquer disco. Além disso, são praticamente inquebráveis e o acesso às informações gravadas é instantâneo, pois não dependem de um mecanismo móvel de leitura. O maior senão é justamente o seu tamanho: perder um cartão desses é uma possibilidade real.





Estes cartões de memória estão em tamanho natural. O CompactFlash (acima) é da espessura de uma moeda; o SmartMedia (abaixo) é fino como um cartão telefônico

ORB

Pró
Relação custo/benefício fantástica

Contra
Fabricante estreante e pouco conhecido

Outra vedete do momento é o **ORB**, que vinha sendo anunciado há tempos pela (até agora) desconhecida Castlewood Systems.

É um drive de mídia removível com capacidade de 2,2 GB a custo realmente competitivo, para não dizer matador. Basicamente, ele combina a capacidade e a velocidade do Jaz com o preço do Zip.

Nos EUA, o preço do drive com a primeira mídia é de US$ 199,95, e mídias adicionais de 2,2 GB saem por apenas US$ 29,95. Isso torna o custo do megabyte extremamente baixo: US$ 0,0138. Tem versões USB, SCSI e Firewire. Agora é esperar que ele realmente pegue e chegue logo ao mercado brasileiro.

Deu para escolher?

Tá difícil? Nahhh! É simples: baseie-se nos dados fornecidos, mas não se esqueça de que há um componente imponderável no qual não podemos interferir muito: o futuro. Afinal, nunca vi futurólogo acertar algo mais complexo do que o prato que ele vai jantar hoje. O que podemos fazer para tornar sua escolha menos dolorosa é oferecer algumas tendências de mercado.

Pense em um caso de sucesso hoje, o disquete de 3,5". Apesar de obsoleto, lentíssimo e de capacidade ridícula, ele conta com uma base instalada invejável. Substituí-lo à altura não será missão fácil. Por mais que Steve Jobs insista. E com todo o investimento feito pela Iomega para popularizar seu Zip Drive, ele ainda está longe de bater a hegemonia dos velhos disquetes.

Os drives de CD-ROM são uma resposta a esse dilema. Assim como os disquetes, os leitores de CD-ROM também se tornaram onipresentes nos últimos anos.



Ter um gravador de CD pode não ser uma má idéia, pois em breve eles devem ocupar o espaço dos leitores. Além disso, os dados estocados em mídia óptica têm maior longevidade do que os gravados em mídias magnéticas.

Os Zip Drives têm conquistado respeito dos usuários, mas a Iomega enfrenta dificuldades. A empresa não está em seu melhor momento: viu os preços de suas ações serem depreciados no mercado financeiro ao anunciar o resultado negativo em seu segundo trimestre fiscal deste ano, o quarto com prejuízo nos últimos dois anos.

O ORB vem surgindo como azarão. Todo mundo fica com o pé atrás em confiar em uma tecnologia que demora quase três anos entre seu anúncio e a efetiva chegada ao mercado.

A Imation, por outro lado, vem crescendo graças à agressividade com que vem atuando.

O importante é ver qual das opções se adequa melhor ao seu uso: becape, transporte de dados, rapidez, confiabilidade. Descubra o que é importante para você e escolha seu drive. **M**

CARLOS XIMENES
É o X, mas não é o irmão do Speed Racer.
cximenes@uol.com.br
*Colaboraram: Heinar Maracy, Mario AV e Roberto Conti

Cemitério das mídias

O mercado de mídias removíveis é cruel. Altamente competitivo e com margens de lucro estreitas, ele já levou várias empresas e tecnologias para o buraco. E junto com elas vão aqueles usuários que investiram em drives e pilhas de cartuchos e disquinhos. Olhando para trás, vemos que nem sempre a melhor tecnologia vira padrão de mercado. Mas isso é um fato da vida digital com o qual os macmaníacos já estão acostumados: o próprio Mac é o exemplo.

SyQuest

*A revolução do DTP trouxe uma demanda muito grande por mídias removíveis. Pela primeira vez, grandes arquivos e páginas editoradas precisavam ser transportadas de um lado pro outro, do escritório de editoração para o bureau de pré-impressão. A **SyQuest** foi a primeira empresa a se aproveitar desse mercado, com seus poderosos cartuchos de 22 MB. O cartucho SyQuest era nada mais que um HD encapsulado, o que lhe conferia boa velocidade e custo de fabricação baixo. Mesmo com uma tecnologia pouquíssimo confiável, cara, barulhenta e pesada, virou padrão no mundo Mac. Desagradava seus clientes fazendo upgrades a conta-gotas, como os discos de 44, 88 e 200 MB e o famigerado disquinho de 270 MB, incompatível com todos os outros. A vingança veio a cavalo. Bastou aparecer o Zip Drive para todos jogarem seus SyQuestões no lixo. Ainda tentou se recuperar com o EZ Drive de 135 MB (na verdade, um disco de 270 MB usado apenas de um lado), que até ganhava do Zip em custo/benefício. Mas já era tarde demais. Foi à bancarrota antes mesmo de poder consolidar o seu concorrente para o Jaz, o SparQ.*

Bernoulli

*Durante anos, uma tal de Iomega tentou bater a SyQuest sem sucesso, com uma tecnologia mais confiável e mais barata. O disco **Bernoulli** era um cartucho de 5" contendo um disco flexível com capacidade para até 80 MB. A sua tecnologia inovadora, um misto de disquete (mídia flexível) com disco rígido (alta rotação e cabeçote que não toca a superfície da mídia), não tinha concorrência: era patenteada pela Iomega. Mas o Bernoulli não colou. Aí houve uma reorganização na direção da empresa e o novo chefão decidiu encolher o Bernoulli e dar-lhe um novo nome e uma embalagem mais moderna e marqueteira. Daí surgiu o Zip Drive. O resto é história...*

Magneto-óptico (MO)

*Outro tipo de drive que caiu no esquecimento foi o magneto-óptico. Seu principal problema foi a profusão de marcas e tecnologias, todas incompatíveis entre si. Já existiram discos de 3,5" e de 5,25", indo de 128 MB a 1,3 GB. Sendo mais lentos e mais caros que os drives de Zip e Jaz, acabaram perdendo espaço para as tecnologias da Iomega, apesar de serem mais confiáveis. O único disco magneto-óptico que realmente deu certo até hoje foi o diminuto **MiniDisc** da Sony, e mesmo assim apenas como possível substituto do Walkman, cargo que corre o risco de perder para os tocadores de MP3 como o Rio, da Diamond, que não têm nenhuma parte móvel e portanto podem ser muito mais baratos.*

HDs removíveis

*Se o disco rígido é a mídia mais rápida e barata, por que não fazê-lo removível? Muita gente já tentou isso, como a MicroNet e o seu **Data Dock.** O problema é que cada fabricante de HD queria fazer seu próprio dock para HDs, logicamente incompatível com os de outras marcas. E os discos, somados a controladoras e portas SCSI, não eram tão levinhos assim. Hoje, com a chegada de discos minúsculos e tecnologias como o FireWire, a coisa talvez volte à moda.*

Disquete

*O Mac felizmente nunca conheceu aquele trambolho que era o **floppy** (disco flexível) de 5 1/4". Entramos direto na era do disquinho de 3 1/2", inventado pela Sony. E agora ele vai morrer, queira você ou não. Não existe mais nenhum modelo de Mac à venda com drive de disquete. O drive morreu; vida longa ao drive.*

O MiniDisc da Sony poderia ser um substituto portátil do disquete, mas preferiu substituir o Walkman – e não pegou fora do Japão







Ops! Olha ele de novo! Ainda vai demorar para nos livrarmos destas pragas...

O incrivelmente malfadado EZ Drive era uma reciclagem do SyQuest de 270 MB, feito às pressas para tentar segurar o Zip

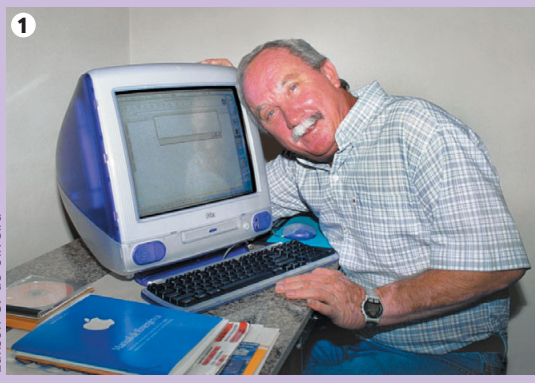


O monolítico SyQuest de 5 1/4 polegadas, que muitos de nós aprendemos a odiar



Fenasoft 99

Quem foi à Fenasoft pôde ver. O estande da Editora Bookmakers lotou, com centenas de populares querendo participar do concurso Macmania/Magnet e concorrer a um iMac 333 MHz roxinho, entre vários outros prêmios. Se você não foi, não precisa se desesperar. Ano que vem tem mais.



Edílson G. de Oliveira



Como é tradição todo ano, o estande da Bookmakers atraiu uma multidão na hora do sorteio dos prêmios



Reunião de poder: o G3 azul e o vice-presidente Marco Maciel



Cai cai, balão, cai cai, balão...

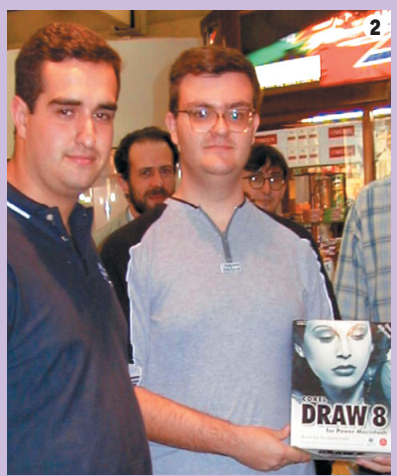


Luciano Kubrusly, diretor geral da Apple Brasil, inaugura o sorteio

Os ganhadores

1	Angelo Massa Neto	São Paulo/SP	iMac 333 MHz
	Daniel Magalhães Bicalho	Ouro Preto/ MG	Dois cartuchos de impressora
	Lindenberg de Souza Pereira	São Paulo/SP	CD-ROM Nossa Língua Portuguesa
	José Satiro de Oliveira Junior	Carapicuíba/SP	Adobe Photoshop 5.0
	Ricardo M. Ito	Chaí/PR	Macromedia FreeHand 8
	Renata de M. Pereira	São Paulo/SP	Curso de Director 7
	Carlos F. Wilcken	Botucatu/SP	Câmera de videoconferência TCE
	Klemen S. Berti	S. José do Rio Preto	Conectiva Linux 4.0
2	Alan Nikitiuk Milani	São Paulo/SP	CorelDRAW 8
3	Raul Issamu Mihami	São Paulo/SP	Estabilizador Enermax
	Daniel Tomio Gomes Eto	Suzano/SP	Estabilizador Enermax
	Paulo Martins Merisio	Franca/SP	Kit Linux
	Gilberto Francisco da Silva	São Paulo/SP	Kit Pimaco
	Nelson Issao Ishii	Taubaté/SP	Connectix Speed Doubler 8
	André Shin Yuasa	Pompéia/SP	Connectix RAM Doubler 8
	Joaquim de Moraes	Jacareí/SP	Filtro de linha Enermax
	Uender Ferreira Airraraf	Uberlândia/MG	Linux Total

Apoio: Apple Computer Brasil, Adobe, Macromedia, PCD Compucenter, Conectiva, Corel, Publifolha Multimídia, Plug Use, Passport Distribuidora, Inside Sistemas de Energia, BrasilFax, Pimaco



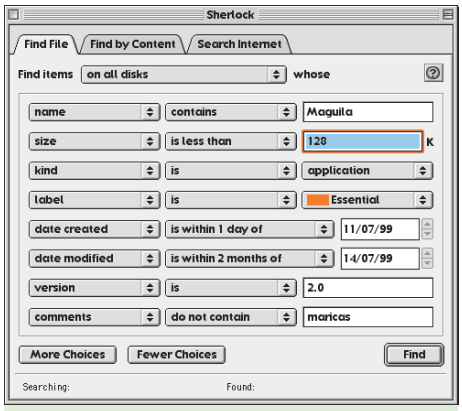


Caçadores do arquivo perdido

Use o Sherlock para encontrar qualquer documento perdido em seu Mac

Aconteceu comigo, com você, com seu vizinho, com Steve Jobs e até com FHC, embora o porta-voz do governo não vá admitir. Todo mundo que usa computador já quebrou a cabeça, quando não o computador, tentando encontrar um arquivo que estava enfurnado em algum canto do disco rígido. Os pokaprátikas provavelmente resolvem a questão na unha, chafurdando em todas as pastas do Mac até encontrar o maldito. Já o usário mais experiente não tem dúvida sobre o que fazer: usa o Sherlock (para quem tem o Mac OS 8.5). E os macmaníacos diplomados vão ainda mais longe, pois sabem que, com o Sherlock, podem encontrar até textos contidos nos documentos, em questão de poucos segundos. Soa complicado? Que nada, é bico. Na edição passada, vimos como usar o Sherlock para achar informações na Internet. Agora vamos ver como aproveitar ao máximo essa poderosa ferramenta de busca.

Achar arquivos soltos no HD é uma das tarefas mais requisitadas ao Sherlock. Mesmo quando se sabe exatamente onde se encontra um determinado documento, às vezes pode ser mais rápido usar o programa em vez de abrir pastas e pastas até chegar ao destino desejado. Para essa tarefa, vá até o menu da maçã (Apple Menu) e selecione o ícone do Sherlock ou ⌘F. Se já não estiver selecionada, clique na abinha Find File. A primeira coisa a fazer é determinar onde será procurado o arquivo que você quer. No menu Find Items, você vai achar as seguintes opções:



Se o arquivo está em seu Mac, o Sherlock acha pra você

- **On All Disks:** Todos os discos serão incluídos na busca, de CDs e disquetes a discos remotos.
- **On Local Disks:** A pesquisa será feita em todos os discos locais conectados ao seu Macintosh, incluindo drives externos, como Zips e CD-ROMs.
- **On Local Disks, Except CD-ROMs:** O mesmo que a anterior, mas os CDs que estão no Mac não serão incluídos na pesquisa.
- **On Mounted Servers:** Se você estiver conectado a outro computador através de uma rede, poderá achar arquivos nele também.
- **On The Desktop:** Procura só no Desktop.
- **In The Finder Selection:** Pesquisa somente pastas ou discos selecionados no Finder. Além disso, você poderá selecionar cada volume individual, como HDs, CDs, disquetes, Zips etc.

Pesquisas mais precisas

Logo abaixo existem dois menus que vão ajudar a restringir o universo da busca e um campo em branco (pode aparecer um terceiro menu no lugar do campo em branco, dependendo da opção selecionada). O menu da esquerda é o mais importante. Já o menu da direita permite definir outros atributos mais específicos para restringir o universo da busca, com opções que variam de acordo com a função escolhida no primeiro menu, no qual você pode selecionar os seguintes parâmetros:

Name: Nome do arquivo. Este é o modo normalmente utilizado. Digite uma palavra-chave ou o nome completo do arquivo no campo em branco. No menu à direita é possível especificar se o nome contém, não contém, começa com, termina com e se é ou não o termo digitado. Essas opções são muito boas, principalmente quando não lembramos o nome exato do arquivo que queremos.

Size: Procura a partir do tamanho do arquivo. Digite o número de Kilobytes e determine no menu da direita se é maior *(greater)* ou menor *(less)* do que o valor inserido.

Kind: Faz a busca de acordo com o tipo de documento. Ao habilitar essa opção, um terceiro menu aparece, permitindo escolher entre alias, aplicação, painel de controle, extensão, documento, pasta, som, fonte e outras opções. No menu central você especifica se o arquivo a ser encontrado é *(Is)* ou não é *(Is not)* um painel de controle, por exemplo.

Label: Procura os arquivos de acordo com o Label determinado pelo usuário. Funciona de modo praticamente igual à opção anterior, só que o terceiro menu mostra os Label disponíveis.

Date Created: Faz a pesquisa pela data de criação do arquivo. Pode ser bastante útil quando você sabe mais ou menos a data de criação de um documento. O campo à direita permite definir a data exata, enquanto o menu do meio especifica se a data de criação é ou não exatamente aquela, se é antes/depois, ou ainda se o arquivo foi criado nos dias, semanas ou meses próximos àquela data.

Date Modified: A mesma coisa que o anterior, mas utiliza como referência a última data de modificação do documento.

Version: Para encontrar um aplicativo ou outro documento a partir de sua versão. Se for o Communicator 4.5, por exemplo, digite 4.5.

Comments: O critério de busca são os comentários encontrados no campo Comments da janela Get Info do Finder.

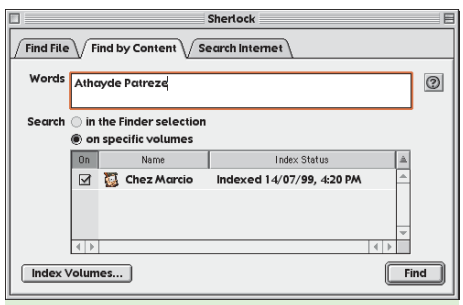
Lock Attribute: Especifica se o arquivo está bloqueado *(locked)* ou desbloqueado *(unlocked)*.

Folder Attribute: Se você está procurando uma pasta, é possível determinar se ela está ou não vazia *(empty)*, ou se é compartilhada *(shared)* ou montada *(mounted)*.

File Type: Pesquisa o arquivo por sua extensão, mesmo que ela não esteja no nome. Serve para procurar, por exemplo, arquivos JPEG, GIFF, MIDI, AIFF, MP3 e outros tipos de documentos.

Creator: Procura pelo programa criador do documento. Cada aplicativo é representado por um acrônimo diferente. Para descobrir a informação de Type ou Creator de um arquivo, basta jogá-lo sobre a janela do Sherlock *(leia mais na Macmania 59)*.

O mais importante em todas as opções é que você não precisa escolher apenas uma. Para pesquisas mais precisas, é possivel combiná-las. Clicando em More Choices, mais uma linha com

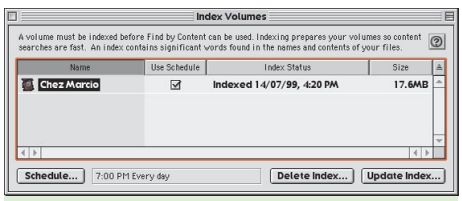


Encontre uma palavra em qualquer doucmento em seu HD

parâmetros de pesquisa aparece. Por exemplo: se na primeira linha você determinou que fosse encontrado um arquivo de nome "Planilha", na segunda é possível especificar que o Sherlock só mostre os documentos com mais de 128 K. A cada vez que o botão More Choices for clicado, mais uma linha será adicionada. Para sumir com uma linha, é só clicar em Fewer Choices. Ao todo, pode-se usar todos os nove parâmetros de busca ao mesmo tempo (mas parece que a última pessoa que fez isso teve que ser internada). Depois de determinar os parâmetros de busca, basta clicar no botão Find e correr para o abraço. Uma janela chamada Found Items aparecerá com os resultados.
Selecionando um item, aparece na parte de baixo da janela a sua localização exata. Você pode dar um duplo clique para abrir um documento, arrastá-lo para outro lugar ou então usar o ⌘R (Show Original) para abrir a pasta onde ele se encontra.

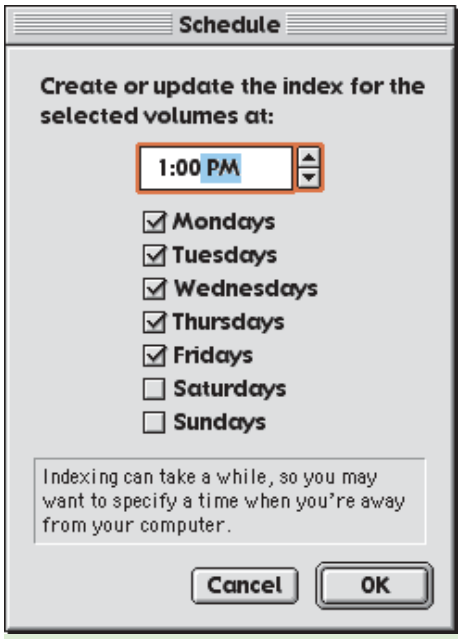
Procura por conteúdo

Outra ferramenta bastante funcional do Sherlock é o **Find By Content**, ou procura por conteúdo. Ao contrário da função Find File, esse recurso faz a pesquisa a partir do conteúdo dos arquivos encontrados em discos específicos, em vez de olhar apenas seus nomes. É claro que isso funciona com documentos gerados em processadores de texto, planilhas ou qualquer outro que trabalhe com texto. A partir do Mac OS 8.6, o Sherlock passou a catalogar também arquivos HTML e PDF.
Antes de utilizar o Find By Content é necessário **indexar** os arquivos contidos em seu HD ou em outra mídia. Esse processo possibilita que o Mac tenha um índice com as palavras contidas em cada documento, de modo que a pesquisa por palavras-chave seja bastante rápida.
Para isso, siga os seguintes passos:
1 Selecione a abinha Find By Content e depois clique no botão Index Volumes.
2 A lista de todos os volumes conectados à sua máquina vai aparecer. Selecione qual será indexado clicando em seu ícone (se você for indexar mais do que um volume, clique enquanto segura Shift).
3 Clique no botão Create Index. Como a indexação dos arquivos poderá demorar um bom tempo, talvez seja interessante fazer isso num momento em que o Mac estiver ocioso.



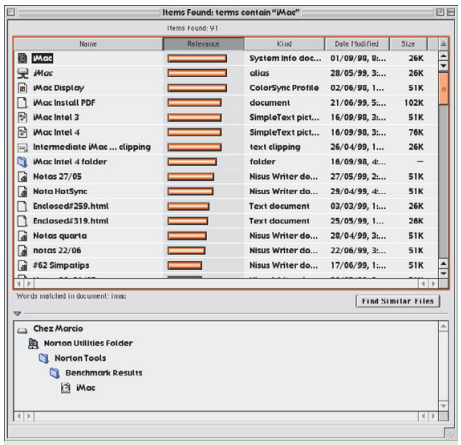
Regulamente os dados em seu disco

Depois que a indexação for realizada pela primeira vez, o botão Create Index mudará para Update Index e servirá para atualizar o índice do Sherlock, verificando apenas os documentos que foram alterados desde a última indexação. Caso você queira apagar o índice de algum volume, basta selecioná-lo e depois clicar no botão Delete Index.



Agende a atualização do índice

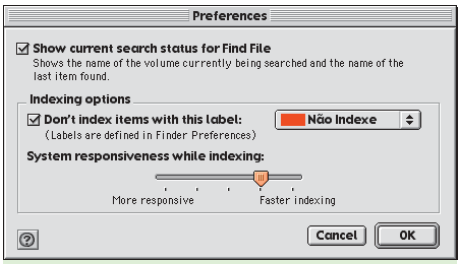
É possível também agendar a indexação de seus documentos para momentos em que você não estiver utilizando o Mac (mas ele tem que estar ligado, é claro). Para isso, clique no botão Schedule. Na janela que surge, será possível escolher a hora e os dias nos quais a indexação será feita. Você pode escolher qualquer combinação de dias da semana ou até mesmo todos os dias. Clique OK e depois selecione o quadradinho ao lado de cada volume na coluna Use Schedule para determinar quais volumes serão indexados automaticamente.
Terminado o processo de indexação, volte à janela principal do Sherlock. O processo de procura por conteúdo é parecido com o de achar arquivos. Digite as palavras que pretende encontrar, selecione os volumes a serem incluídos na pesquisa e clique no botão Find. Pronto: o resultado deverá aparecer para você em poucos segundos na janela Found Items. Você ainda pode especificar que a busca seja feita em nos documentos selecionados no Finder. Para isso, vá ao Finder e selecione os arquivos ou pastas que vão fazer parte da pesquisa. Volte ao Sherlock e, ao lado do item Search, escolha a opção In the Finder Selection. Clique então no botão Find.



Os itens têm um medidor de relevância

Indexação sem traumas

Se preferir não deixar seu Mac fazendo a indexação durante o período em que você não estiver por perto, use outra técnica: selecione Edit ▸ Preferences e use o *slider* (botão deslizante) System-responsiveness while indexing balanceando o sistema para fazer a indexação de arquivos enquanto você trabalha. Movendo o slider para a esquerda, o Sherlock rodará em background e você continuará a trabalhar normalmente. Isso significa, no entanto, que a indexação será feita vagarosamente. Se a velocidade de indexação é o que interessa, mova o slider todo para a direita, mas não espere que o Mac responda prontamente a seus comandos enquanto dura o processo.

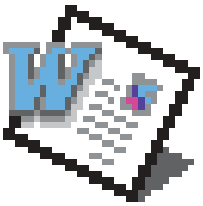


Com as opções do Preferences, a indexação pode ser mais rápida

Você ainda pode acelerar a indexação usando o recurso Don't Index Items With This Label na janela de Preferences do Sherlock. Antes de criar o índice, vá até o Finder, selecione Edit ▸ Preferences e defina um label com o nome "Não Indexe", por exemplo. Através da janela Get Info ⌘I, aplique o label a todos as pastas ou arquivos que você queira excluir do processo de indexação. Sugestão: System Folder, a pasta que contenha suas aplicações e outras pastas que não contenham nenhum documento de texto ou email. Volte ao Preferences do Sherlock, clique no quadradinho ao lado de Don't Index Items e especifique o label Não Indexe. Assim, a indexação será muito mais rápida.
Bom, se depois de todas essas dicas você não encontrar o arquivo desejado, é porque ele provavelmente não existe. M

Caixa alta no Word 98

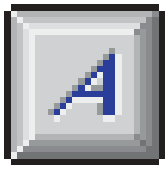
O Word 98 tem milhares de coisas auto-formatáveis, como, por exemplo, colocar caracteres em caixa alta na primeira letra de cada frase. O inconveniente disso é que, se a primeira palavra for "iMac", o Word vai mudar para "Imac". Para mudar isso, selecione Format ▸ Auto Format e desligue a opção Capitalize first letter of sentences.



Outra dica do Word: para criar uma variedade de linhas no Word 98, basta digitar três vezes o caractere e apertar Enter ou Return:

- Menos (–): cria uma linha fina
- Underscore (_): cria uma linha mais fina
- Sinal de igual (=): cria uma linha dupla
- Til (~): cria uma linha ondulada
- Grade, cerquilha ou "jogo da velha" (#): produz três linhas, com a linha do meio mais grossa.

Para enxergar as fontes



Um modo fácil de visualizar toda uma família de fontes é usar o Key Caps, localizado no Menu da Maçã. Selecione a fonte desejada no menu Fonts do programa. Aperte as teclas Option e Shift para ver os outros caracteres digitáveis.

QuickTime diferente

Uma das mudanças mais aparentes no QuickTime Player do QuickTime 4 é o fato de ele abrir apenas um filme por vez. Isso não é um defeito: é apenas uma preferência. Vá para Edit ▸ Preferences ▸ General e clique na opção Open Movie in New Player *(abaixo)*. Mas há outra maneira, para o caso de você querer abrir só o próximo filme numa nova janela. Segurando Option ao clicar no menu File, o menu muda para essa opção.





Alivie o seu HD

Esta é para quem tem impressoras Epson. Sabe quando o Mac trava na hora de imprimir e, depois do restart, quando você pede uma nova impressão, o Epson Monitor mostra que o documento que não imprimiu está sendo impresso? Pois bem, ele está em System Folder ▸ Extensions ▸ Epson Folder ▸ Spool Folder, junto com outros arquivos velhos, ocupando um bom e valioso espaço do seu disco. Jogue tudo fora.



André Leonel, Poços de Caldas/MG
pmp@pocos-net.com.br

Dicas de Myth 2



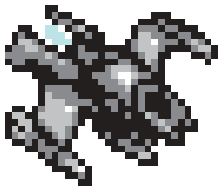
Aqui vão algumas dicas para quem está empacado no Myth 2:

- Segure Shift ao clicar Novo Jogo para jogar qualquer fase. Aparecerá um menu com todas elas.
- Pressione Control Option + para vencer instantaneamente.
- Pressione Control Option – para perder instantaneamente.



Clique em New Game com Shift para poder escolher a fase. Os outros jogos da Bungie também têm esse atalho (por exemplo, na série Marathon, o truque é clicar com ⌘Option)

Trapaças no StarCraft



Para usar esses cheats no StarCraft, aperte Enter, digite o código e dê Enter de novo:

- show me the money – minerais e gases à vontade.
- operation cwal – tudo fica pronto instantaneamente.
- ophelia – pula pra qualquer fase; digite o nome da fase na seqüencia. Exemplo: terran10.

Há uma lista completa de truques em http://battle.net/scc/cheats.shtml



Às vezes, roubar é a saída para quebrar a monotonia de uma partida

Mande sua dica para a seção **Simpatips.** Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da **Macmania.**

Peter Oppenheimer

Brasil é um bom negócio para a Apple

Algo está mudando na forma como a Apple vê o Brasil. Graças aos bons resultados obtidos pela filial brasileira de um ano para cá, Cupertino decidiu ampliar suas operações no Brasil, aumentando a equipe da Apple local, que deverá em breve abrir escritórios no Rio de Janeiro e no Sul do país (Curitiba e Florianópolis são cidades cotadas). A verba de marketing também deverá ser ampliada substancialmente. Conversamos durante a Fenasoft 99 com o vice-presidente financeiro da Apple, Peter Oppenheimer, que falou sobre os planos e expectativas da Apple no Brasil.

Macmania - Você está na Apple há três anos. Qual é a sua avaliação da atuação da empresa no Brasil nesse período?
Oppenheimer - Ela tem melhorado a cada ano. Há dois anos, nós tínhamos menos de 1% do mercado local de computadores. Ao final de nosso terceiro trimestre fiscal, em junho passado, já havíamos chegado a quase 3%. Nossa meta é chegar ao fim do ano fiscal, em setembro próximo, com uma fatia de 5% do mercado. Luciano Kubrusly e sua equipe fizeram um trabalho excelente no lançamento do iMac, aumentando nossas vendas no mercado doméstico. Ficamos espantados com nosso crescimento no Brasil.
Macmania - Quais os principais problemas que a Apple tem que enfrentar no Brasil?
Oppenheimer - Não acho que temos problemas, mas oportunidades de crescimento, principalmente nos mercados doméstico e educacional. Para conseguir isso, estamos dobrando a equipe da Apple Brasil. Vamos abrir em breve um escritório no Rio e outro no Sul do país. Pretendemos ampliar substancialmente nosso investimento em propaganda e fazer promoções bastante agressivas com nossos produtos.
Macmania - Quando falo em problemas, me refiro a coisas que afetam diretamente o usuário, como a falta de software nas prateleiras.
Oppenheimer - O software existe. A produção de programas para Mac nos EUA tem crescido rapidamente. Nosso trabalho é fazer com que ele chegue aos nossos revendedores no Brasil. Estamos trabalhando com uma grande distribuidora sediada em Miami para conseguir isso, principalmente em relação aos games. O segundo passo será estimular a localização desses programas.
Macmania - Depois de botar a casa em ordem e lançar produtos fantásticos que recuperaram a credibilidade e a lucratividade da empresa, qual será o próximo passo da Apple?
Oppenheimer - Não posso falar sobre produtos que ainda não foram lançados, mas devemos manter nosso foco nos mercados doméstico, educacional, criativo e de pequenos negócios, fazendo os melhores produtos, tanto em hardware como em software, para esses mercados. Essa estratégia já mostrou que está certa. Nos últimos três trimestres crescemos 40%, enquanto o resto da indústria, segundo a IDC *(International Data Corporation, a principal fonte de dados sobre a indústria de informática mundial)*, cresceu 21%.
Macmania - E, dentro desse cenário, qual vai ser a importância do Brasil para a Apple?
Oppenheimer - A América Latina tem um potencial tremendo de crescimento; não apenas o Brasil, mas também Argentina, México etc. Estamos muito contentes de poder contar com uma pessoa que já teve experiência dirigindo grandes grupos na região, Luiz Zuñiga *(recém-contratado gerente geral para a América Latina)*. O Brasil é o pilar desse mercado. Segundo a IDC, a América Latina representa um mercado de quase seis milhões de PCs vendidos anualmente, e o Brasil já está quase na marca dos dois milhões. Somando os outros países do Mercosul, chegamos facilmente a 50% do mercado latino-americano.



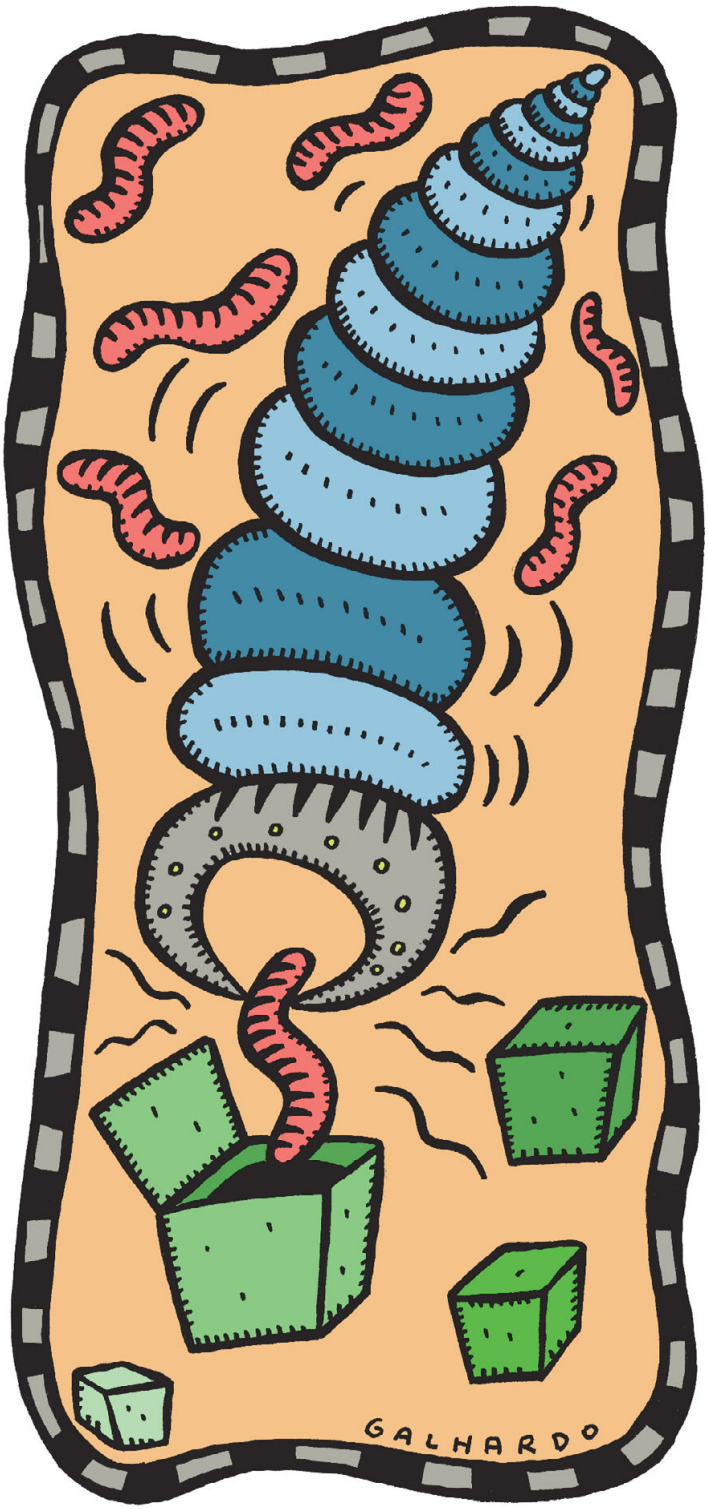
"Há dois anos, nós tínhamos menos de 1% do mercado. Nossa meta é chegar a setembro com uma fatia de 5%"

Macmania - A Apple lançou no começo do ano dois produtos de grande importância, o Final Cut Pro e o Mac OS X Server, que até agora não são vendidos no Brasil. Podemos esperar uma redução no atraso de lançamentos desse tipo a partir de agora?
Oppenheimer - Sim, com certeza. Queremos, inclusive, começar a promover lançamentos simultâneos de nossos produtos em vários países. Estamos nos estruturando para isso. Quanto ao Mac OS X Server, já foi feito um treinamento sobre o produto e ele deverá ser comercializado em breve.
Macmania - Então o iBook não vai demorar tanto quanto o iMac demorou para chegar ao Brasil?
Oppenheimer - Acredito que não. A demanda pelo iMac ficou acima das expectativas e é incrível ainda hoje. Para o iBook, deverá ser ainda maior. Espero que ele não demore mais de dois meses para chegar ao Brasil.
Macmania - A Apple pretende voltar a fabricar Macs no Brasil?
Oppenheimer - Estamos analisando essa questão. Entendemos a importância da manufatura local, principalmente no que se refere ao impacto sobre a estrutura das taxas de importação, não apenas em relação ao Brasil, mas ao Mercosul. Só que não temos nada para anunciar no momento.
Macmania - Recentemente a Apple comunicou que iria iniciar uma operação de recompra (buyback) de suas ações. Qual é o objetivo dessa operação?
Oppenheimer - Antes de responder isso, deixe-me recapitular o desempenho da Apple nos últimos tempos. Tivemos sete trimestres consecutivos de lucratividade, com rendimentos crescentes no comparativo anual. A empresa está operacionalmente indo muito bem: temos US$ 3 bilhões em caixa e os níveis de estoque são os mais baixos de nossa história, equivalendo a US$ 7 milhões ou um dia de estoque. Há um ano a Dell era a melhor nessa área, agora somos nós.
A Apple está com um balanço muito bom, aliado a produtos fantásticos. Nossa diretoria decidiu iniciar o processo de *buyback* no momento em que suas ações estão atingindo uma alta histórica. Há três anos, quando ingressei na Apple, suas ações estavam a US$ 25, depois caíram a US$ 13 e hoje estão quase chegando a US$ 60. Fizemos isso para dizer a todo mundo que acreditamos que a Apple é um bom investimento. M

DOUGLAS FERNANDES

Ordem e progresso

Conheça alguns programas que botam ordem nos seus arquivos



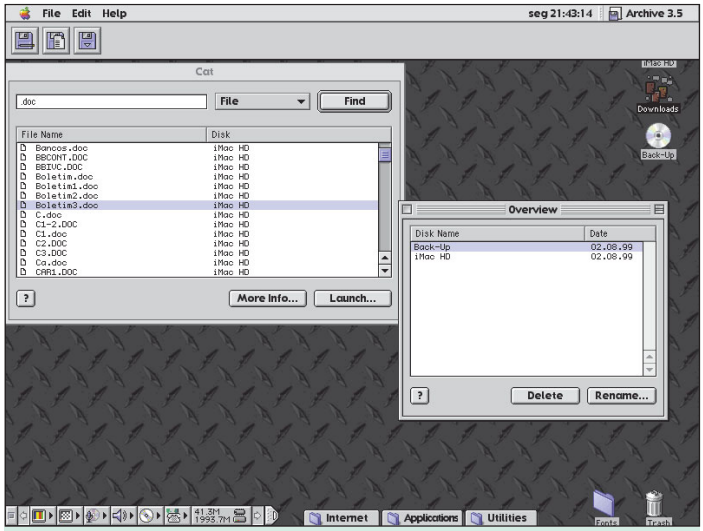
Basta ter um computador para ter vários arquivos e muita bagunça. Basta ter vários disquetes, Zips, CD-ROMs e o que quer que seja para perder facilmente o controle sobre qualquer pedacinho de informação. Não se preocupe. Tentar achar aquele arquivo super importante no meio de uma pilha de discos é algo que acontece nas melhores famílias, mas que pode estar com os seus dias contados, graças a alguns sharewares que são fáceis de achar na Internet.

Tudo o que você precisa é de algum programa que ajude a organizar cada disco e arquivo e ache-os o mais rápido possível. Você pode até ter no seu computador o poderoso Sherlock da Apple para achar coisas dentro do seu Mac, mas se você quer achar algo na sua pilha de discos, vai precisar de ajuda.



Archive

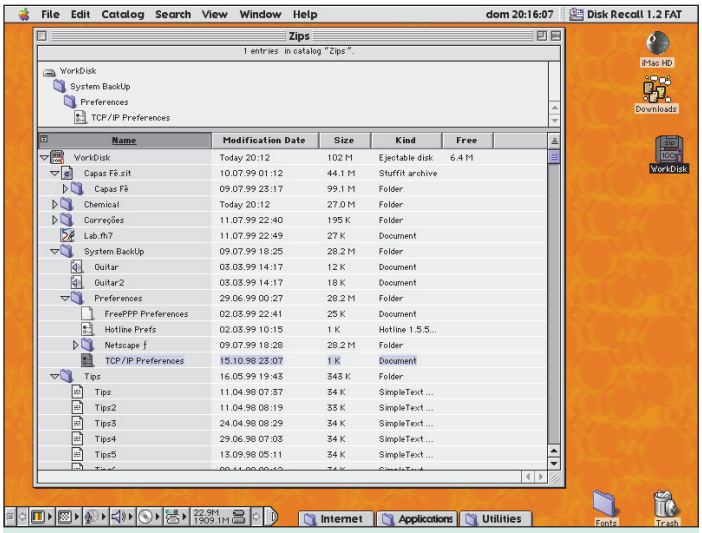
Archive é um shareware muito simples para catalogar discos. Basicamente, funciona assim: você indica um disco ou volume para ele catalogar e depois pode usar uma opção de procura para achar os de arquivos que precisa, e até abri-los a partir do catálogo. Embora bastante rápido na "catalogagem", ele peca por não ter algumas características úteis, como drag and drop, não mostrar o caminho que leva até o arquivo procurado e não dar opção de procura em apenas um ou dois discos (ele sempre faz a procura em todos os discos). Não vale pagar os $20 pedidos na taxa de shareware.



Programa simples e eficiente, mas com alguns problemas

Disk Recall

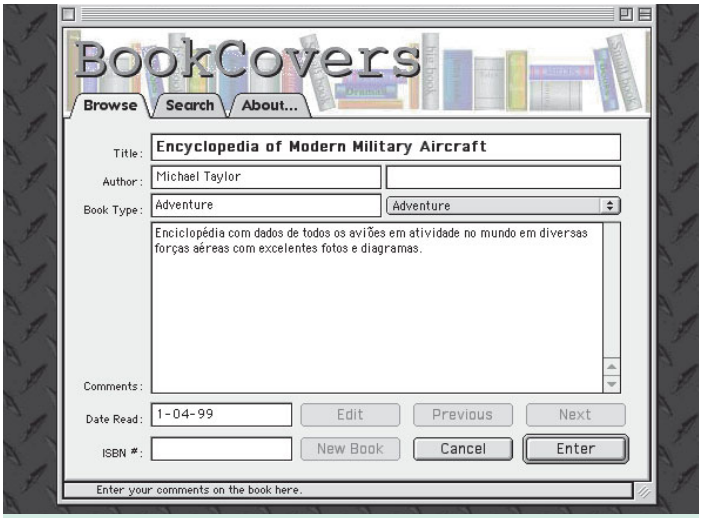
Um dos mais completos e eficientes sharewares para catalogar discos. Com sua cara de Finder, fica fácil usá-lo no dia-a-dia, e sua velocidade de leitura de discos é impressionante. Ele mostra o conteúdo de arquivos compactados com o StuffIt, indica arquivos duplicados, tem uma função de procura muito boa e um excelente conjunto de explicações via balõezinhos de ajuda que facilitam em muito o uso de todos os seus itens. Pagando a taxa do shareware ($ 20), você recebe uma extensão que lê e cataloga os discos no momento em que eles são ejetados, sem muita perda de tempo. Vale a pena.



Um dos melhores programas para catalogar discos

BookCovers

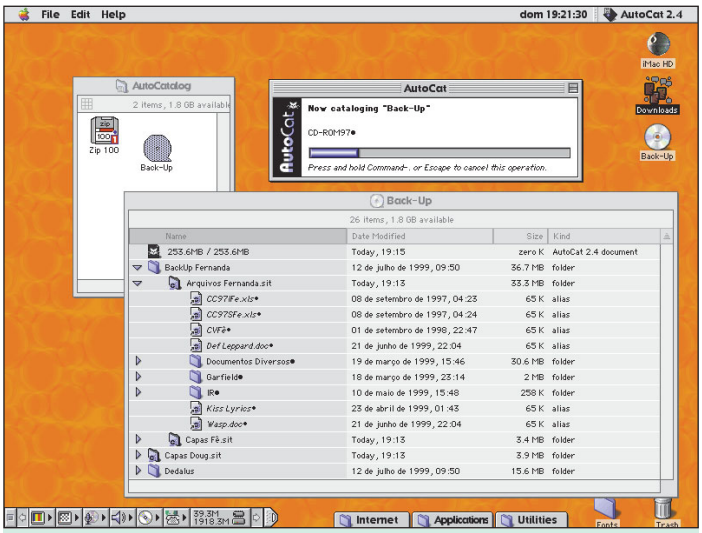
Para os amantes da leitura, nada melhor do que um programa que ajuda a organizar uma coleção de livros. Para montar o seu banco de dados, você pode entrar com dados como título, autor, data da última vez que você o leu e comentários sobre o livro. Ficou faltando um espaço para colocar imagens das capas dos livros, o que o deixaria mais atraente. Conta com uma ferramenta de procura dos livros.



Esse aí permite organizar sua biblioteca

AutoCat

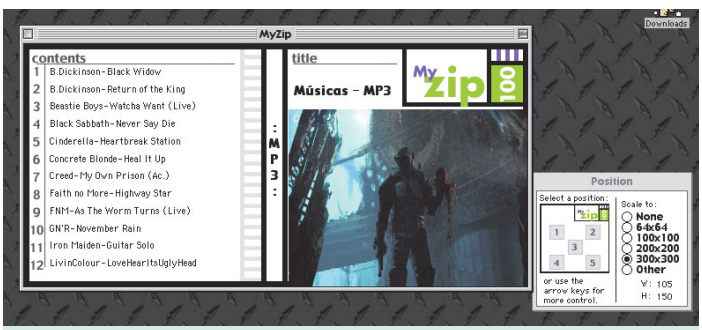
Um dos jeitos mais fáceis de se criar catálogos de discos removíveis é usando o comando Alias do Finder. O AutoCat pega carona nesse método: ele faz aliases dos arquivos de seus discos e os guarda em uma pasta, ocupando pouco espaço e com a facilidade do Finder para visualizar todas as pastas e subpastas. Quando clicados, os aliases pedem seus discos originais. Você pode arrastar o ícone do disco para o ícone ou janela do AutoCat para realizar essa tarefa, o que não é exatamente algo muito automatizado como poderia se esperar de um programa desses. Ele não consegue diferenciar discos com o mesmo nome e também não funciona nos Macs que não tenham o chip PowerPC, mas mesmo assim merece um ponto por usar uma solução simples, rápida e versátil.



O AutoCat utiliza os aliases para fazer o catálogo

MyZip PPC

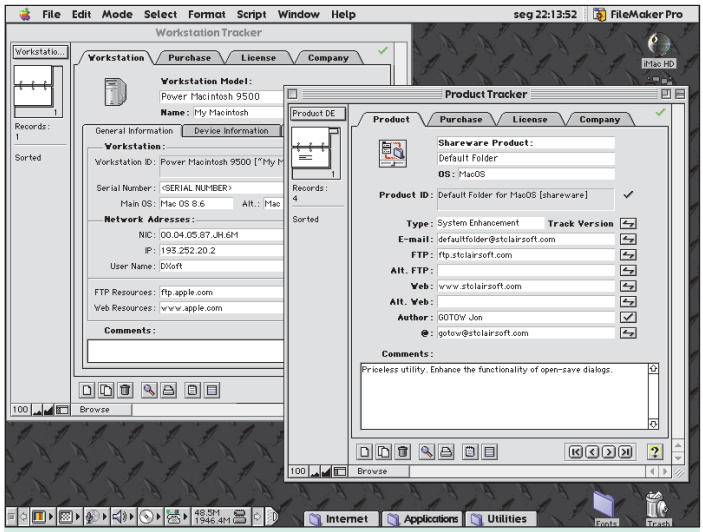
É um programinha que serve para fazer capinhas para os seus discos Zip. Ele abre uma janela, já no formato da capa, e deixa você colocar um título e a lista de itens que tem no disco (ele tem uma opção que copia todos os itens de uma pasta ou de um volume para a lista de itens). Dá para mudar o tipo de letra e o seu tamanho e dá para colocar imagens no formato PICT (como o logotipo da empresa, por exemplo) em um dos três layouts pré-definidos que vêm com ele. É um pouco limitado e as opções de layout não são grande coisa, mas é perfeito para quem quer organizar seus discos e não quer perder tempo criando capas em programas complicados.



Crie capinhas personalizadas para seus discos de Zip

Software & Hardware Tracker

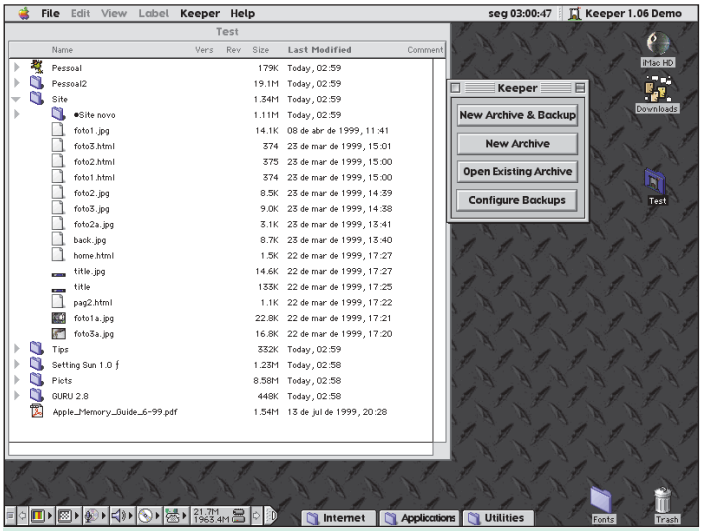
São bancos de dados feitos em FileMaker, pré-configurados para catalogar os seus softwares e hardwares com vários campos que ajudam a organizar a sua vida. Ideal para quem usa vários programas e precisa ter sempre as últimas versões ou o número de série de cada equipamento bem guardado para manutenções, trocas e upgrades. Dá para montar um banco de dados bem completo, com informações sobre o fabricante, senhas, data de compra e comentários, mas não é auto-executável e precisa do FileMaker para funcionar.



Para rodar esse banco de dados é preciso ter o FileMaker Pro

Keeper

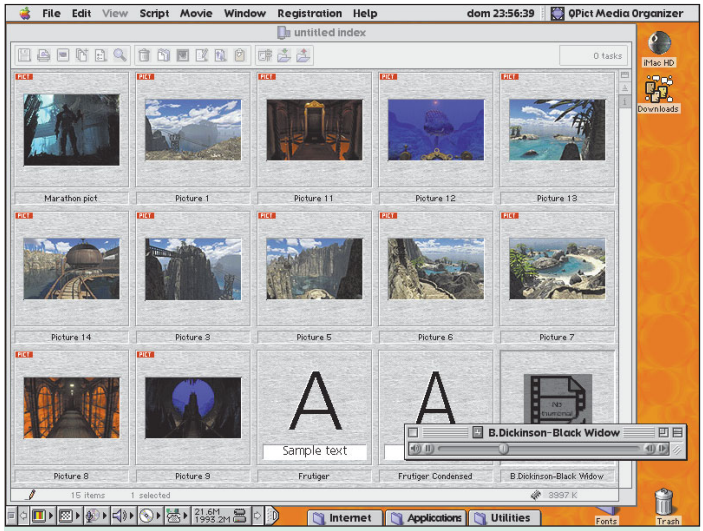
Programinha muito simples e limitado de becape, que não tem nenhuma pretensão de ser algo que um profissional ou uma empresa precise para resolver seus problemas de segurança. É só um shareware para fazer cópias de arquivos ou programas de uma maneira descomplicada e didática, sempre que for necessário. Seu jeito direto e simples de configurar é uma de suas virtudes, junto com algumas opções de automatizar os becapes. Pode ser de grande valor para o seu computador e para os seus dados.



O Keeper faz becape de arquivos de forma descomplicada

QPict

É um programa para catalogar imagens, sons (inclusive MP3), fontes, filminhos no formato QuickTime e animações em 3D. Depois de arrastar seus arquivos para a janela do QPict e formar o seu catálogo, você pode visualizar e detalhar com informações cada item, imprimir, fazer um *slideshow* (apresentaçãozinha multimídia) com a seqüência das imagens ou simplesmente guardar o catálogo para futuras consultas. Você pode proteger o seu catálogo com senhas também. Seu ambiente tem gosto duvidoso e ainda tem alguns bugs. Vale a pena conferir também o seu concorrente, o iView *(ver Macmania 51)*, que talvez possa suprir melhor as suas necessidades.



O QPict cataloga imagens, sons, fontes, filmes e animações 3D

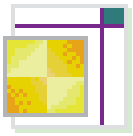
Icon Archiver

Como o próprio nome diz, serve para arquivar ícones. Mais do que isso, ele consegue pegar todas as variações de um ícone original (seu código em 16 cores e preto e branco e no tamanho reduzido) e mudar alguns atributos, como tirar algumas variações do ícone ou adicionar mais algumas ou exportá-lo no formato PICT, por exemplo.

O melhor dessa história é que você não precisa mais manter a sua coleção de ícones em pastas convencionais: é só deixar tudo em arquivos de forma organizada, onde você sempre poderá colar os ícones em outras pastas (inclusive de forma muito mais simples via drag and drop). Só ficou faltando um mini-editor de ícones.

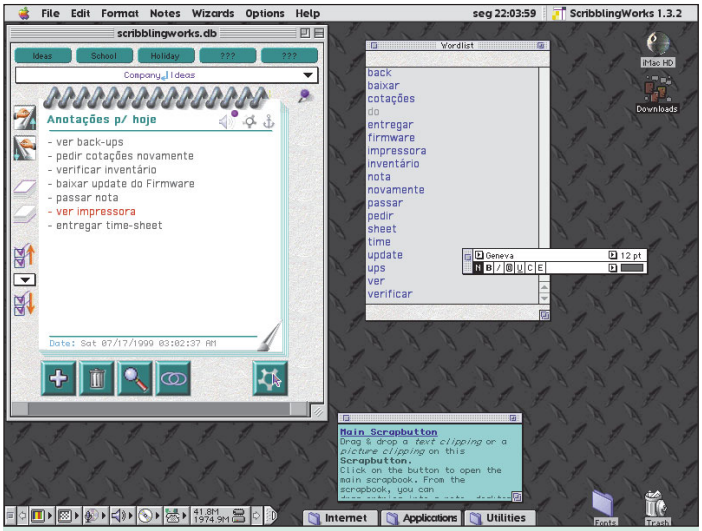


Programinha ideal para quem tem toneladas de ícones



ScribblingWorks

Serve para ajudar a organizar textos e comentários sobre coisas como reparos em casa e tarefas no seu trabalho ou o que mais você quiser. Tem uma cara simpática e é bem fácil de usar, permitindo adicionar imagens, sons e textos vindos de outros programas para se ter algo bem organizado no final. Pode ser útil para quem gosta de escrever no Mac, mas ainda assim não chega a convencer o fato de que você tem que pagar por um programa para ter algumas coisas que o sistema já faz (Scrapbook, Note Pad etc.), talvez não tão eficientemente, mas pelo menos de graça.



Um organizador de textos e notas que não faz nada de mais

Existem hoje na Internet programas para catalogar qualquer coisa, desde livros (como mostrado aqui) até discos, selos e o que mais você quiser. Existem também vários programas para fazer becapes (cópias de segurança) e diversos programas para catalogar discos, como alguns desses que mostramos. Ao que parece, essa é uma área dos sharewares que tem crescido mais nos últimos tempos, talvez por culpa da crescente necessidade que todo mundo tem de guardar coisas em discos ou tentar organizá-las. Se você também tem essa necessidade, dê uma boa olhada nesses programas ou procure na Internet algum que se encaixe melhor nas suas necessidades. E depois nos avise, se ele for legal. **M**

DOUGLAS FERNANDES
dougfern@dialdata.com.br
Conseguiu finalmente botar ordem na sua pilha de Zips.

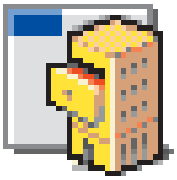
Onde encontrar

Archive: www.yenco.com/archive
AutoCat: http://tubular.net/autocat
BookCovers: http://home.sunvalley.net/kenferris/BkCvrs.html
Disk Recall: www.kagi.com/diskrecall
Icon Archiver: www.montalcini.com
Keeper: www.adisoft.com/keeper/keeper.html
MyZip PPC: www.shareware.com
QPict: www.glunet.se/qpict
ScribblingWorks: www.smalltalkfactory.de/Notebook/scribbworks.htm
Software & Hardware Tracker: www.dxoft.com/SHTracker.html

FileMaker Pro parte 2

Aprenda como fazer o relacionamento de dados

Se você acompanhou o nosso primeiro tutorial de FileMaker, na Macmania 61, já deve estar familiarizado com esse poderoso banco de dados. Para quem não recorda, naquela lição aprendemos a criar uma agenda de telefones.



Agora vamos ver como fazer para relacioná-la com outros bancos de dados feitos em FileMaker. Para não ficar na teoria, vamos imaginar que no seu cadastro estão incluídos os seus clientes e fornecedores, e que seu desejo é montar um sistema para controlar as vendas para esses clientes. Para que isso funcione, precisamos criar os seguintes bancos de dados:

- **estoque.fp3** – Nele você irá cadastrar seus produtos.
- **venda.fp3** – No qual você vai cadastrar seus pedidos de venda.
- **itens.fp3** – Serve como apoio aos demais, para gerar históricos.

A partir daqui, vamos assumir que você já possui conhecimentos básicos sobre FileMaker. Em outras palavras: se você leu a matéria anterior, você já deve saber como:

- Criar um novo banco de dados.
- Definir os campos.
- Criar lista de menus.
- Quais são os modos de trabalho do FileMaker.
- Criar botões.
- Criar scripts simples.
- Vincular um botão a um script.

Teremos que fazer algo relativamente simples, porque senão esta matéria se transformaria em um livro, mas nada impede que você modifique e amplie o nosso exemplo de acordo com as suas necessidades.

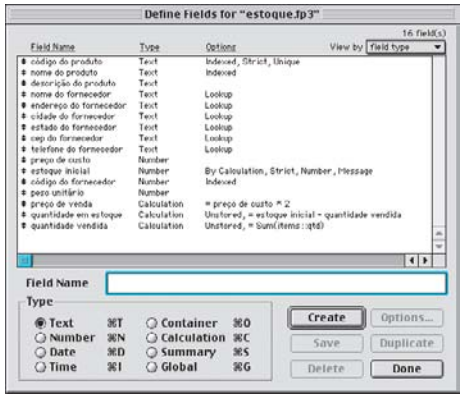
Mãos à obra

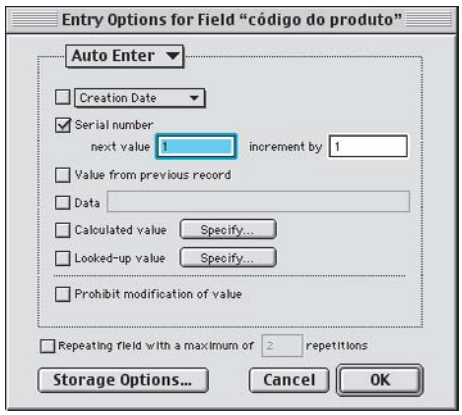
Aqui vamos introduzir novos conceitos; por isso, vá com calma e atenção. Se você não está familiarizado com os bancos de dados relacionais, leia antes o box nesta página.

1 Crie um banco de dados chamado estoque.fp3, com os seguintes campos:

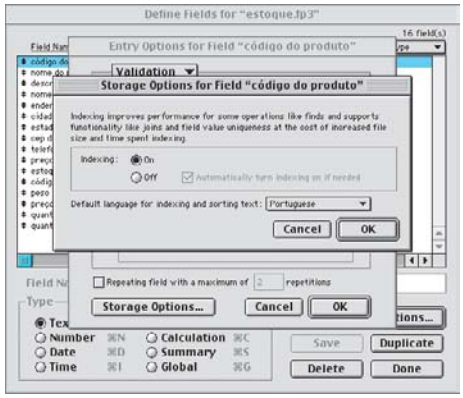
- **Código do produto** – Selecione o tipo texto com as opções único e restrito no menu pop-up. O único é para não haver dois produtos com o mesmo código, e o restrito é para impedir que você altere esse valor.

A opção Indexed pode ser ativada através do botão Storage Options, que faz com que o FileMaker crie um índice para os valores do campo. Isso facilita a busca (Find) da informação, mas aumenta o tamanho do banco de dados e "gasta" um tempo extra para criar esse índice.





Aqui também você pode escolher o idioma, para que o FileMaker faça o índice de maneira correta quando usarmos caracteres que não pertencem ao inglês.



- **Nome do produto** – Tipo texto, com a opção indexado.
- **Descrição do produto** – Tipo texto.
- **Preço de custo** – Tipo número.
- **Preço de venda** – Tipo cálculo, para permitir

Como usar os bancos de dados relacionais

Quando você tem uma informação em um banco de dados e quer ver essa informação em outro, há duas maneiras de fazer isso:

- *A primeira é copiar essa informação para o outro banco de dados. Isso é chamado* **look-up** *na língua do FileMaker.*

O look-up tem vantagens e desvantagens. A vantagem é que você pode manter a informação, mesmo que o outro banco de dados seja modificado.

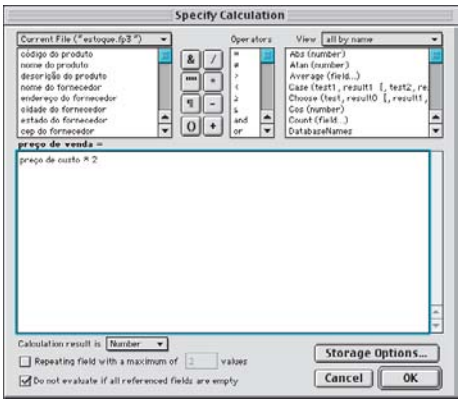
Por exemplo, imagine que você fez uma venda há seis meses e hoje você alterou o preço do produto que foi vendido.

Se você criou um relacionamento dinâmico, o preço será alterado na fatura antiga – coisa que não deve acontecer, porque você teria um valor errado de venda para aquela época. Nesse caso, o procedimento correto é criar um look-up.

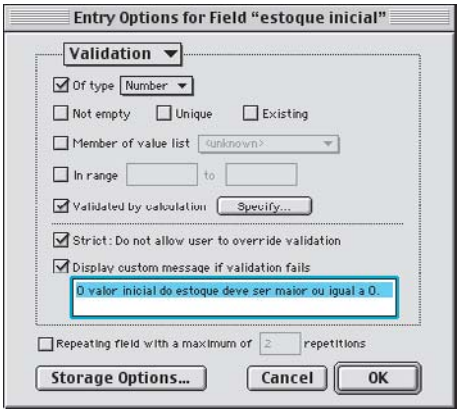
A desvantagem é que você está duplicando a informação, o que aumenta o tamanho do seu banco de dados – mas existem situações em que isso é necessário.

- *A segunda maneira é criar um* ***relacionamento dinâmico****. Esse tipo de relacionamento não duplica a informação, apenas permite que você a veja em outro banco de dados. A vantagem é manter o tamanho do seu banco de dados. Mas, quando o banco de dados relacionado for modificado, o outro será automaticamente modificado também; por isso,* ***cuidado!***

o cálculo do valor de venda do seu produto. Não se esqueça de selecionar o resultado como número, senão o FileMaker pode "pensar" que é um texto e aí as contas não vão funcionar.

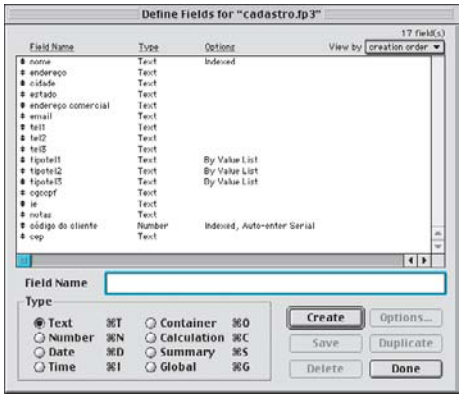


• **Estoque inicial** – Tipo numérico, com as opções com cálculo, restrito, número e com mensagem. A opção com cálculo é para inicializar o campo com valor 0 (zero) caso você o deixe vazio. A opção número é para impedir que você entre com letras nesse campo.
A opção mensagem vai exibir uma mensagem de erro personalizada, caso você tente burlar qualquer umas das validações do campo. Por último, a opção restrito é para impedir que você teime, por exemplo, em pôr uma letra neste campo.

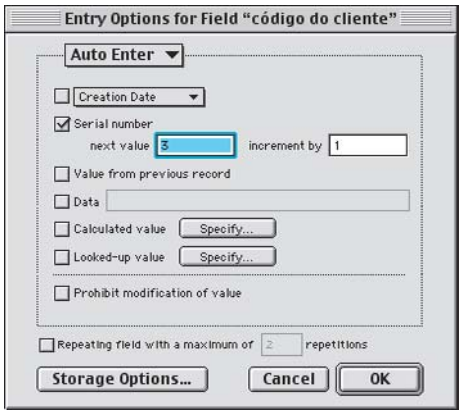


• **Peso unitário** – Tipo número.
• **Código do fornecedor** – Tipo número e indexado.
Os próximos campos serão criados para podermos continuar, mas depois teremos que voltar a eles e alterar suas opções e, em alguns, o tipo. Nestes, vamos mudar as opções depois:
• **Nome do fornecedor** – Tipo texto.
• **Endereço do fornecedor** – Tipo texto.
• **Cidade do fornecedor** – Tipo texto.
• **Estado do fornecedor** – Tipo texto.
• **CEP do fornecedor** – Tipo texto.
• **Telefone do fornecedor** – Tipo texto.
• **Fax do fornecedor** – Tipo texto.
• **Empresa fornecedora** – Tipo texto.
Nestes, teremos que mudar o tipo depois:
• **Quantidade em estoque** –Tipo número.
• **Quantidade vendida** – Tipo número.

2 Volte ao cadastro.fp3 e crie os seguintes campos, que serão usados quando criarmos os relacionamentos entre o cadastro e o estoque:
• **Código do cliente** – Tipo número com a opção Auto-enter serial para criar automaticamente um número seqüencial para o código do cliente/fornecedor a cada novo registro que for criado.
• **CEP** – Tipo texto.



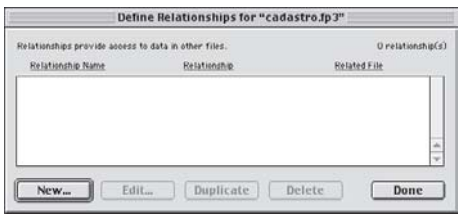




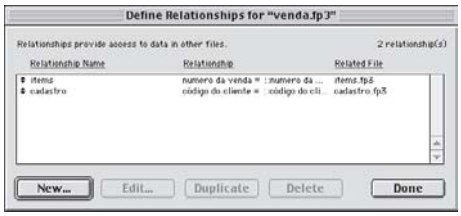
3 Vamos criar agora as relações entre estoque.fp3 e cadastro.fp3. Aqui você vai dizer mais ou menos o seguinte: quando o conteúdo do campo A no banco de dados A for igual ao do campo B no banco de dados B, copie ou mostre o conteúdo do campo C do banco de dados B no campo C do banco de dados A.
Tá confuso, né? Bem, a coisa funciona assim: quando você cria um relacionamento entre dois bancos de dados, precisa ter dois campos, um em cada banco de dados, que sejam iguais. Por exemplo, o campo de código do fornecedor no banco de dados estoque.fp3 é um campo numérico, assim como o campo de código do cliente no banco de dados cadastro.fp3.
Quando criamos o relacionamento chamado cadastro, estaremos usando esses dois campos para fazer a cópia (*look-up*) dos outros campos. Estes são os campos cujos conteúdos serão copiados:

cadastro.fp3		estoque.fp3
Cód. cliente	▶ Quando iguais	▶ Código do fornecedor
Nome	▶ Copiar para	▶ Nome do fornecedor
Endereço	▶ Copiar para	▶ End. do fornecedor
Cidade	▶ Copiar para	▶ Cidade do fornecedor
Estado	▶ Copiar para	▶ Estado do fornecedor
CEP	▶ Copiar para	▶ CEP do fornecedor

Parte-se do princípio de que o seu fornecedor está cadastrado no banco de dados Cadastro e você quer duplicar os dados sobre ele no banco de dados Estoque para poder manter o histórico de quem você está comprando o produto. Também é preciso saber o número do código de seu fornecedor e preenchê-lo no estoque para que os outros dados sejam importados automaticamente.
Vá até o menu File ▶ Define ▶ Relationships.
É aí que você cria as relações entre os bancos de dados. Nessa janela você definirá com quais bancos de dados será criado o relacionamento e quais são os campos que serão usados para isso.

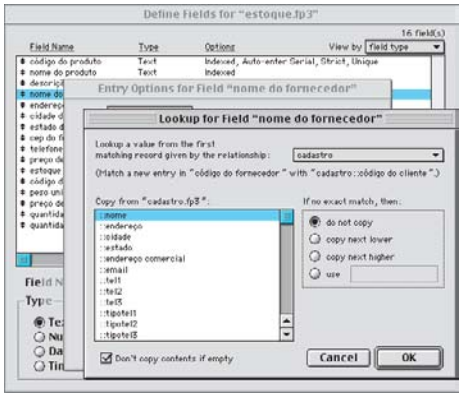


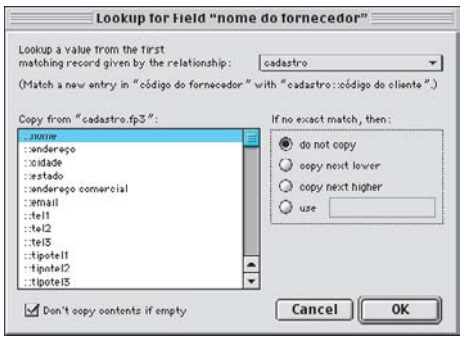
Clique no botão New e selecione o campo código do fornecedor e o nome, conforme a figura. Como nome do relacionamento, o FileMaker coloca por definição o nome do banco de dados com o qual estamos criando esse relacionamento. No nosso caso é o Cadastro; se você quiser, pode alterá-lo, mas para este exemplo não há necessidade.
Existem três opções na parte de baixo da janela Edit Relationship. Por enquanto, não vamos precisar delas, por isso não marque nenhuma dessas opções. Mais tarde falaremos sobre elas.



Clique em OK e depois em Done.

Pronto. Agora que criamos nosso primeiro critério de relacionamento entre o estoque e o cadastro, podemos copiar as informações do fornecedor que estão no banco de dados Cadastro para o banco de dados Estoque. Para isso, volte ao menu Define Fields, selecione o campo Nome do Fornecedor e clique no botão Options, selecione a opção Looked-up value e na próxima janela selecione a relação chamada Cadastro e o campo Nome. Clique em OK e depois em OK novamente.

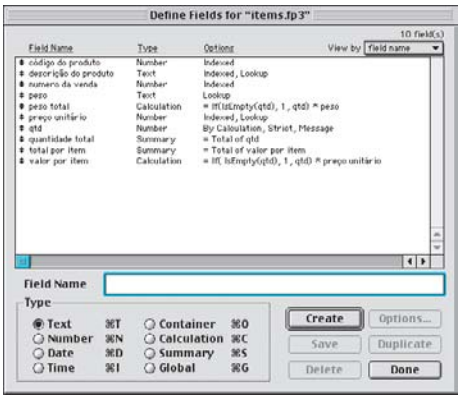




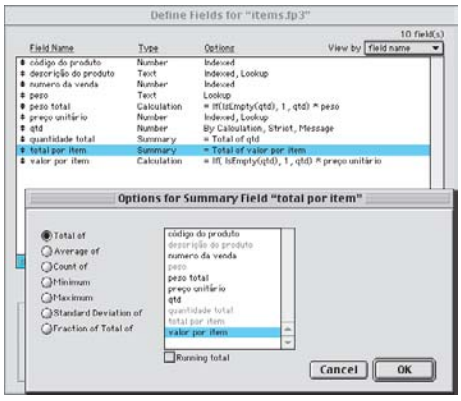
Repita o procedimento anterior para copiar os seguintes campos:

Endereço	▸	Endereço do fornecedor
Cidade	▸	Cidade do fornecedor
Estado	▸	Estado do fornecedor
CEP	▸	CEP do fornecedor
Endereço comercial	▸	End. comercial do fornecedor
Tel1	▸	Telefone do fornecedor

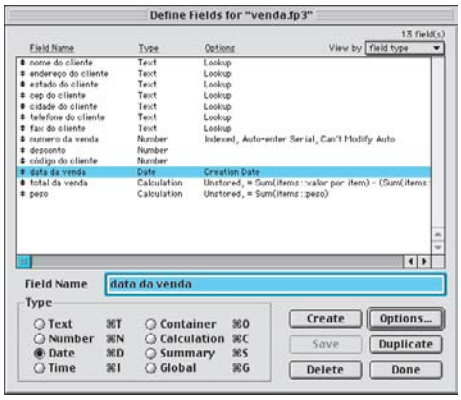
4 Vamos criar agora o banco de dados de apoio para o nosso sistema. A função dele será permitir sabermos quais itens do estoque foram vendidos em quais pedidos de venda. Vamos chamá-lo de itens.fp3.
Observe a figura a seguir e crie o banco de dados conforme está mostrado.
As novidades nesse banco de dados estão nos cálculos If(IsEmpty(qtd),1,qtd) * preço unitário e If(IsEmpty(qtd),1,qtd) * peso. Nesses dois casos, estamos dizendo o seguinte: "Se o campo qtd (quantidade) estiver vazio, preencha com o valor 1 (um) ou então aceite o valor que foi preenchido e depois multiplique por...".
A outra novidade são os campos tipo Summary;



eles existem para somar o mesmo campo em vários registros diferentes. Aqui eles estão somando o Total dos campos Item e Qtd. Sem o campo tipo Summary, nós não conseguiríamos ver o total da soma de vários registros.
Conforme a figura adiante, podemos ver que o tipo Summary tem várias opções. Elas falam por si próprias, de modo que não vamos aqui explicá-las uma a uma, mas nada impede que você crie novos campos sumários e os teste (os demais tipos já foram explicados).

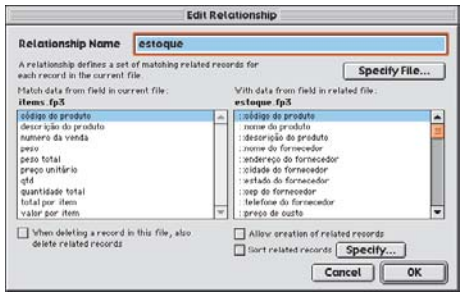


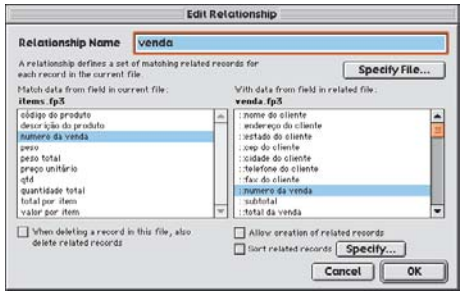
5 Este é o ultimo banco de dados que precisaremos criar. Vai se chamar venda.fp3; crie os campos conforme a figura.



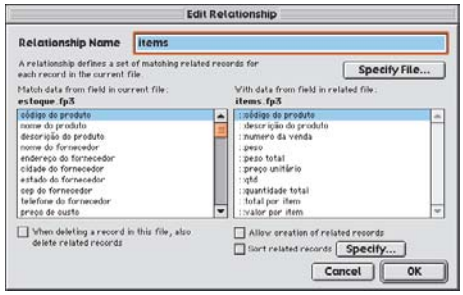
Não há nenhuma novidade aqui. Logo mais, iremos alterar os tipos e opções dos campos tipo número para que as coisas funcionem. Tenha paciência; vamos agora à sexta etapa.
6 Temos que terminar agora de criar todas as relações que faltam. Elas são:

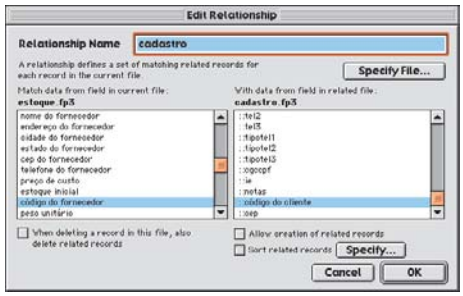
• No itens.fp3:



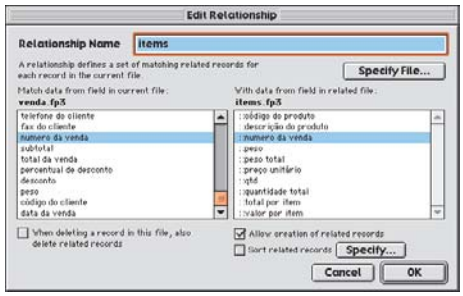


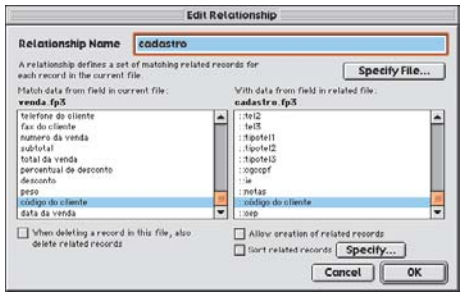
• No estoque.fp3:



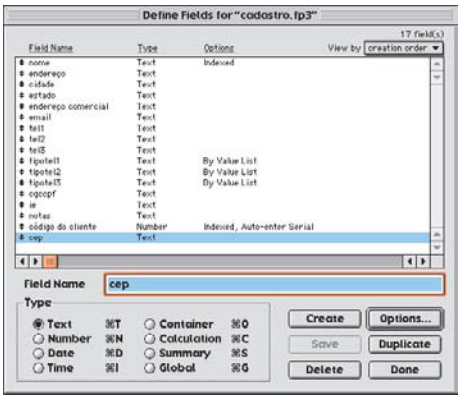


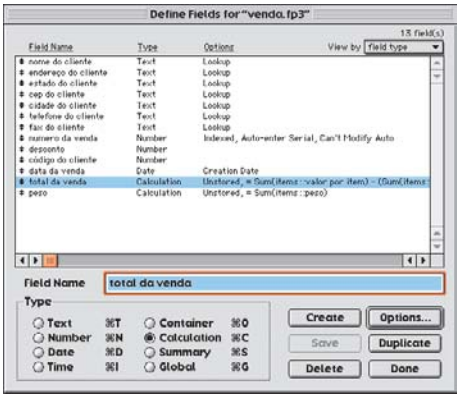
• No venda.fp3:

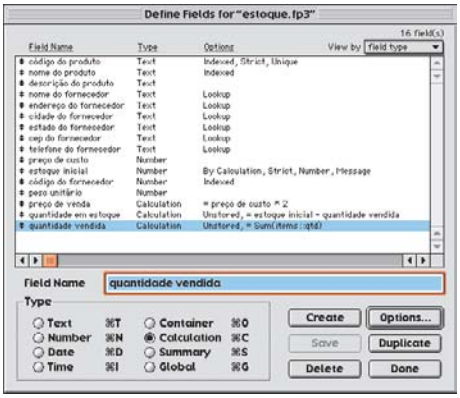


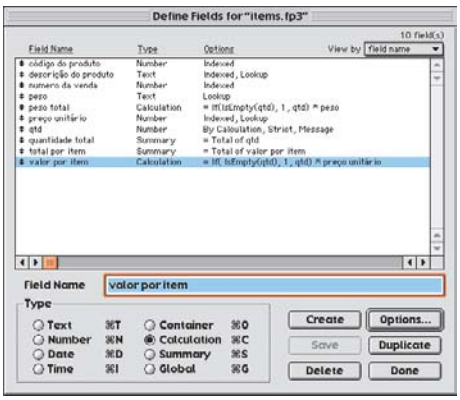


7 Com todos os relacionamentos feitos, podemos agora acertar todas as definições de campos. Veja como ficam as janelas de Define fields:







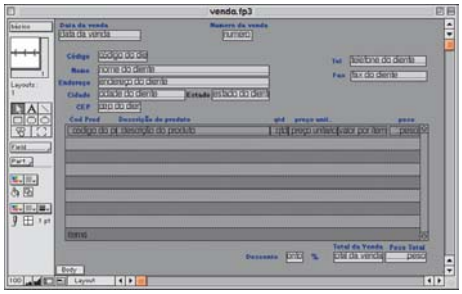


8 Para podermos ver os dados do banco de dados itens.fp3 no layout do banco de dados venda.fp3, precisamos criar um **portal**. Ele nada mais é do que uma janela que, através dos relacionamentos, nos permite inserir campos de outro banco de dados. Para criar um portal, vá para o modo Layout do FileMaker e clique na ferramenta de portal. Abra uma janela de portal do tamanho que achar necessário. Depois,



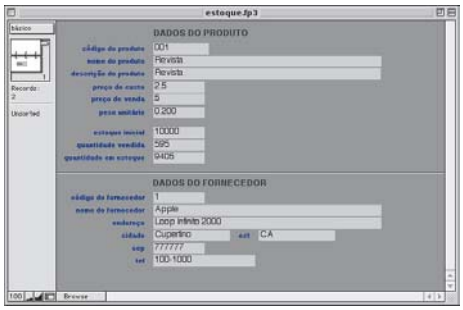


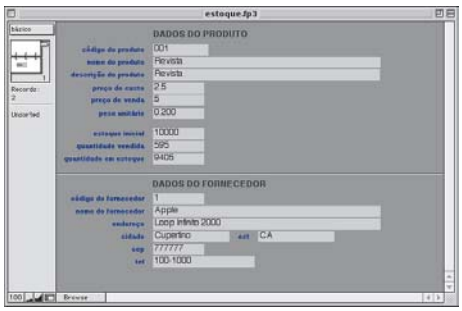
se quiser, você poderá alterá-lo. Uma vez que seu portal esteja criado, você deve inserir os campos. Para isso, use a ferramenta de campos (Fields) e selecione os campos que deseja. Como referência, veja esta figura:



Pronto! O nosso sistema está criado. Cadastre alguns produtos e fornecedores e divirta-se.







E mais uma vez, volto a frisar, você pode adaptá-lo para suas necessidades. Não tenha medo: experimente! M

ROBERTO CONTI lucca@pobox.com
Faz bancos de dados e dá cursos de FileMaker.

MacPRO
o suplemento dos power users
Ano 1- N°11
Parte integrante da revista Macmania
Não pode ser vendido separadamente

Linux no seu Macintosh!

por Marcio Pocciotti

O Mac OS não é o único sistema operacional que roda no Macintosh. Você já pode usar toda a versatilidade do Linux no seu Power Mac e desfrutar da rapidez dos processadores RISC aliados ao poder do Unix.

O Linux é um sistema operacional livre de custo e com código aberto. Isso significa que você não paga nada para usar o sistema e pode modificar o código da maneira que desejar. Além disso, ele tem todas as características que se espera de um sistema operacional moderno:

- **Multitarefa real** em 32 ou 64 bits (os programas podem rodar paralelos uns aos outros de forma eficiente);
- **Uma arquitetura de kernel** (somente o kernel, o "coração" do OS, roda de modo permanente, e todo o resto é carregado sobre ele como um componente extra que pode ser ligado e desligado);
- **Memória virtual**;
- **Bibliotecas compartilhadas** (maior facilidade para criar e rodar programas);
- **Capacidade multiusuário** (centenas de pessoas podem usar um computador ao mesmo tempo, seja através de uma rede, Internet ou pelas portas seriais).

Existem milhares de programas disponíveis para o Linux, desde emuladores de terminal, planilhas de cálculo e processadores de texto até servidores Web, firewalls, programas científicos e jogos. Você pode escolher entre baixar da Internet todos os componentes da instalação ou comprar um CD contendo toda a distribuição. Existem sites e mais sites com material sobre o Linux e diversas listas públicas de discussão onde você pode ouvir as novidades e pedir ajuda para resolver eventuais problemas.

O Linux também conta com desenvolvedores espalhados por todo o globo, que modificam o código do OS, criam e portam (traduzem) programas para outras plataformas. Você pode transformar seu Power Mac numa poderosa workstation Unix ou num servidor. Os provedores de acesso agora podem colocar os seus servidores de email para rodar em Macs. Também pode ser um ótimo laboratório para aprender Unix e é um prato cheio para os hackers de sistemas operacionais.

Você pode transformar seu Mac numa poderosa workstation Unix ou servidor para a Web

Não é o maior, mas é o que mais cresce

O Linux é o sistema operacional que mais cresce em todo o mundo. Cresce tanto que a própria Apple resolveu apoiar um projeto para portar o Linux para a plataforma de hardware PowerPC, o que resultou no **Mklinux**. A primeira distribuição do Mklinux, a DR1, saiu no começo de 1996. A versão atual é a DR3, mas a DR4 já está a caminho.

Um outro "sabor" de Linux para o Power Mac foi criado pela **LinuxPPC** e leva o mesmo nome da empresa. A primeira versão do LinuxPPC saiu em fevereiro de 1997. A versão atual, a 5.0, foi chamada de LinuxPPC 1999, já com vários temas de interface diferentes e um novo instalador. Existe também o **YellowDog Linux**, a distribuição mais nova do Linux para Power Mac.

Mklinux ou LinuxPPC?

Uma escolha difícil. Na prática, os sistemas são muito parecidos. Ambos podem ser ini- ▶

ProNotas

Imprimindo em latas

A **Gutenberg** acaba de assumir a representação no Brasil da Crabtree of Gateshead, fabricante inglesa de impressoras para embalagens metálicas. A Crabtree foi recentemente incorporada pela LTG Technologies, que também detém o controle da LTG Mailänder, a qual até agora era concorrente da Cabtree e também é representada pela Gutenberg no território nacional.

Segundo a Gutenberg, até o final deste ano a Mailänder deverá lançar a LTG Sprint 924, uma nova máquina de impressão multicores para folhas galvanizadas e de alumínio. Trabalha com espessuras de 0,1 mm a 0,3 mm, tambores de transferência entre as unidades individuais e velocidade de até 9 mil folhas por hora.

Gutenberg: 11-250-4400; www.gutenberg.com.br

ExtremeZ-IP põe Mac em redes NT

A Intergraph lançou o **ExtremeZ-IP**, uma alternativa da empresa para rodar o protocolo AppleShare do Windows NT (Services for Macintosh) numa rede Mac/NT mista. A Intergraph afirma que o produto vai acelerar a transferência de arquivos AppleShare em até cinco vezes, em comparação ao protocolo embutido no NT, sendo ideal para tirar vantagem da interface Gigabit Ethernet, que agora está disponível no Mac como item opcional.

O ExtremeZ-IP requer Windows NT Workstation ou NT Server 4.0 com Service Pack 3, além da versão cliente 3.7.4 (ou mais recente) do AppleShare instalada no Mac. O preço da versão para NT Workstation é de US$ 299, no mercado americano. Já a edição NT Server para até dez clientes sai por US$ 999. A versão com clientes ilimitados fica por US$ 1.399.

Intergraph: www.intergraph.com

Avid tenta fazer as pazes com os macmaníacos

A **Avid Technology** tenta livrar a cara depois de sofrer com o boato na feira NAB de que iria parar de desenvolver produtos para Mac (rumor esse que surgiu de declarações de executivos da própria empresa), realizando importantes anúncios para mostrar seu comprometimento com os usuários da plataforma. As novidades incluem reduções de preços para upgrades e compras de sistemas Media Composer para Macintosh; o novo Avid Xpress com o subsistema de vídeo Avid Meridien; e a criação de uma nova unidade de negócios para o desenvolvimento de ferramentas de edição baseadas em Mac. Os preços do sistema ABVB (Avid Broadcast Video Board) foram reduzidos em cerca de 50%. Por exemplo, o custo nos EUA do sistema Avid Media ▶

Linux no seu Macintosh!

continuação

cializados a partir do Mac OS, através de um painel de controle e extensões. O Mklinux mostra uma tela na hora do boot que permite escolher entre o Mac OS e o Mklinux. O LinuxPPC tem um painel de controle que reinicializa o sistema no modo Linux a partir do Mac OS. Os dois são muito fáceis de usar.

A instalação dos dois sistemas é baseada no instalador do Red Hat Linux, mas o LinuxPPC 1999 já traz um instalador gráfico que roda no X Windows, um ambiente de janelas típico das máquinas UNIX. Os dois sistemas guiam o usuário novato em Linux pelos caminhos da instalação de uma forma bem simples; já se foi o tempo em que instalar o Linux era uma coisa só para hackers. A grande diferença entre os sistemas está na arquitetura de kernel que eles usam, lá dentro da estrutura do sistema operacional. O Mklinux foi desenvolvido sobre o microkernel Mach, do OSF Research Institute, e roda como uma tarefa sobre esse microkernel. Já o LinuxPPC tem um kernel próprio, nativo para o PPC. Apesar dessa diferença, o que o usuário sente é praticamente a mesma coisa nos dois sistemas. O LinuxPPC tem a vantagem de "parecer" um pouco mais rápido em algumas situações: os drivers de dispositivos são mais desenvolvidos e a performance de vídeo é melhor em alguns modelos de Mac.

Para quem serve o Linux no Mac?

Afinal de contas, vale a pena instalar o Linux em seu Mac? A primeira coisa que você tem que ponderar é: depende do seu grau de nerdice, do seu modelo de Mac e do uso que você quer dar para ele.

A verdade é que o Linux faz muito mais sentido no mundo PC, onde pode ser comparado a colocar um motor de Ferrari em um Fusquinha. Instalando o Linux em um PC de fundo de quintal, qualquer um pode montar seu servidorzinho sem gastar rios de dinheiro em uma estação Sun ou Windows NT.

Mas, e para quem já tem uma Ferrari, digo, um Power Mac G3? Aí a coisa já é diferente. Utilizar o Linux em um Mac desses significa perder a principal vantagem comparativa da Apple: a integração entre hardware e software.

Mas isso não quer dizer que não existam vantagens no Linux. A principal delas é ele ser um sistema *backward-compatible* ("retroativamente compatível") que, ao contrário do Mac OS e do Windows, em vez de suportar apenas as máquinas mais recentes, cada vez amplia mais o suporte a máquinas antigas. A versão 68K do Linux, por exemplo, pode ser interessante para manter na ativa os velhos Performas, Quadras e Macs do gênero que podem atuar como servidores de intranet, Web ou email. Nesse caso, outra boa opção pode ser o NetBSD 1.4, uma versão de Unix que pode ser instalada em Macs antigos. Não é Linux, mas roda bem, inclusive no modo gráfico.

Outra boa aplicação do Linux pode ser como servidor de arquivos/impressão, saindo bem mais barato que um servidor AppleShare ou mesmo o Mac OS X Server. Isso porque o sistema operacional sai de graça e as várias distribuições suportam praticamente toda a linha Mac. Se você tem um Mac subutilizado (como um 7100 ou 8100) e precisa de um bom servidor com todos os recursos, vale a pena experimentar o Linux, que pode dar uma vida nova a máquinas antigas (onde o Mac OS 8.x roda meio lento) e, como servidor, é rapido e estável.

Desenvolvedores de software também ganham muito separando uma partição de seus discos para o Linux. Ele oferece um excelente ambiente para desenvolvimento, já que há uma pancada de ferramentas gratuitas para download na Web.

Ainda não é chegada a hora do usuário doméstico começar a usar o Linux

Para os usuários domésticos, no entanto, não há nenhuma vantagem em colocar o Linux no Mac. O sistema é muito menos polido e mais inconsistente que o Mac OS. Só quem tem um conhecimento técnico razoável consegue usar o Linux satisfatoriamente. Executar funções como mudar configuração de rede, resolução do monitor, número de cores e outras tarefas banais no Mac OS exigem uma boa noção do sistema. O Linux não é para as massas. Ele tem um miolo simples e eficiente, mas também tem zilhões de componentes externos, *daemons*, comandos, utilitários e linguagenzinhas, que são a alegria dos nerds mas podem ser um suplício para o usuário comum. Essa própria modularidade é a razão da extrema confiabilidade e da facilidade de se construir coisas sobre ele. Mas também é a raiz das complicações. Até é possível que, com a tendência atual de popularizacão do Linux, ele acabe sendo lapidado e simplificado, mas aí os nerds vão acabar achando outra coisa para brincar.

Por outro lado, há quem defenda que a popularidade do Linux depende apenas de sua disseminação, pois os conceitos que envolve são bastante simples e quem já tem alguma experiência com sistemas operacionais não vai sair do zero. De qualquer maneira, só se justifica você utilizar o Linux no caso de segurança e estabilidade serem suas prioridades básicas, o que normalmente só acontece em situações profissionais e empresariais. Se você está feliz com o seu Mac, não há por que procurar sarna para se coçar.

A grande pergunta é se o Linux no Mac sobreviverá à chegada do Mac OS X. No final das contas, a promessa da Apple é a de entregar um sistema fácil como o Mac OS, mas com a robustez do Unix, inclusive com uma interface modo texto bem escondida.

A NetWay é um provedor de Internet que está demonstrando na feira Comdex seu sistema de intranet baseado em Linux, rodando em máquinas Intel e iMacs. "O chip G3 é muito rápido na compilação de fontes de programas", diz Sebastião da Rocha Neto, diretor técnico da NetWay. "O iMac é uma máquina muito boa para rodar o Linux. Seu desempenho pode ser comparado ao de PCs topo de linha, com Pentium II ou III".

Hardware necessário

Navegando pela Internet, você vai encontrar vários sites com informações sobre os requisitos de hardware para rodar o Linux no Mac. Comparando esses sites, você vai notar que alguns sites estão desatualizados e poderão até dizer que o seu hardware não é suportado. Vale a pena pesquisar mais a fundo, se esse é o seu caso. Recentemente, a LinuxPPC incluiu na sua lista o iMac e o G3 azul, que não eram suportados.

O Mklinux é o único que roda em Power Macs com arquitetura NuBus, os mais antigos, e suporta os modelos 6100, 7100, 8100 e 9100. Também roda nos Macs com arquitetura PCI: 7200, 7500, 7600, 8500, 9500, 7300, 8600, 9600, 4400, 5400, 5500, 6400, 6500, 20th Anniversary Macintosh, G3 beges, PowerBooks 5300, 1400, 2400 e 3400, PB G3, PB G3 Series e alguns clones (para saber quais, visite o site www.mklinux.org).

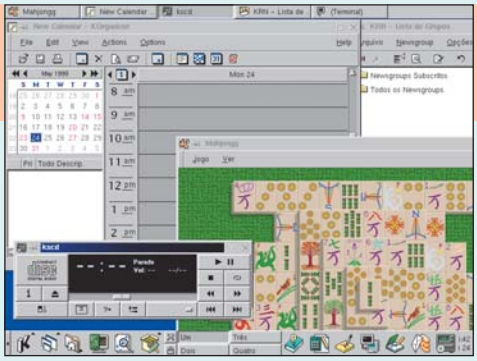
O LinuxPPC roda somente em máquinas com arquitetura PCI: G3 beges e PowerBooks G3, iMac, G3 azuis, 9600, 9500, 8600, 8500, 8200, 7600, 7500, 7300, 7200, 6500, 6400, 6360, 5500, 4400, PowerBooks 2400 e 3400 e 20th Anniversary Macintosh.

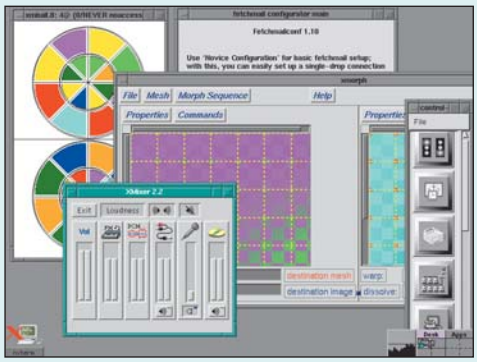
O Mklinux e o LinuxPPC não rodam nos modelos 68K nem nos Performas 52xx, 53xx, 62xx e 63xx (exceto o 6360) e PowerBook 2300.

Os requisitos de disco rígido e memória também variam muito. Esse é um dos campos onde você vai poder experimentar e aprender bastante. O ideal é ter um disco separado para o Linux, com pelo menos 500 MB, ou 1 GB, se você gosta de instalar vários programas e fazer testes. Se não der, o Mac OS pode conviver com o Linux no mesmo disco ou você pode querer ter apenas o Linux no seu Mac(!); basta particionar corretamente. O Mklinux, por exemplo, roda tranqüilo num 6100 com 250 MB de disco e 24 MB de RAM.

Para a memória RAM, o mínimo é 16 MB e o recomendado é 32 MB. O Linux usa uma partição de *swap* no disco, como as máquinas Unix, para fazer a paginação da memória virtual. Em termos mais simples, quanto menor a sua memória, mais o Linux vai usar o *swap* do disco e menor a performance da sua máquina. Na hora da instalação, você escolhe o tamanho da sua partição de *swap*.

A preparação do seu Mac para a instalação do Linux pode ser feita no Mac OS. Todas as ferramentas para o particionamento do disco, arquivos de configuração inicial e extensões já vêm na distribuição da Internet ou nos CDs.





Como fica o meu Mac velho?

Existem ainda outros "sabores" de Unix que rodam nos Macs com processadores Motorola 68K. O **Linux-m68k** e o **MacBSD** (NetBSD/mac68k e OpenBSD/mac68k) são versões do Linux para os Macs mais antigos. Eles rodam numa variedade de sistemas: Macs II, Classics, LC/Performas, Quadras/Centris, PowerBooks e Duos.

Essa área vai exigir um pouco mais de conhecimento e vontade de ver aquele Mac de estimação rodando Unix. Mas a informação necessária para você "abrir a mente" do seu Mac está disponível. Confira os sites: www.linuxppc.org, www.mklinux.org www.mac.linux-m68k.org e www.yellowdoglinux.com **M**

MARCIO POCCIOTTI
É engenheiro de redes no Deutsche Bank.

Um motivo justo para o usuário de Mac não querer usar o Linux seria a falta de sofisticação visual, certo? Errado. Opções de gerenciadores de interface não faltam, desde o FVWM (acima) *– que segue o OSF/Motif, padrão inventado há exatamente dez anos – até o KDE* (centro)*, reminiscente do Windows 95, passando pelo Window Maker* (ao lado)*, derivado do elegante NeXT de Steve Jobs. Existe até uma interface que imita razoavelmente bem o Mac OS 8.5*



Pergunte aos Pros

Virtual PC sem o Finder

Li numa lista de email que você pode tornar o Virtual PC mais rápido colocando ele no lugar do Finder. Isso funciona?

Thiago A. F. Gonçalves Santos/SP

Mal, se é que funciona. A teoria é de que, se você não está rodando o Finder, os ciclos da CPU que seriam destinados a ele seriam usados pelo Virtual PC. Mas, na verdade, o Finder não consome tanto assim da CPU. Você pode comprovar isso usando um programinha como o **Peek-A-Boo** (www.clarkwoodsoftware.com/peekaboo), ou fazendo um AppleScriptzinho que dê um Quit no Finder; dá o mesmo resultado. Embora muita gente diga que isso faz uma tremenda diferença, nós não vemos como isso poderia acontecer.

É possível substituir o Finder por outro programa (afinal, ele não deixa de ser um programa), mas isso é mexer em ninho de marimbondo. Em vez de tentar isso, você pode experimentar algo mais simples, mas que funciona:

- Feche todas as janelas do Finder, reduzindo o tempo que o Mac gasta atualizando o seu conteúdo. (O comando ⌘Option W fecha todas as janelas de uma só vez.) Suma também com as janelas pop-up.
- Deixe poucos ícones no Desktop.
- Esconda (Hide) o Finder quando ele estiver em background, para não complicar o redesenho de tela.

Isso provavelmente não fará grande diferença, mas qualquer ajuda vale, certo?

Programação em Fortran

Eu queria saber se existe algum compilador/editor de Fortran para Mac. Vocês conhecem algum e que seja freeware?

Joao Carlos Begut begut@nitnet.com.br

Dê uma conferida no **ProFortran** (http://www.absoft.com). E também tem o **Macintosh Programmer's Link Library** (http://macinsearch.com/users/programmer), que contém informações sobre tudo quanto é linguagem para Macintosh.

ProNotas

continuação

Composer 9000 ABVB caiu de US$ 98.880 para US$ 49.400, e o preço do Media Composer 1000 3D despencou de US$ 66.100 para US$ 46.100. A companhia também introduziu descontos de até 28% para muitos upgrades.

A Avid ainda criou um novo programa que oferece maior flexibilidade ao cliente na hora de escolher a plataforma. Quem possuir um sistema Media Composer XL para Mac terá a opção de converter para o sistema equivalente para NT por US$ 12.000, até 12 meses depois da aquisição.

Entre os novos lançamentos, a Avid anunciou que está trabalhando na próxima edição do Media Composer para Macintosh. Batizada de Millennium Edition, a versão está planejada para a metade do ano que vem e inclui suporte à futura plataforma G4, plug-ins AVX adicionais e Pan & Scan para imagens de vídeo. O Mac OS X também deverá ser suportado.

A empresa está trazendo seu subsistema de vídeo Meridien para o Avid Xpress para Macintosh, oferecendo imagens sem compressão e compatibilidade de mídia com o Windows NT. Essa versão deverá estar disponível para upgrade em setembro deste ano.

Além disso, a Avid vai lançar o Media Composer 7.2 para sistemas baseados em ABVB, visando os usuários do Avid Assurance ou novos compradores do Avid Unity. O software estará disponível em agosto e incluirá suporte a armazenamento compartilhado e soluções de rede.

Por fim, para garantir contato direto com todos os seus clientes do mundo Mac, a companhia formou o Macintosh Development Group para se dedicar ao desenvolvimento e maketing de produtos de edição de vídeo para a plataforma Macintosh.

A Avid criou até uma nova caixa de correio (mac_business@avid.com) para oferecer melhor suporte à comunidade de macmaníacos e responder mais eficientemente às suas sugestões e comentários.

Avid Technology: www.avid.com

Serviço para transferência de grandes arquivos chega ao Mac

A LLC anunciou que seu sistema proprietário de transferência de dados, o **e-Parcel Delivery Service**, está chegando para o Mac. Com ele, transferir arquivos é simples como arrastar um documento para o ícone de um aplicativo e digitar o ID para a recepção. Voltado particularmente para o mercado editorial, esse serviço pode reduzir muito o tempo na transferência de arquivos, comprimindo e encriptando automaticamente os dados e explicando para o receptor como fazer para abrir os arquivos. A recepção é automática, o que significa que não há necessidade de se visitar um site remoto de FTP ou logar a uma página Web para realizar o download. Ao contrário de muito serviços de FTP, o e-Parcel não tem limite para o tamanho do arquivo a ser entregue e também não há a necessidade de ficar monitorando a transferência de dados, pois, mesmo que a sua conexão caia, o sistema automaticamente retoma a transferência do ponto em que parou.

O preço é calculado por entrega e se baseia na quantidade de dados – não há custo mínimo mensal nem taxa de inscrição. O serviço sai por US$ 1 ▶

ProNotas
continuação

(para arquivos totalizando até 1,5 MB), US$ 2,50 (de 1,5 MB até 5 MB), US$ 5 (de 5 MB até 100 MB) ou US$ 5 mais um centavo de dólar por MB, para arquivos que excedam 100 MB.
e-Parcel Delivery Service: www.e-Parcel.com

Tektronix lança Phaser 840 translúcida

Até a Tektronix aderiu ao visual iMac. Durante a Comdex 99, que aconteceu de 16 a 20 de agosto no Pavilhão de Exposições do Anhembi, a Tektronix fez o lançamento mundial da **Phaser 840 Designer Edition** (R$ 7.695), série especial limitada especial para os profissionais da área gráfica que utilizam Macs G3. Fora o acabamento em plástico translúcido e colorido, ela oferece a mesma velocidade e qualidade de impressão da Phaser 840.

Sai SilverLining compatível com USB

A LaCie está lançando o **SilverLining 6.1**, uma nova versão de seu software formatador de disco. Entre as novidades estão o suporte a drives USB e RAID 0, melhor performance na transferência de arquivos grandes e maior compatibilidade com o Norton Disk Doctor para partições HFS+. Através do painel de controle você pode testar, inicializar e particionar qualquer dispositivo de armazenamento.
O upgrade da versão 6.0 é gratuito, mas custa US$ 19 para quem possui outras versões (US$ 24, com CD e manual). Para novos usuários, o preço é US$ 49.
LaCie: www.lacie.com

Mac OS X tem browser

O Mac OS X Server já tem seu primeiro browser nativo. O OmniGroup lançou o **OmniWeb 3.0** para o sistema servidor da Apple (e para a futura versão cliente) que roda também no OpenSTEP/Mach 4.2. Atualmente, o programa está em estágio beta. A versão final deverá ser gratuita para um usuário. O OmniWeb possui um curioso método para suportar novas tecnologias, utilizando plug-ins. Atualmente ele suporta Flash, QuickTime, JavaScript e PDF. Como os plug-ins são feitos por outras empresas, a OmniWeb não oferece suporte a eles.
OmniGroup: www.omnigroup.com

Chega o Media Cleaner Pro 4.0

A Terran Interactive, subsidiária da Media 100 e produtora de ferramentas de compressão de mídia, lançou o **Media Cleaner Pro 4.0** para Macintosh e Windows. A nova versão é capaz de lidar com os formatos QuickTime 4, Real G2, Windows Media, MP3, MPEG, AVI e outros, sendo que a conversão entre os vários formatos pode ser feita com mínima perda de qualidade. O suporte multiplataforma aos padrões mais populares de vídeo faz com que o produto seja ideal para o mercado de criação de conteúdo digital, oferecendo aos desenvolvedores a flexibilidade de criar mídias de alta qualidade em qualquer formato. Segundo a empresa, o aplicativo foi usado na compressão do trailer do filme "Star Wars Episódio I", distribuído através da Internet. O Media Cleaner Pro custa US$ 499, nos Estados Unidos, e o upgrade sai por US$ 99 até o dia 31 de agosto. Depois disso, a atualização sairá por US$ 159.
Terran Interactive: www.terran.com

Automatize o seu QuarkXPress

Curso de AppleScript, parte 4

por Maurício L. Sadicoff

A Apple é um barato, é isso e é aquilo, mas vacilou em um pequeno detalhe. Quando fez o SimpleText, não o fez "scriptável". Resumindo: se quiséssemos brincar com texto e scripts no Mac, não daria pra usar o SimpleText. Como resultado, a comunidade que queria trabalhar seriamente com texto foi obrigada a se servir do Microsoft Word, que era a única aplicação que mexia com texto e aceitava scripts. Isso, claro, até o advento do QuarkXPress.
O Quark recebeu elogios enormes de todo o mundo técnico quando apareceu, não somente porque era uma alternativa ao PageMaker, mas principalmente devido ao excelente suporte a scripting que proporcionava. E que, aliás, ainda proporciona. Conseqüentemente, dá para usar scripts em texto e em paginação também, jogando com cores, tamanhos, formatos, fotos etc., automatizando totalmente o Quark.
A minha versão do Quark é a 3.32. Portanto, os scripts que vou mostrar funcionarão com certeza nessa versão. Como o AppleScript não muda muito de versão pra versão, as versões mais novas do Quark deverão rodar os scripts numa boa. Só não posso garantir que todos os scripts funcionarão nas versões anteriores.
Junto com o Quark vem uma pasta chamada For Advanced Scripting, que inclui documentos que explicam a melhor maneira de fazer scripts para Quark, mais um arquivo chamado Document Construction, que desde a versão 3.2 serve pra dar uma idéia de como usar scripts para acelerar o trabalho no Quark. Nós vamos seguir esse documento passo-a-passo e entender como as coisas funcionam. Depois disso, fazer scripts para o Quark vai depender apenas da sua própria vontade.
Então, sem mais delongas: vamos construir um documento!

Dá para fazer de tudo no Quark usando comandos pré-fabricados em scripts

•**Linhas 1-2** – São aquelas linhas que você já conhece, para abrir o QuarkXPress (se já não estiver aberto) e chamá-lo para primeiro plano.
•**Linha 3** – Lembra-se do comando set? Serve pra criar uma variável. Este, no caso, está criando uma variável chamada thepath e dando a ela o conteúdo ":". Você, que está esperto, já entendeu que thepath provavelmente guarda o caminho para uma pasta, e no momento está vazio. Como eu sei que é para uma pasta? Porque "termina" com o sinal de dois pontos (:) – lembra a aula passada?
•**Linhas 5-18** – Este tell está aí para definir como será o documento que ainda não foi criado. Note que o alvo do comando é default document 1, que significa o documento "padrão" a ser criado, mas somente o primeiro. Algumas linhas servem para definir algumas variáveis, e as últimas, para definir algumas características de documento do Quark, como se haverá caixa de diálogo automática, por exemplo.
•**Linha 19** – Ô, seu Quark! Faz um documento aí!
•**Linhas 21-23** – O script usa o tell de uma maneira diferente. Em vez de o alvo ser um programa, o alvo do tell é o document 1, o criado pelo make document da linha anterior. Como default, o Quark cria documentos em ordem numérica. Então, se criássemos outro documento a essa altura, teríamos que nos referir ao recém-criado como document 2. Estamos ajustando a propriedade view scale do primeiro documento, portanto.
•**Linha 25** – É um comentário para que outras pessoas, ao lerem o script, entendam o que está acontecendo.
•**Linhas 26-31** – O tell e o end tell você já sabe o que fazem. Na linha 27 começam a aparecer coisas interessantes. Parênteses! Parênteses são seus amigos. Parênteses são legais. Parênteses são gente boa. Se você tiver que escolher entre sair sexta-feira à noite ou usar parênteses, fique em casa! Hã, desculpe, me empolguei um pouco...
Voltando ao assunto, repare como os parênteses separam bem os dois comandos amontoados na linha 27. É isso aí. O que está dentro dos parênteses é um comando, cujo resultado é passado para a variável newcolorspec. Daí por diante, é só definir que a cor será CMYK, o valor da cor (em porcentagens ▶

Não digite!
A listagem do script mostrado neste artigo está disponível para download no nosso site:
www.macmania.com.br/revista/macpro/index.html

de Cyan, Magenta, Yellow e Black) e o nome, usando (quem adivinha?) o comando set.

•**Linhas 32-41** – Agora nós faremos algo que todo mundo que trabalha com diagramação tem que fazer, e que talvez seja uma das coisas mais simples e úteis que os scripts podem fazer para você no Quark. É simplesmente **muito** fácil fazer guias usando scripts. Também é simples, mais tarde, movimentar as guias verticais e horizontais para onde for conveniente. Observe que algumas dessas guias são criadas at beginning e outras at end.

O seu dever de casa da aula de hoje é descobrir por quê. A dica é prestar atenção ao parâmetro que é passado para o comando make. Lembra de quando mencionei parâmetros? É o que vem depois do with. Se, mesmo assim, ainda não deu para pegar, lembre-se que você sempre pode consultar o dicionário do Quark para tirar a dúvida.

No mês que vem vamos seguir o resto do script até o final, aprendendo a criar caixas de texto e de imagens e, se tudo correr bem e ninguém nos escrever dizendo que esta coluna está andando rápido demais, logo estaremos deixando todos os pecezistas das proximidades estupefatos. Afinal de contas, qualquer um pode falar com seu computador. Só que os Macs respondem. E com coerência, ainda por cima! **M**

MAURICIO L. SADICOFF
Mandou aquele verde quando falou de escreverem pra Macmania criticando, esperando do coração que algum caridoso leitor escreva dizendo "nada disso, a coluna está ótima!"

Listagem do script

```
"Document Construction"

tell application "QuarkXPress® 3.2"
    activate
    set thepath to ":"

    tell default document 1
        set oldHeight to page height
        set oldWidth to page width
        set oldAutoTextBox to automatic text box
        set oldGuidesShowing to guides showing
        set xDocMeasure to horizontal measure
        set yDocMeasure to vertical measure
        set page height to "30 cm"
        set page width to "34 cm"
        set automatic text box to false
        set guides showing to true
        set horizontal measure to centimeters
        set vertical measure to centimeters
    end tell
    make document at beginning

    tell document 1
        set view scale to fit page in window
    end tell

    --CRIANDO A COR "PURPURA-MONTANHA".
    tell document 1
        set newcolorspec to (make color spec at beginning)
        set color type of newcolorspec to CMYK type
        set CMYK color value of newcolorspec to {4.58745E+4, 4.58745E+4, 0, 0}
        set name of newcolorspec to "Mountain Purple"
    end tell

    --CRIANDO GUIAS PARA ELEMENTOS NA PÁGINA
    tell page 1 of document 1
        make horizontal guide at beginning with properties {position:"4.218 cm"}
        make horizontal guide at end with properties {position:"8.447 cm"}
        make horizontal guide at beginning with properties {position:"27.152 cm"}
        make vertical guide at end with properties {position:"2 cm"}
        make vertical guide at end with properties {position:"4.962 cm"}
        make vertical guide at end with properties {position:"18.742 cm"}
        make vertical guide at end with properties {position:"32 cm"}
    end tell

    --CREATE FIRST TEXT BOX.
    tell page 1 of document 1
        make text box at beginning with properties {bounds:{"2 cm", "5 cm", "8 cm", "19 cm"}}
        tell text box 1
            set vertical justification to bottom justified
            set color to "none"
        end tell
    end tell

    tell story 1 of text box 1 of page 1 of document 1
        set contents of it to "Biking Gear"
        set font to "Times"          set size of word 1 to 30
        set style of word 1 to all caps
        set base shift of word 1 to 60
        set track of word 1 to 50
        set kern of last character of word 1 to -100
        set size of word 2 to 120
        set color of word 2 to "Mountain Purple"
        set style of word 2 to italic
        set kern of character 1 of word 2 to -5
        set kern of character 2 of word 2 to -5
    end tell

    --CREATE SECOND TEXT BOX.
    tell page 1 of document 1
        make text box at end with properties {bounds:{"8.5 cm", "5 cm", "29.959 cm", "18.472 cm"}}
        tell text box 2
            try
                set story 1 to alias (thepath & "ASB Text")
            on error
                set story 1 to (choose file with prompt "Please select the file \"" & "ASB Text" & "\"")
            end try
            set size of story 1 to 11
            set leading of story 1 to 43
            set justification of story 1 to fully justified
            set font of story 1 to "Times"
        end tell
        tell paragraph 1 of story 1 of text box 2
            set drop cap characters to 1
            set drop cap lines to 3
            set color of character 1 of word 1 to "Mountain Purple"
        end tell
        tell last paragraph of story 1 of text box 2
            set rule on of rule above to true
            set text length of rule above to true
            set width of rule above to 0.5
            set position of rule above to "1 cm"
            set color of rule above to "Cyan"
            set shade of rule above to 100
        end tell
    end tell

    --CREATE FIRST PICTURE BOX.
    tell page 1 of document 1
        make picture box at beginning with properties {bounds:{"10.386 cm", "20.758 cm", "27.636 cm",
"33.508 cm"}, color:"none"}
        tell picture box 1
            set rotation to -25
            try
                set image 1 to alias (thepath & "Shirts.TIFF")
            on error
                set image 1 to (choose file with prompt "Please select the file \"" & "Shirts.TIFF" &
"\"")
            end try
            tell image 1
                set scale to {"115", "115"}
            end tell
        end tell
    end tell

    --CREATE SECOND PICTURE BOX.
    tell page 1 of document 1
        make picture box at end with properties {bounds:{"8.471 cm", "2 cm", "9.971 cm", "3.5 cm"},
color:"none"}
        tell picture box 2
            try
                set image 1 to alias (thepath & "Glove.TIFF")
            on error
                set image 1 to (choose file with prompt "Please select the file \"" & "Glove.TIFF" & "\"")
            end try
            set bounds of image 1 to exact fit
        end tell
        duplicate picture box 2 to after picture box 2
        tell picture box 3
            set bounds to {"12.471 cm", "2 cm", "13.971 cm", "3.5 cm"}
        end tell
        duplicate picture box 2 to after picture box 3
        tell picture box 4
            set bounds to {"16.471 cm", "2 cm", "17.971 cm", "3.5 cm"}
        end tell
        duplicate picture box 2 to after picture box 4
        tell picture box 5
            set bounds to {"20.471 cm", "2 cm", "21.971 cm", "3.5 cm"}
        end tell
    end tell

    --CREATE THIRD PICTURE BOX.
    tell page 1 of document 1
        make picture box at end with properties {bounds:{"6.875 cm", "18.425 cm", "12.729 cm", "26.4 cm"},
color:"none"}
        tell picture box 6
            try
                set image 1 to alias (thepath & "Helmet.TIFF")
            on error
                set image 1 to (choose file with prompt "Please select the file \"" & "Helmet.TIFF" &
"\"")
            end try
            tell image 1
                set scale to {"70", "70"}
                set offset to {"0.557 cm", "1.254 cm"}
            end tell
        end tell
    end tell

    --CREATE LINES
    tell page 1 of document 1
        make line box at beginning with properties {left point:{"0 cm", "21.406 cm"}, right point:{"8 cm",
"21.406"}}
        tell line box 1
            set color to "Magenta"
            set width to 3
            set style to dotted line
        end tell
        make line box at end
        tell line box 2
            set left point to {"8 cm", "2 cm"}
            set right point to {"8 cm", "32 cm"}
            set width to 0.5
        end tell
    end tell

    set guides showing of document 1 to false
    save document 1 in (thepath & "Constructed Document")

    tell default document 1
        set page height to oldHeight
        set page width to oldWidth
        set automatic text box to oldAutoTextBox
        set guides showing to oldGuidesShowing
        set horizontal measure to xDocMeasure
        set vertical measure to yDocMeasure
    end tell
end tell
```

Newer Technology MAXpowr G3-L2

Dê um revigorante para aquele Mac na Terceira Idade

Placas de upgrade que colocam um processador G3 no coração de seu Mac são produtos que atraem muito o interesse de quem deseja ver seu pobre e velho Mac bege trabalhando como se fosse um jovem iMac. Mas sempre há uma questão flutuando no ar: vale a pena mesmo comprar uma plaquinha dessas? Para tentar responder a essa e a outras dúvidas, testamos um exemplar dessa categoria: a MAXpowr G3-L2, da Newer Technologies, voltada para Macs e Performas 5400, 5500, 6400, 6500 e 6360. Ela vem com clock de 300 MHz e backside cache de 1 MB. Como plataforma de teste, utilizamos um Performa 6400/180 com 48 MB de RAM – uma máquina que ainda realiza as tarefas mais básicas de forma competente, mas que se arrasta quando é exigida.

Instalação fácil

Instalar a placa é muito simples, ainda mais no 6400, onde não é necessário abrir o gabinete. Primeiro, instale a extensão que vem num disquete e desligue o Mac. Depois, desplugue os cabos, solte os dois parafusos Philips que prendem o painel traseiro e puxe-o para fora pelas alças plásticas. A placa-mãe deslizará junto.

(O mesmo procedimento vale para os Macs das séries 6300 e 5500, mas neles a alça é uma peça móvel de arame, oculta sob o painel de plástico.) Em seguida, é preciso retirar cuidadosamente o módulo de cache L2 (se houver) da placa-mãe e colocar a placa de upgrade no lugar. E pronto. Só resta plugar os cabos e ligar o Mac de novo.

Transformação radical

Com certeza, é uma experiência gratificante ver o Performa 6400/180 aqui da editora "achando" que é um G3. Parece outro computador. Janelas e painéis de controle abrindo com ótima disposição, programas iniciando mais rapidamente, redesenho de tela mais rápido... Enfim, uma máquina que conseguiu desobstruir muitas artérias e até pensa em voltar a fazer cooper.

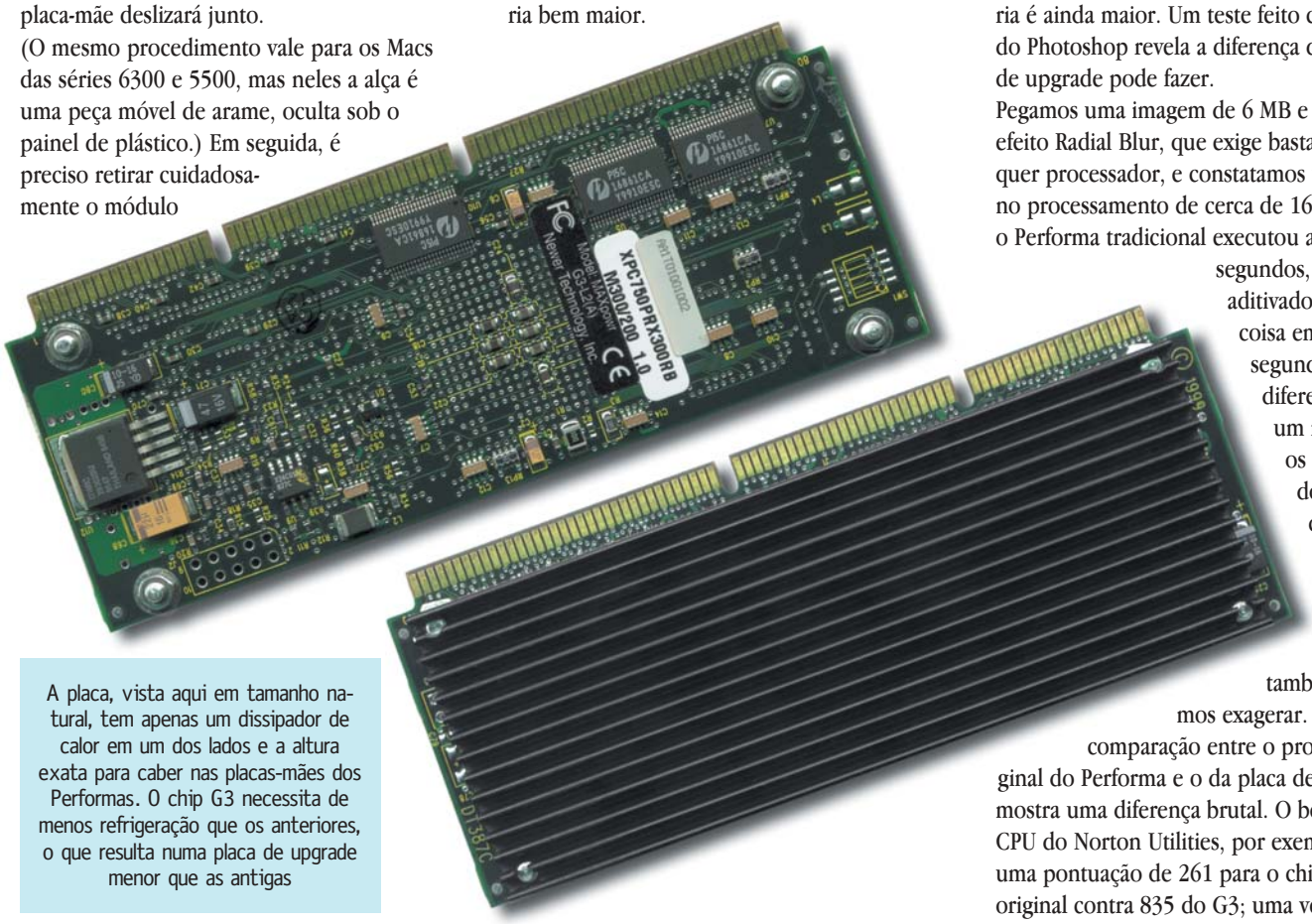
De modo geral, essas tarefas rotineiras ficaram pelo menos 30% a 40% mais rápidas. Outras ações, no entanto, podem revelar uma melhoria bem maior.

Um teste com o Word 98 mostrou que a tarefa de repaginar (quando alguma alteração de layout era feita) um documento de 177 páginas, que levava mais de dez segundos no Performa 6400 original, passou a consumir apenas três segundos com o uso da placa. Ou seja, uma incremento de 70% na performance. E a lerdeza no acesso ao disco, que é uma das coisas que mais perturbam nos Macs antigos, também melhora espantosamente. O que comprova que não era bem o HD que era fraquinho, mas sim a capacidade da CPU de extrair os dados dele.

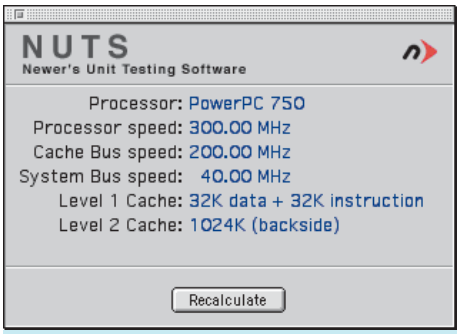
Teste da farinha

Se falarmos de tarefas que exigem cálculos mais pesados, como ponto flutuante, a melhoria é ainda maior. Um teste feito com os filtros do Photoshop revela a diferença que uma placa de upgrade pode fazer.

Pegamos uma imagem de 6 MB e aplicamos o efeito Radial Blur, que exige bastante de qualquer processador, e constatamos uma melhora no processamento de cerca de 160%. Enquanto o Performa tradicional executou a tarefa em 80 segundos, o Performa aditivado fez a mesma coisa em apenas 30 segundos – uma diferença de quase um minuto entre os tempos obtidos pelas duas configurações. Maravilha, parece até um milagre! Bem, também não vamos exagerar. Realmente, a comparação entre o processador original do Performa e o da placa de upgrade mostra uma diferença brutal. O benchmark de CPU do Norton Utilities, por exemplo, revela uma pontuação de 261 para o chip PowerPC original contra 835 do G3; uma velocidade



A placa, vista aqui em tamanho natural, tem apenas um dissipador de calor em um dos lados e a altura exata para caber nas placas-mães dos Performas. O chip G3 necessita de menos refrigeração que os anteriores, o que resulta numa placa de upgrade menor que as antigas



Ao restartar com o novo processador, seu Mac ficará tão radicalmente mais veloz que não serão necessárias provas de que a placa funciona. Por via das dúvidas, eis o que você verá no programinha de teste que vem com ela. Apetitoso!

superior em mais de 300%. Se formos mais longe e utilizarmos o Norton para avaliar o processador de um iMac Revision A (Bondi Blue) de 233 MHz, veremos que a pontuação dessa máquina será algo em torno de 630, menor do que a da placa da Newer! Isso faz sentido, uma vez que o processador da MAXpowr é um G3 de 300 MHz.

O primeiro impulso seria concluir que o Performa com upgrade ficou mais rápido do que o iMac. Mas não é bem assim.

Por maior que tenha sido a melhoria no desempenho do Performa testado, não há como afirmar que ele agora é equivalente a um iMac ou G3, embora possua o mesmo chip.

A razão é que, mesmo com o coração batendo mais forte e o cérebro pensando mais rápido, o resto do corpo continua devagar e as coronárias não deixam passar muito sangue.

Explicando: a infra-estrutura do hardware continua mais lenta do que a existente nas máquinas mais recentes (em especial, o barramento que interliga tudo dentro do Mac e a memória RAM). Mas isso não é culpa da placa da Newer, que faz o seu trabalho muito bem.

Vale ou não?

Então, vale a pena usar a MAXpowr G3-L2?

A resposta é sim, mas também pode ser não.

Se a pergunta for: vale a pena comprá-la, aí o bicho pega. Se estivéssemos nos Estados Unidos, diríamos que sim, pois lá o produto custa menos de US$ 600, a metade do preço de um iMac. Mas aqui no Brasil o preço de lista é de R$ 2.296, devido às absurdas taxas de importação.

O problema é que, por esse preço, compra-se um iMac Revision A novinho em folha, que, no final das contas, tem um processador G3 de 233 MHz, mas oferece um desempenho geral bem melhor (além de estar na moda).

Por outro lado, o Performa possui os slots de expansão PCI, o conector SCSI e o drive de disquete, que foram abolidos no iMac, mas que ainda são muito importantes para muitos usuários. De qualquer forma, esse é o único ponto desfavorável ao produto, que é muito bom.

Resumindo, a decisão de comprar ou não a MAXpowr G3-L2 depende do quanto vale para você manter seu Mac mais antigo. M

MAXpowr G3-L2

Newer Technologies: www.newertech.com
Passport: 61-344-0550
Preço: R$ 2.296

Gerry's ICQ

Programa tenta tirar atraso do MacICQ

O ICQ é uma afronta ao macmaníaco. Um dos programas mais – para usar um termo Steveano – "revolucionários" que já apareceu nos últimos tempos, útil e divertido. Mas que, no Mac, permanece congelado em uma versão pelo menos dois anos atrás da de PC (1.7.2). Foi comprado pela toda-poderosa AOL e nada (talvez porque a AOL tenha seu próprio programa de mensagens, o AIM). Agora que Apple e AOL estão de mãos dadas *(ver TidBits)*, pode ser que algo aconteça. Mas, e enquanto isso?



Felizmente, um sujeito chamado Gerry resolveu dedicar suas horas livres (*skunk hours*, em bom inglês) a resolver esse problema.

Gerry's ICQ é um clone (beta, é claro) do programa da Mirabilis, que torna o ICQ de Mac um pouco mais próximo do de PC, mais ou menos como ele estava há um ano.

Quem conhece as versões Windows e Java do ICQ (roda em Mac, mas é pior que a nativa para o Mac OS) sabe que a versão Mac tem uma função fundamental a menos: o History. Enquanto os usuários de PC têm acesso ao histórico de suas mensagens, os de Mac têm que usar a memória ou *picture clippings* para lembrar quem escreveu o quê.

E a coisa não pára aí. O Gerry ocupa 224 KB, bem mais magro que os 2 MB do MacICQ. Convenientemente, você pode usar seu mesmo número de ICQ e importar toda a sua lista de contatos do MacICQ.

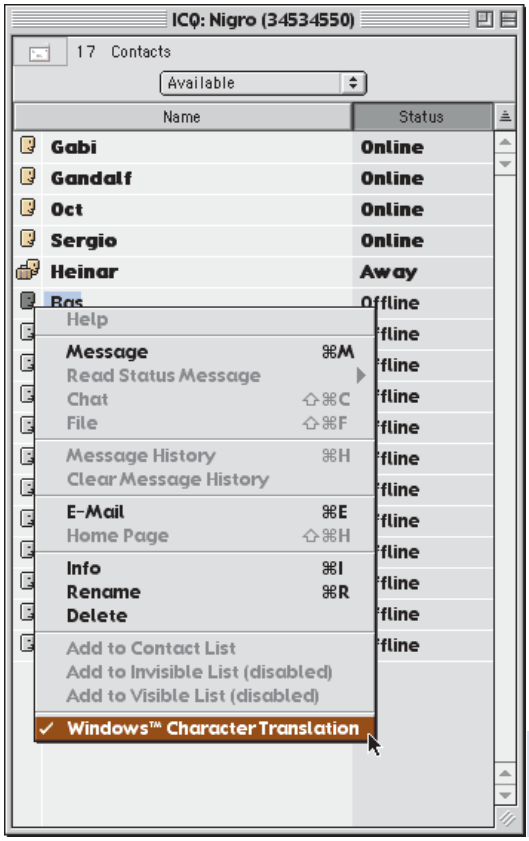


Janela de mensagens inclui opções bem úteis

Outra opção inovadora é o Windows Character Translation, que faz a conversão de caracteres de Windows para Mac (e vice-versa), possibilitando uma "conversa" gramaticalmente correta entre os usuários das duas plataformas.

A barrinha de progresso que indica quando o número máximo de caracteres está se aproximando também é um toque bacaninha.

O Gerry's ICQ ainda possibilita determinar diferentes sons para alerta de mensagem, chat e transferência de arquivos. Também há a possibilidade de mandar uma mensagem para múltiplos usuários.



A conversão de caracteres de Windows é um dos melhores recursos

O lado ruim

O Gerry tem alguns bugs, mas nada que incomode muito. A lista de contatos importada aparece com os números em vez dos nicknames. Para mudar, você precisa dar Info em cada nominho até recompor sua lista. E renomear os quinze Rodrigos e as dezesseis Lucianas da sua lista novamente.

O Add to Invisible List, outro recurso importante para se esconder dos malas, aparentemente ainda não está completamente implementado no beta testado.

O programa tem uma boa integração com o Mac OS, incluindo suporte ao Navigation Services e menus contextuais, muito bem utilizados. No entanto, ele não faz drag and drop de texto: tudo tem que ser feito na base do Copy/Paste. Também não chama o browser quando recebe uma URL, o que torna esse tipo de ação mais trabalhosa que no MacICQ.

Ele não tem aquele botãozinho flutuante, mas em compensação pode determinar que as mensagens sejam abertas automaticamente ou que o programa venha para primeiro plano quando alguma mensagem chegar.

O pior problema é que o Gerry's dá uma bela embaçada no computador ao tentar se conectar ao servidor da Mirabilis. Por outro lado, se mostrou mais eficaz que o próprio MacICQ para se manter conectado.

A palavra final

No final das contas, o Gerry's ICQ parece sair ganhando do ICQ da Mirabilis/AOL. Resta saber o que a AOL vai fazer a respeito: se vai cair em cima do pobre Gerry, se irá fundir o ICQ ao AIM ou se vai fazer finalmente um ICQ decente. De qualquer forma, só temos a agradecer ao Gerry. M

GERRY'S ICQ

Gerry's ICQ: http://macicq.virtualave.net

Stagecast

Agora programação é coisa de criança

Programação é uma coisa chata e complicada, até mesmo para os maiores gênios da informática, certo? Errado! O Stagecast, conjunto de player/plug-in para browser e programa de autoria baseado em Java, veio para provar o contrário. O programa



foi desenvolvido para o público infantil, mas vai deixar muito marmanjo com inveja. O projeto segue a mesma linha do finado Cocoa, da Apple, que ensinava programação orientada a objeto à molecada, (mas foi abandonado durante os anos negros da Apple), contando inclusive com a mesma equipe que desenvolveu seu antecessor.

A "brincadeira" consiste em criar mundos virtuais, com cenários, personagens, objetos etc. Você age como um diretor de teatro, montando os cenários (Stages), definindo o elenco (Characters), suas expressões (Appearance) e ações (Rules), colocando sons (Sounds) etc. Os personagens e objetos podem reagir às ações do usuário, e essa integração possibilita a criação de joguinhos que, graças à capacidade do programa de gerar páginas para a Web, podem ser jogados via Internet, desde que o browser (compatível com o MRJ 2.1) tenha o plug-in ou que o usuário possua o Stagecast Player, que é distribuído gratuitamente. Neste caso, é preciso baixar o mundo para então visualizá-lo no Stagecast Player.

O Stagecast Creator, à primeira vista, não parece nem um pouco simples, e pode até intimidar os pequenos. De fato, o programa não é lá muito intuitivo, e suas exigências são de programa de gente grande: a configuração mínima recomendável para rodar o Stagecast Creator é um PowerMac de no mínimo 200 MHz, dotado de 32 MB de RAM e 40 MB de espaço livre em disco, além de ter instalados o Mac OS 8.1 e o MRJ 2.1, que vem junto com o instalador, e, de preferência, com a memória virtual ligada. Para a visualização, o único browser para Mac é o Internet Explorer 4.0 ou superior, já que o Netscape utiliza o seu própio Java. Nada mau para um software educativo, não é?

Se o seu Mac atende a todos esses requisitos, vamos em frente. Passado o primeiro susto de não entender bulhufas da interface "bonitinha-e-esquisita" do Stagecast Creator, vale a dica: o



Se você acha o Director muito complicado, tente este outro

Stagecast traz um excelente tutorial, que ensina alguns dos segredos do programa mostra o caminho das pedras. Pena que o tutorial, assim como o programa e toda a documentação, seja em inglês, o que pode atrapalhar um pouco o aprendizado dos monoglotas. O programa pode também importar mundos do Cocoa, desde que estes tenham sido salvos no formato Save for Internet.

Depois de organizado o seu próprio mundo, com seus personagens, ações etc, você pode distribui-lo para seus amigos, como um arquivo do Stagecast Player, ou disponibilizá-lo em seu site ou de sua empresa, como um applet Java. Em ambos os casos, tanto usuários de Mac quanto de PC poderão visualizar o arquivo.

Enfim, o Stagecast pode render boas horas de diversão para crianças de 8 a 98 anos, desde que estas possuam um Mac poderoso e uma paciência de Jó. Uma versão trial do Creator está disponível para download no site da empresa, assim como o Stagecast Player.

Quem realmente gostar da brincadeira de criar seus próprios mundos pode comprar o Stagecast Creator por US$ 59,95, recebendo assim suporte técnico, mais clip arts e o tutorial completo. **M**

ROBERTA RABELO ZOUAIN
Tem um 7600 que implora por uma placa G3.

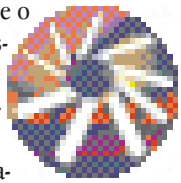
STAGECAST

Stagecast: www.stagecast.com
Preço: US$ 59,95

Flash 4

Esculpindo sites com maestria

O Flash é a grande mania dos Web designers, é não é para menos. O fato desse programa, originalmente criado como ferramenta de animação, trabalhar muito bem com imagens vetoriais, foi decisivo para ele se tornar tão aclamado. O trabalho finalizado ocupa pouca memória, o que o torna conveniente para a distribuição na Web. Além disso, os designers que utilizam FreeHand, Illustrator e Corel (ferramentas de ilustração vetorial) podem animar os seus trabalhos sem ter em que mudar o ambiente de criação. Como qualquer nova tecnologia, no começo apareceu uma infinidade de sites pouco criativos, tudo com a mesma cara. Mas hoje estão surgindo verdadeiras obras-primas talhadas a golpes de Flash. É surfar para crer.

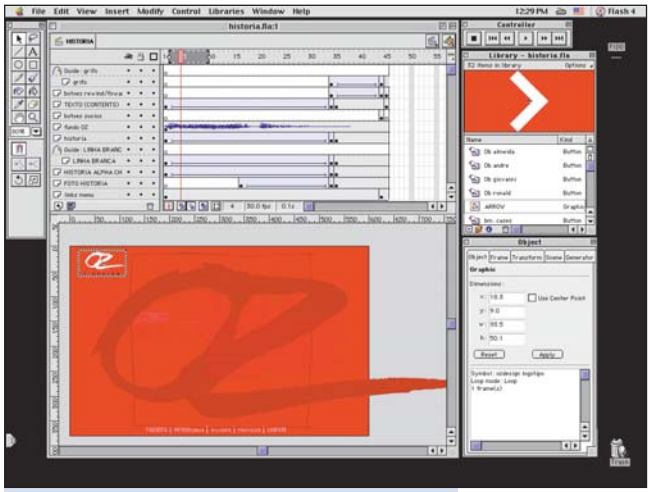


O Flash de cara nova

De cara, você já percebe algumas das mudanças do Flash 4. O novo desenho da timeline reflete a preocupação em reduzir o número de passos para a execução de tarefas simples como a de Create motion tween. Além de alguns botões que foram acrescentados para agilizar o processo de produção, cada objeto pode ser diferenciado dos que estão em outros layers através de uma borda colorida (outline color). A palete de ferramentas agora incorpora as funções hand, circle e retangle. Esta última, para a alegria de muita gente, permite desenhar retângulos com as bordas arredondadas. E com o recurso Edit In Place, pode-se fazer edição de um objeto com todos os outros elementos na tela simultaneamente.

Como o Flash é em grande parte um editor de animação, alguns recursos foram adicionados e outros melhorados. Um deles é o recurso Onion Skin, que permite a visualização da posição do objeto nos frames anteriores e posteriores ao atual, com a possibilidade de especificar as quantidades de frames para frente e para trás. Já o Smart Guide Layer faz com que um objeto percorra um caminho sobre uma guia que pode ser desenhada e editada utilizando todos os recursos do Flash.

Em qualquer circunstância, quem vai desenvolver um site relativamente grande não pode deixar de se preocupar com a organização do conteúdo. Principalmente tendo em vista que algumas páginas precisam ser redesenhadas ou atualizadas. E como no final os movies de Flash acabam contendo diversos tipos de mídia (imagens vetoriais, imagens bitmap, animações, botões e som), a nova biblioteca foi redesenhada para permitir organizar esses elementos de maneira efetiva. Agora é possível agrupar os elementos em pastas e ordená-los por nome, data, tipo ou número de vezes que foram utilizados no movie.



A nova janela de timeline agiliza o processo de execução de diversas funções

Essa preocupação com a organização se estende para o uso de paletes de cores. Com o Flash 4 é possível importar e salvar paletes personalizadas que asseguram a consistência de cores em todo o desenvolvimento do site.

Chegou a hora de publicar

Quando o projeto é finalizado, chega a hora de publicar. O comando Publish, além de preparar o projeto em Flash para a Web (incluindo o próprio HTML), pode criar imagens em diversos formatos que irão aparecer caso o computador do usuário não possua o Flash Player. Isso também faz com que o Flash acabe servindo como um ótimo editor de GIFs animados.

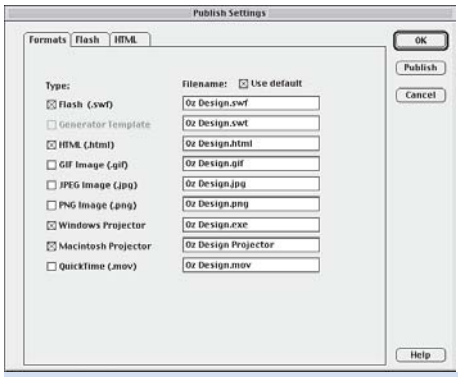
Se a idéia é distribuir em CD-ROM ou até mesmo em disquetes, o Publish pode criar projetores auto-executáveis para as plataformas Mac e Windows. Ou seja, você pode criar um Flash Movie no seu Mac e o usuário executá-lo em Windows sem a necessidade de um browser. Outra alternativa é a possibilidade de exportar Flash Movies no formato QuickTime 4, característica bem interessante para quem trabalha com vídeo e animação e necessita utilizar recursos animados de gráficos vetoriais. Quando criamos um arquivo no formato QuickTime 4, o Flash

A caminho da padronização

Para todos os desenvolvedores, a necessidade do plug-in ainda é uma barreira na hora de se vender um site que utilize Flash. Mas não faltam argumentos para que cada vez mais as pessoas se familiarizem com a idéia de incorporar o Flash em seus sites. Além de ser executável em várias plataformas (Mac, Windows, Solaris, Linux), de acordo com uma pesquisa divulgada pela Macromedia, 76,8% dos usuários da Web (mais de 100 milhões de pessoas) estão habilitados para executar Flash em seus browsers sem a necessidade de download ou qualquer instalação adicional. Segundo essa pesquisa, esse número é maior do que o de usuários que tiveram êxito em visualisar conteúdos em Java (61,9%).

Para que esse número continue aumentando, a Macromedia disponibilizou gratuitamente em 1998 o formato de arquivos Flash (SWF) na Internet. Significa que qualquer desenvolvedor pode incorporar esse formato de entrada e saída de arquivos em seus produtos. Empresas como Apple, IBM e Quark já integraram essa tecnologia. Quem quiser saber mais sobre as especificações do formato deve acessar www.flash.com/open. *Outra iniciativa é a disponibilização gratuita do código-fonte do Flash Player, o que significa que desenvolvedores de browsers, web consoles, palmtops e outras empresas poderão habilitar seus produtos para a execução de arquivos no formato SWF.*

Mais informações: www.flash.com

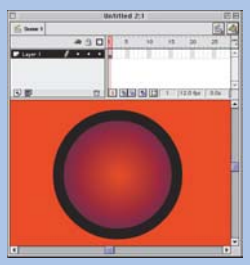


Você pode salvar seu filme em vários formatos

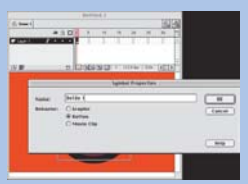
Movie é copiado para um track separado e todas as suas características gráficas e de interatividade são mantidas.
Caso o Flash Movie possua um QuickTime em algum track, ele ficará como um arquivo externo ao movie. A integração entre os dois é tão grande que podemos utilizar um arquivo Flash sobreposto a um QuickTime 4 e controlar a navegação do vídeo e adicionar legendas, letreiros, efeitos de texto e animação.
Considerando a capacidade de streaming dos dois formatos, talvez essa seja uma nova tendência para a Web.
Diferentes do comando Publish, os comandos Export Movie e Export Image são recomendados para exportar o conteúdo gerado em Flash para ser editado em outros aplicativos.
Basicamente, existem dois formatos de imagens passíveis de serem exportados: vetoriais (EPS, FutureSplash Player) e bitmaps (GIF, JPEG, QuickTime 3, PICT).

Fazendo um botão

1 *Para designar ações a um elemento, primeiro clique nele para selecioná-lo.*



2 *Depois converta-o em um botão, utilizando o Symbol Properties, no menu* Insert ▸ Convert to Symbol.

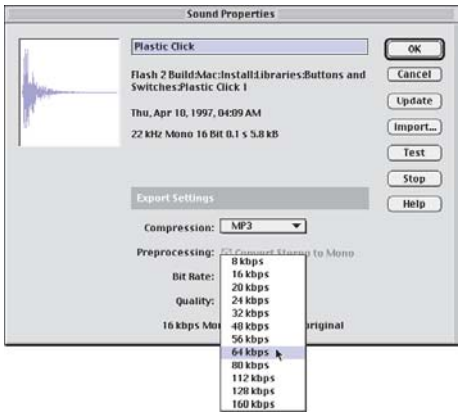


3 *Acione o menu de propriedades de instâncias através dos comandos* Modify ▸ Instance. *Escolha a opção Actions e clique no símbolo de "+".*



Repete! Não ouvi direito

Todo mundo sabe a importância que a faixa de áudio tem em uma peça multimídia. E o novo recurso que permite comprimir o áudio no formato MP3 é uma grande sacada do Flash 4.
Além da alta taxa de compressão do MP3, o áudio pode ser disponibilizado em streaming, o que facilita a utilização de longos trechos de áudio, como locuções e trilhas incidentais.
Existem várias opções para ajustar a compressão, variando de 8 a 160 kilobits por segundo (nunca é demais lembrar aos desavisados que, em geral, quanto maior a taxa de compressão maior é a deterioração do sinal original). Além disso, os áudios no formato streaming podem ser facilmente sincronizados utilizando a edição visual da timeline.



Grave o audio em várias taxas de compressão

Campos de textos editáveis

A crescente demanda de sites voltados para o comércio eletrônico, bem como a necessidade de aplicações personalizadas, exige cada vez mais a integração das ferramentas de autoria com os servidores Web. O recurso de edição de campos de texto incorporado à versão 4 permite desde a inclusão de campos para a entrada de dados até a mudança de textos não-editáveis utilizando fontes específicas que se alteram em função do valor atribuído a uma variável.
O princípio é bem simples: ao se criar um campo de texto, vincula-se a ele uma variável que determinará o seu conteúdo. A alteração do valor da variável pode se dar através da leitura de um aplicativo rodando no servidor Web ou através da coleta de um valor qualquer em alguma outra parte do Flash Movie. Por exemplo, pode-se modificar tabelas de preços, quantidades de produtos em estoque, números de acessos, previsão do tempo, minutos que faltam para o ano 2000 e até interessantes padrões de programação visual que se alteram dependendo da interação do usuário.
Mas como modificar o valor da variável dentro do Flash 4?

Ação!

Através do novo ActionScript, além de se modificar valores de variáveis, é possível criar coisas do arco da velha, como interfaces arrastáveis e menus hierárquicos. A idéia por trás das Actions é permitir graus mais sofisticados de interatividade sem exigir do Web designer grandes esforços de programação. Para isso existe um Action Tab onde estão presentes vários parâmentros pré-definidos.
Caso exista a necessidade de recursos mais refinados, o jeito é apelar para o editor de Expressions, que trabalha em conjunto com os Actions. No editor de Expressions pode-se incluir operadores lógicos associados a funções, que serão adicionados às linhas de programação dos Actions. Essa quantidade de janelas ajuda os não-programadores a categorizar os diversos componentes dos scripts. No entanto, quem é programador pode achar esse ambiente um pouco complicado demais para tarefas relativamente simples de programar.
Essa complicação bem intencionada sempre foi uma barreira para quem queria ingressar no Flash e já tinha experiências anteriores com outros programas de edição de animação/autoria, como o After Effects, Director e Authorware. Junto com a versão 4, são distribuídos tutoriais interativos que melhoraram muito em relação às versões anteriores e cobrem os aspectos gerais do programa.

Conclusão

O Flash mudou para melhor. Um grande passo foi dado no sentido tirá-lo do seu estágio de ferramenta de animação vetorial para ingressar no maravilhoso mundo dos ambientes de autoria. Ainda assim, falta um pouco para se tornar uma ferramenta madura, principalmente no que se refere a recursos de programação.
Outro buraco que definitivamente falta ser preenchido é a adição de recursos de 3D que se beneficiem das imagens vetoriais. Não faltam exemplos na Web de designers que utilizam o Flash para extrair resultados que simulam 3D, e quem já tentou sabe o trabalho que isso dá.
Por ora vamos nos contentar com o Flash 4 disponível também em português, que já é uma grande coisa. M

GIAN ZELADA gian@mamutemidia.com.br
Programa em Flash na Mamute Mídia.

FLASH 4

Macromedia: www.macromedia.com
Macromedia: 11-5185-2824
Preço: R$ 580

Apple Brasil: temos vagas



A última Fenasoft apresentou um retrato um tanto paradoxal da indústria de informática brasileira. A Apple era o único fabricante de computadores presente à feira. Nem Acer, nem IBM, nem Compaq, nem mesmo os tradicionais montadores de PC coreanos estavam por lá. O que se pode deduzir disso?

Bom, primeiro há o esgotamento desse modelo de evento, que atraía milhares de pessoas há alguns anos, mas que hoje, com ofertas diárias de equipamentos em supermercados que podem ser comprados por telefone ou pela Internet, é cada vez menos atrativo.

Em segundo está a necessidade da Apple de se mostrar presente no país. Todo mundo sabe que não basta ler ou ouvir falar do iMac para realmente se convencer de que ele é a melhor coisa que já apareceu na história da informática depois do Mac 128k. Mesmo com as AppleStores e a presença em algumas redes de varejo, a Apple ainda precisa de eventos como a Fenasoft. Tanto que se deu bem, vendendo 20% mais que a feira do ano passado.

Mas um terceiro ponto, ainda mais importante, é que a Apple hoje é o único grande fabricante que tem como carro-chefe uma máquina dirigida ao usuário doméstico. As grandes marcas de PC já perceberam há um bom tempo que a luta contra o PC frankenstein, sem marca – que na maioria das vezes possui uma configuração melhor e um preço mais baixo que o PC de griffe –, é inglória. Todas estão muito mais interessadas no mercado corporativo, que é onde rolam as grandes vendas e os grandes contratos de manutenção.

O usuário doméstico que compra Apple, entretanto, hoje tem uma máquina excelente, mas ainda recebe um péssimo atendimento pós-venda.

> Nos falta uma figura fundamental: o evangelista

Convenhamos, relacionamentos entre consumidor e empresa geralmente são uma coisa problemática. Mas com computadores, principalmente um que se autoproclama fácil de usar e livre de problemas, a coisa complica. Basta dar uma rápida olhada nos emails recebidos pelo editor desta revista semana passada para ver como andam as coisas:

- Um novo usuário já está há mais de um mês tentando trocar o teclado defeituoso do seu iMac, sem sucesso;
- Um consultor com anos de mercado, barrado na porta da lojinha do stand da Apple na feira por estar com seu PowerBook debaixo do braço, fez um spam para todas as publicações imagináveis, chamando a Apple Brasil de incompetente, insensível, feia e boba;
- Vários leitores que acabaram de comprar seu iMac 333 MHz começam a reclamar de inconsistências e bugs no Mac OS 8.6 em português (não confirmado. Até o fechamento desta edição não havíamos recebido o CD da Apple).

Tudo isso faz tremer quem se lembra da malfadada entrada da Apple no Brasil e a enxurrada de usuários insatisfeitos com seus Performas e com o atendimento pós-venda. Hoje a Apple tem o melhor computador do mercado; é natural que se espere um serviço no mesmo nível. É claro que não se pode exigir tudo ao mesmo tempo agora de uma equipe anoréxica como é a da Apple Brasil. São pouco mais de uma dúzia de pessoas para tomar conta de um mercado avaliado em 50 mil máquinas por ano e crescendo. A boa notícia é que a equipe vai crescer também.

Então é hora de aproveitar e torcer para que pelo menos um desses cargos seja preenchido por uma pessoa com um perfil diferente das pessoas que compõem a atual equipe. São todos profissionais competentes, boa gente, esforçados, conhecedores a fundo da plataforma. Mas ainda falta um componente. Nenhum deles se encaixa no *job description* que nasceu na Apple e até hoje é sua razão de ser: o Mac evangelista. O cara capaz de convencer qualquer um de que ele está perdendo o bonde da história se não começar a usar, vender ou fazer software para Macintosh. Para ajudar, até damos aqui um anúncio de classificado, basta copiar e colar:

"Empresa multinacional de informática procura funcionário de nível gerencial, comunicativo, com trânsito fácil entre usuários, consultores, revendas e clientes, capaz de entusiasmar platéias e proficiente em *spin control* e prevenção de incêndios. Necessários carisma, ***chutzpah*** e jogo de cintura. Tratar com Luciano."

Alguém assim é o que falta na Apple Brasil. Alguém que finalmente quebre o gelo que ainda persiste entre a empresa e a comunidade Mac, que facilite a vida dos consultores, que responda os emails dos usuários e que dê farta munição (camisetas, pins, patrocínio de CD-ROMs em revistas) para eles fazerem o que mais gostam: lutar pela sua plataforma. Não é difícil encontrar gente assim. Em seis anos, nós aqui na Macmania já encontramos mais de cinqüenta deles, que deram o sangue pela revista, como se o estivessem dando pela própria Apple. Alguns até já disseram que, se precisar, é só falar para onde devem mandar o currículo.

HEINAR MARACY
É editor da Macmania e odeia quando alguém vem dar palpite sobre como deve conduzir o seu negócio.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.